



piranga

# GAZETA DO PURUS

ANTONIO JOSÉ SOUTO LOUREIRO



5GC-39592  
-J. 838-





FUNDO EDITORIAL  
"PRIMEIRO LANÇAMENTO"  
Associação Comercial  
do Amazonas  
Patrocínio T. Loureiro & Cia  
Manaus 17 281

.....  
o autor

comp. 7758









Bt. Mário Ypiranga Monteiro  
Manaus Amazonas

# " GAZETA DO PURUS "



Bt. Mário Ypiranga Monteiro

Registro: 02655

Folha:

Data:





Antonio José Souto Loureiro

**" GAZETA DO PURUS "**

**SCENAS DE UMA EPOCHA**

(Senna Madureira, 1918/1924)

Manaus — Amazonas — Brasil

1981

Amaz  
981.13  
L8929



0892

Loureiro, Antonio José Souto

A "Gazeta do Purus"; scenas de uma época.  
(Sena Madureira — 1918-1924). Pref. Jorge  
Tufic.

Manaus, Imprensa Oficial, 1981.

236 p.

1. Purus — História. 2. Sena Madureira  
(1918-1924) — História. I. Título.

CDD 981.111

Capa de:  
Margarita (RITA) Silveira Loureiro





## I N D I C E

Prefácio .....	9
Introdução .....	17
O Purus .....	21
O Iaco .....	25
Os Primitivos Povoadores do Alto Purus .....	29
A Riqueza dos Altos Rios .....	33
O Ciclo do Baixo Purus .....	37
O Povoamento do Alto Purus .....	43
A Expedição do Juruema .....	51
A Expulsão dos Peruanos .....	57
O Departamento do Alto Purus e A Fundação de Sena Madureira .....	65
Gazeta do Purus .....	75
Sena Madureira, 1918-1919 .....	83
Os Estrangeiros .....	87
Seringais e Barrocha .....	95
A Gripe Espanhola .....	109
O Barco a Vapor .....	115
Política .....	123
As Onças .....	135
As Religiões .....	139
A Situação dos Índios .....	145
A Alimentação .....	151
A Companhia Regional .....	155
Cinema, Teatro e Música .....	159
O Carnaval de 1919 .....	167
A Instalação da Vila Castelo .....	171
Os 15 Anos de Fundação .....	175
Indicador Comercial .....	179
Duas Festas Inglesas no Acre .....	187
A Recepção ao Coronel Avelino Chaves .....	191
O Centenário da Independência .....	197
A Escola Normal .....	201
Areal Souto .....	209
Os Moradores de Sena Madureira .....	213
Seleta Literária .....	223
Relação de Eleitores .....	231









**PREFÁCIO**







Jorge Tufic

A pessoa menos indicada para escrever o prefácio deste livro, foi, contudo, um daqueles meninos que testemunhara, na década de trinta, ao estranho esplendor minguante desse período histórico (1918 a 1924) de maior intensidade na vida de Sena Madureira, que Antonio José Souto Loureiro conseguiu documentar em suas páginas. Mas o livro de Antonio José não é um mero documento retirado dos arquivos. Ele tem como respaldo uma estreita afinidade — telúrica e biológica — com o cenário e algumas das personagens de carne e osso, que se agitam no segundo plano destas “cenas de uma época”. Destas cenas e destes homens que sabiam estar encarnando os atributos de uma verdadeira odisséia. Daí porque a metodologia utilizada, levantando os antecedentes da conquista até o ponto em que os fatos dominam inteiramente a narrativa, isto é, até o ponto em que os feitos se estabilizam para ter início o estágio final do povoamento, representado na fundação e desenvolvimento da cidade, somente ratifica a coerência do autor à “forma didática” que já encontramos em “Síntese da História do Amazonas”, seu grande primeiro ensaio nesse ramo do conhecimento. Eu entendo que semelhante desempenho ressoa, de modo favorável, na intenção de mostrar os primórdios da luta a partir de William Chandless e do impressionante vaticínio, logo tornado obsoleto em face do avalanche migratório das secas do Nordeste, segundo o qual “séculos se passariam antes que as margens do Purus fossem habitadas por gente civilizada”, situando, dessa maneira, os confins inóspitos do maciço andino como um sério e último desafio a qualquer tentativa de domínio. A citação das fontes, ao término de cada parte do volume atesta, por outro lado, a idoneidade da pesquisa e o desejo que movera o pesquisador a uma franquia democrática do assunto, para que este, no futuro, possa despertar o interesse de todos os brasileiros, acrescentando-lhe possivelmente outras achegas importantes, revelados que estão, agora, os elementos básicos da formação embrionária do Município.



Os panoramas e acidentes descritos, mesmo sem o propósito de “fazer” literatura, são dos mais fascinantes, terríveis. Diríamos o primeiro plano de vasto painel trabalhado pela natureza, e protegido, durante séculos, por dezenas de tribos indígenas que se peitavam e combatiam, dispersando-se, enfraquecidas, em busca de maior segurança e fartura. A presença do caríua (branco ou pardo) marcaria, depois, o começo do ciclo tradicional de penetração e coleta de produtos da região. Em seguida, atraídos pela borracha e pela castanha, viriam as levas de nordestinos que, em 1880, tomaram rumos distintos. “Uma, subindo o Aquiri, chocou-se com a resistência boliviana, dando origem à epopéia de Plácido de Castro. A outra, continuando a subida do Purus, foi encontrar os caucheiros peruanos, com quem manteve violentas refregas, pela posse das terras do atual Município de Sena Madureira”. (Cap. “O Povoamento do Alto Purus”). A expulsão dos peruanos e o estabelecimento de posses em lugares estratégicos, dispensa comentário se lermos, do princípio ao fim, a carta-relatório assinada por Caetano Monteiro da Silva, em cujos parágrafos, secamente alinhavados, se encontram pormenores e revelações pitorescas para “a história futura do Yaco”. Há, também, neste capítulo do povoamento, referência a um distrito militar do efêmero governo de Galvez, no seringal Baixa Verde. A cinco de setembro de 1904 tem, finalmente, lugar a fundação da cidade de Sena Madureira, topônimo escolhido em homenagem a um dos bravos militares que se distinguiram na Guerra do Paraguai.

Detive-me, linha por linha, sobre todos os passos da nova cidade, onde nasci, por obra e graça das circunstâncias referidas na passagem dedicada aos estrangeiros, particularmente daqueles oriundos da Nova Fenícia, que escolheram esse caminho da América, trazendo, nos bolsos internos da indumentária, o odioso passaporte do Império Otomano. Nenhum relato anterior a esse, com exceção de um longo artigo de David Nasser, define com precisão a diferença entre turcos e libaneses, sírios ou armênios. Vi-me, pela primeira vez, ao lado de meu pai, anônimo ainda, mas atuante no famoso episódio do Estado Livre do Acre. Lembrei-me do Dr. Areal Souto, já idoso, envergando seu linho hj em direção à casa de seu irmão Teodomiro, e de tantos outros remanescentes da revolta que acabou dando na transformação do Departamento do Alto Purus em Município, enquanto o Governo Geral se instalava em Rio Branco. Uma filha de Teodomiro Souto, Juthe, viria a casar-se, em Manaus, com meu irmão José Tufic Jorge, numa romântica fidelidade aos nossos anos de infância, às margens do Yaco. A Sena de tanto fastígio, a Sena dos bondes de tração animal, a Sena dos Clubes, a Sena dos poetas, boêmios e oradores, a Sena desse notável progresso que lhe proporcionara



a economia da borracha, reduzia-se, aos poucos, a um longínquo segmento do Acre, subordinado política e administrativamente aos governadores gerais, nomeados pelo Presidente da República. Apesar disso, figuras como Areal Souto foram chamadas para governar o Território. A “Gazeta do Purus”, com suas folhas esturricadas pelo tempo, passa então a revelar essa fase de após-guerra, o apogeu da cidade, a convivência pacífica de várias raças, origens, credos, tendência política e condição social. A imprensa, combativa, aglutinando os valores inconformados, reflete, a seu modo e de acordo com a temperatura do momento, as mazelas e grandezas de uma época.

Nada escapara à observação do cientista, nem ao faro do escritor. Antonio José Souto Loureiro entregou-se de fato ao quebra-cabeça de reunir os pedacinhos de todas estas cenas e obteve, com êxito, uma sequência de informações corretas, minuciosas. Em “Seringais e Borracha” já aparecem os efeitos negativos para o chamado “ciclo do ouro negro”, por influência do mercado internacional, que “aviltara o preço da matéria-prima”. Casas aviadoras de tradição emitem seus avisos “aos amigos e comitentes do Interior”, alterando os custos da mercadoria. Falem os sistemas arcaicos de aviamento. Quilômetros de terrenos produtivos são postos à venda, alugados ou leiloados. “A Gripe Espanhola” é outro capítulo que arrepiava os cabelos. Em sua voragem, por coincidência, o jovem Tufic daqueles idos, meu pai, tivera sua vasta cabeleira ceifada ao rigor da epidemia. Escapou, mas perdera os cabelos, talvez pela ação dos fortes paliativos manipulados, às pressas, na botica do Roque. Com a rolança dos meses, porém, teve-os recuperados, em parte. Costumava aludir ao “zero” forçado da gripe, em tom de brincadeira. Dizia, aos curiosos: “Antes ter poucos cabelos na cabeça, do que tê-la igual a do Bathich” (nome de um patrício careca, natural de Batroun, no Líbano). Os capítulos prosseguem, tratando de política, do caso das onças, religião, problema indígena, alimentação, banda de música, filarmônica, cinema, teatro (com peças e atores da própria localidade), carnaval, instalação da Vila Castelo, os quinze anos do marco, propaganda comercial, festas inglesas, recepção de coronéis, o centenário da Independência, a Escola Normal, biografia de Areal Souto, relação de moradores, seleta literária e relação de votantes.

Muitas lembranças paralelas eu poderia evocar, nestas palavras de reconhecimento e saudade, mais do que de prefácio, naturalmente, sobretudo no que pertine aos moradores de Sena Madureira, à folia de momo e à vida cultural do Município. Isto, porém, refoge ao objetivo deste esboço. Entretanto, não posso evitar a tentação de conferir nota dez ao empenho e ao desvelo com que se houve o autor desta obra, incluindo nela a oportuna biografia de seu avô, o



eminente advogado, jornalista, tribuno e poeta Antonio Pinto do Areal Souto. Este esboço biográfico, juntamente com a lista de moradores e a seleta literária recolhida na coleção (incompleta) da “Gazeta do Purus”, bastariam, pelo que trazem de belo, vigoroso e evocativo, como expressão artística e moral de uma época, para justificar o sacrifício e o idealismo desses austeros veteranos do Yaco. O discurso de Areal Souto, proferido na sessão de instalação da Escola Normal, é uma peça oratória de fôlego onde a verdade assume o caráter de uma gravação oral, na memória dos presentes, do que fora realizado pela comunidade puruense. Eis um tópico do discurso:

“...quem quer que lance um olhar nesta história, que ainda paira no doce sincretismo das tradições orais; quem quer que procure acompanhar as tendências egressas dos povoadores da região, verá que o Purus apresenta-se na vida acreana, como a fonte inspiradora de suas grandes causas, modelando no afã de um gênio altamente progressivo, as conquistas benfazejas das nossas melhores franquias. Como intérprete dos sentimentos humanos, foi aqui onde brotou primeiro no Território, essa flor de Misericórdia, que se chamou Hospital da Caridade, no ano de 1908; foi aqui onde a família se fortaleceu primeiro, na formação de uma sociedade, arquétipo de moralidade e austeros costumes; foi aqui onde a arte levantou o primeiro teatro, na doce tertúlia de amadores, até sua integração no Centro Arthur Azevedo; foi aqui onde se fez editar a primeira revista literária, onde cintilaram as penas de Carlos Vasconcelos, Nilo Guerra, Mattias Olímpio, Jesuíno Albuquerque e outros; foi aqui onde a instrução, sob o impulso do prefeito Samuel Barreira, atingiu a supremacia de um instituto altamente modelar, e, agora, finalmente, é aqui que essa tendência de operar, de fazer, de criar, chega à cusadia de tomar sobre si a responsabilidade de uma Escola Normal”.

E ali estamos nós sob o número 38 (José Jorge & Irmãos) da rua Amazonas. Era a *Loja Trez Irmãos*, que eu relembro em minhas crônicas pares, sob o título de “A Casa do Tempo”, livro ainda inédito. Reportando-me aos três irmãos (José, Estevam e Tufic) será de justiça lembrar que dois deles participaram ativamente nas lutas desse período. Toufic Jorge e José Jorge tomaram parte na defesa de Sena Madureira, por ocasião do bombardeio cerrado contra a cidade, partido de uma corveta ou canhoneira, com ordens para derrubar o governo rebelde, provisoriamente no poder. Era presidente da República o Marechal Hermes da Fonseca, que adotou a “política das salvações” (Pernambuco, Amazonas e Bahia). Participaram dessa luta, entre brasileiros e libaneses, as seguintes pessoas: José Belarmino e seu irmão (morto na trincheira, com um tiro na testa), Isaac e João Sarkis, Salim de tal, Sardinha de tal, José e



Toufic Jorge Alaúzo, Atala, Millet, Jorge Cecy, Miguel da Laila, Almeida Cabeça Branca, João Galo, Fares Akel e Vicente Bezerra. Alguns deles já haviam lutado sob a bandeira de Plácido de Castro, no episódio histórico da “Empresa”. Em “Dados sobre a cidade de Sena Madureira” (lembração do prof. Luiz Barros da Costa ao escriba destas linhas), lê-se: Fatos lutosos e funestos para Sena Madureira ocorreram em 1912, quando revoltosos, sob a bandeira autônoma, depuseram o Prefeito Cel. Tristão de Araripe e estabeleceram o Governo Revolucionário. Desses fatos muito impressionou o incêndio do edifício da Prefeitura. De 07 de maio a 08 de junho de 1912, o Departamento do Alto Purus esteve sob o poder da junta governativa revolucionária, que o proclamou independente, sendo que essa anormalidade teve fim com a intervenção do governo federal, que enviou tropas, as quais, após ligeiro combate, repuseram as autoridades legais.

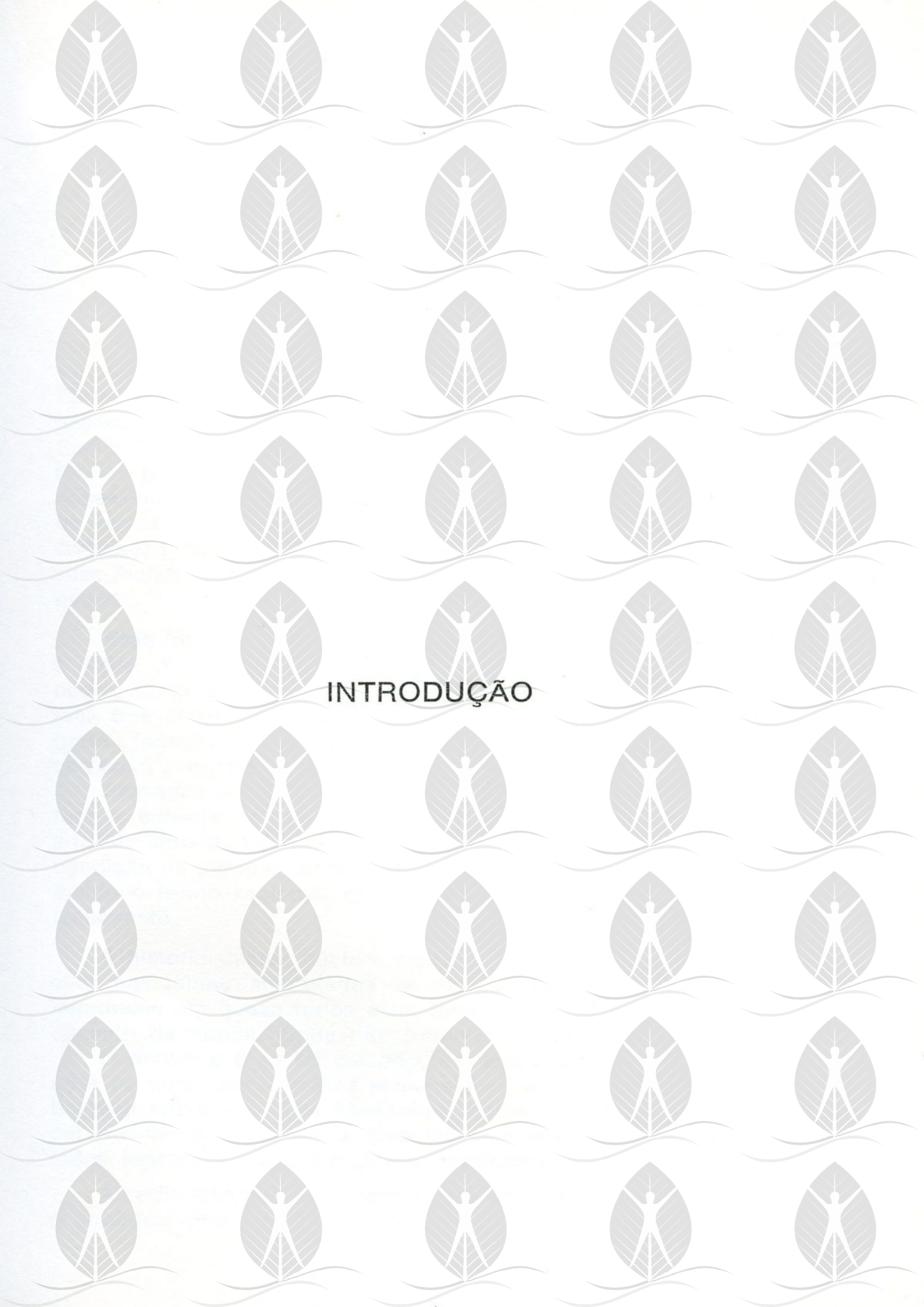
Todavia, é a divisão da “Seleta Literária” o que mais surpreende no contexto da história. Encontro aí sonetos antológicos para o tempo em que foram publicados. Confrontando-os ao que se fazia, no gênero, em centros culturais mais evoluídos, nada ficarão a lhes dever, seja na forma parnasiana, seja no conteúdo. A diferença, a meu ver, entre os sonetos produzidos pelos vates do Acre e aqueles, na sua maioria, produzidos em Manaus, Belém, Maranhão ou Rio de Janeiro, consiste no fato de os primeiros servirem de inspiração para uma data, um momento, um acidente, um fenômeno da natureza, enfim, para uma circunstância. Seus autores não eram, rigorosamente, poetas, nem de poetas se intitulavam. A poesia, neles confunde-se com a oratória, a retórica, e, como sua afluente, empresta-lhes o recurso das imagens que empolgam, da rima que entusiasma. No entanto, eu percebo, hoje, que o velho Areal Souto, para fazer o que fez, realizar o que realizou, deve ter sido, com certeza, mais poeta do que Juiz, mais jornalista do que político, mais intérprete das lutas e contradições de uma época, do que propriamente dramaturgo. “Silêncio”, título de um soneto outoniço de sua lavra, é bem uma prova do que arrisco afirmar, sem propósito de crítica.

Enfim, leiam o livro, que vale a pena. E eu farei o mesmo, relendo-o. Porque tudo fica muito diferente, quando em letra de forma.









INTRODUÇÃO







Em 1866, o explorador William Chandless, após palmilhar o Purus, guiado pelo sertanista amazonense Manuel Urbano da Encarnação, vaticinava, através do “Journal of the Royal Geographical Society”, que “séculos se passariam antes que as margens do Purus fossem habitadas por gente civilizada”. A predição falhou, pois as necessidades mundiais levaram milhares de nordestinos a povoarem os vastos seringais puruenses, durante o ciclo da borracha, e a civilização subiu com eles, estabelecendo inúmeras cidades às suas margens, que tiveram um rápido desenvolvimento para aquela época.

Esse foi o caso de Sena Madureira, plantada, no Iaco, para ser a sede do Departamento do Alto Purus, e, que graças ao ouro negro, progrediu espetacularmente, em 15 anos, possuindo, então, uma boa estrutura urbana, porto movimentado, luz elétrica, telégrafo, jornais, espetáculos teatrais, vida política e social intensa, comércio progressista e até uma linha de bondes.

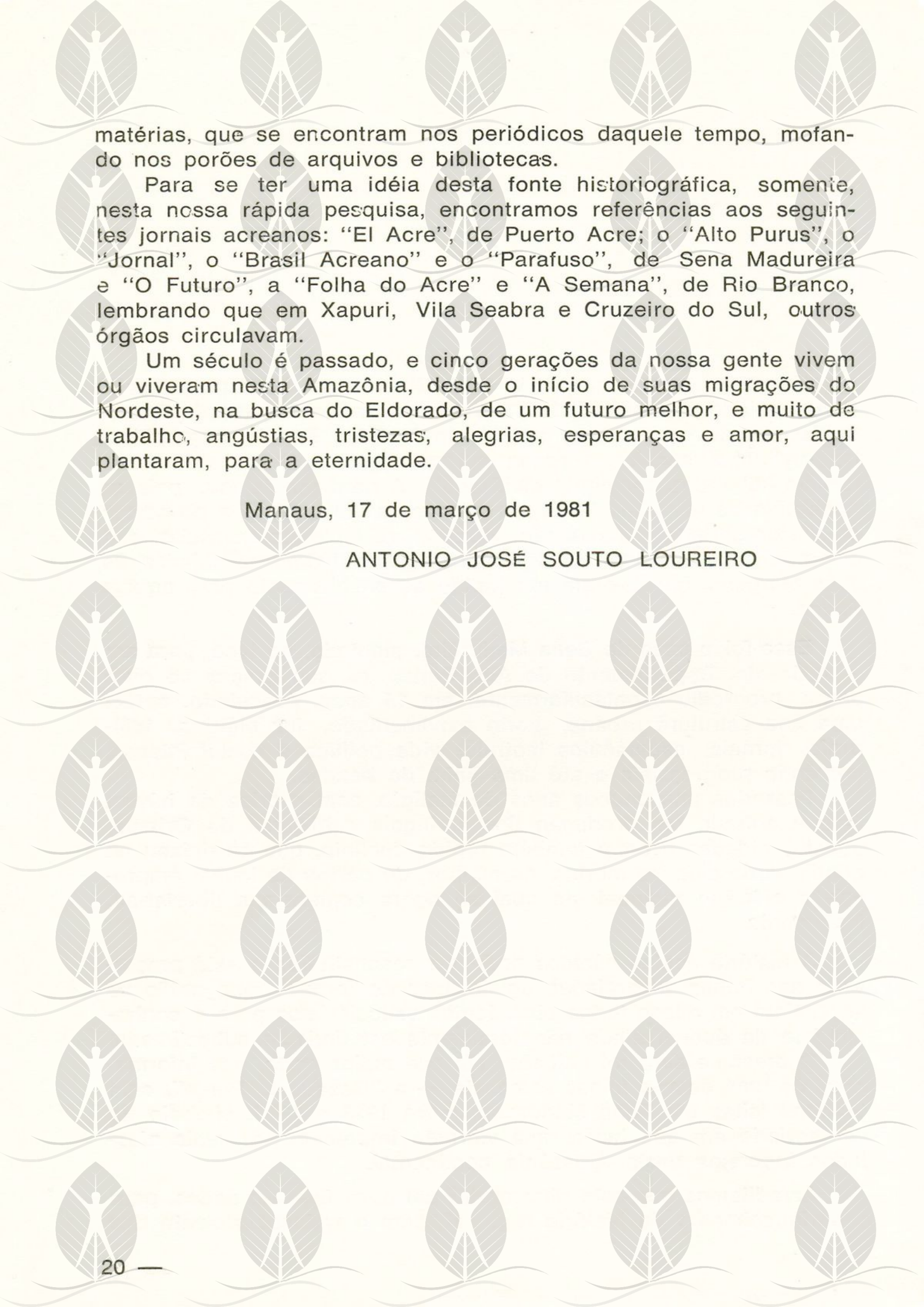
Passados uns poucos anos de fastígio, com a crise da hévea, face a entrada em produção dos seringais cultivados do Oriente, aquelas cidades tiveram também rápido declínio, que as deixou na condição de cidades mortas, ou melhor, de portos de lenha, empregando o termo regional, da qual só agora começam a libertar-se, lentamente.

A história destes núcleos pode ser reconstituída e está preservada nas folhas amareladas de dezenas de jornais, que então se imprimiam em quase todos eles, fontes valiosíssimas para o conhecimento da época, ainda não totalmente estudada, e subestimada.

O presente livro foi calcado, em sua maior parte, nas informações de uma dessas folhas semanais — a “Gazeta do Purus”, com tiragens feitas em Sena Madureira, entre 1918 a 1924, símbolo de um período em que havia uma vibrante Imprensa, nos mais afastados lugarejos desta Amazônia continental.

Acreditamos que esta obra abrirá um novo filão de dados, para o enriquecimento da história regional, com o redescobrimiento das





matérias, que se encontram nos periódicos daquele tempo, mofando nos porões de arquivos e bibliotecas.

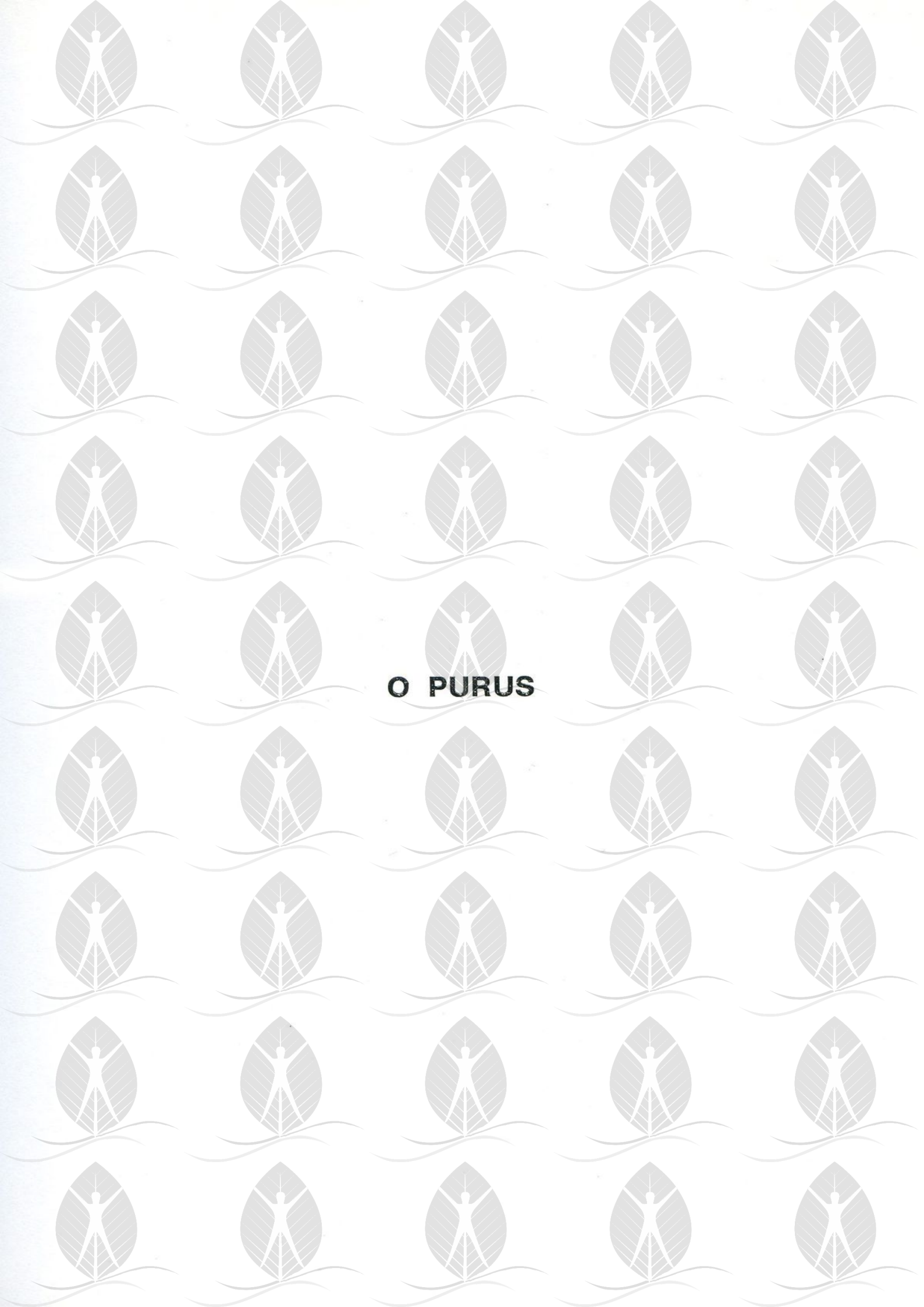
Para se ter uma idéia desta fonte historiográfica, somente, nesta nossa rápida pesquisa, encontramos referências aos seguintes jornais acreanos: “El Acre”, de Puerto Acre; o “Alto Purus”, o “Jornal”, o “Brasil Acreano” e o “Parafuso”, de Sena Madureira e “O Futuro”, a “Folha do Acre” e “A Semana”, de Rio Branco, lembrando que em Xapuri, Vila Seabra e Cruzeiro do Sul, outros órgãos circulavam.

Um século é passado, e cinco gerações da nossa gente vivem ou viveram nesta Amazônia, desde o início de suas migrações do Nordeste, na busca do Eldorado, de um futuro melhor, e muito de trabalho, angústias, tristezas, alegrias, esperanças e amor, aqui plantaram, para a eternidade.

Manaus, 17 de março de 1981

ANTONIO JOSÉ SOUTO LOUREIRO





**O PURUS**







O rio Purus, afluente da margem direita do Amazonas, é um dos maiores cursos de água do Planeta, com seus 3.209 quilômetros de extensão. Nasce em terras peruanas, na serra de Contamana, contraforte andino, que o separa da bacia do Ucayali, e que penetra em território brasileiro, servindo de nascente, também, para maior parte dos seus primeiros afluentes.

A sua foz, no Solimões, é constituída por extensos igapós, que chegam a ter 80 milhas de largura, e por quatro bocas principais, denominadas Purus, Paratari, Cuiuaná e Cuchiuara, pelas quais fluem mais de 10.000 metros cúbicos de água por segundo.

Os práticos dividem este grande rio em duas seções diferentes: o Baixo Purus, da sua foz à sua confluência com o Acre, o Aquiri dos indígenas, e o Alto Purus, daí até as nascentes.

Devido à sua grande extensão, atravessando vários graus de latitude, os regimes das duas seções não coincidem, pois, enquanto nos meses de maio e junho o baixo curso transborda, invadindo suas margens, nos altos rios as praias encontram-se de fora, denunciando a vazante.

O Baixo Purus é um rio de planície, sinuoso e de volumosas águas barrentas, navegável, a maior parte do ano, por barcos de 150 a 200 toneladas, e por navios maiores nas enchentes.

O Alto Purus é estreito, atravancado por troncos de árvores e correndo em terras firmes. O seu volume aumenta bruscamente com as chuvas, formando violentas enxurradas, os famosos repiquetes. Em Boca do Acre, início da seção alta, a 1.380 milhas acima da foz, o caudal tem 150 metros de largura e está a apenas 105 metros acima do nível do mar. Daí para cima, a sua profundidade diminui, variando de uma a seis braças, tornando difícil a navegação, mesmo para pequenos vapores.

Os principais afluentes do Alto Purus brasileiro são o Santa Rosa e o Macapá, pela margem esquerda, e o Chandless, o Iaco,





com seus afluentes Macauã e Caieté, e o Aquiri (Acre), pela margem direita.

Excetuado este último rio, pertencente à esfera de influência de Rio Branco, é, nos demais, que se passaram os acontecimentos fixados neste livro, irradiados do foco de civilização instalado na cidade de Sena Madureira, plantada à margem esquerda do Iaco, o Yuacu, dos primitivos iacoaras.

Fonte: Agnello Bittencourt — Chorografia do Estado do Amazonas — Tipografia Palácio Real — Manaus — 1925.





**O IACO**







Riquet Nogueira, em 1919, fixou a paisagem deste rio, durante o verão, nos seguintes trechos:

“Quem já subiu o Yaco durante o rigor do verão, compreendido entre os meses de julho e meados de outubro, pôde verificar de perto o estado apático que este rio apresenta, resumido, por assim dizer, a um leito insignificante em certos pontos, e cujas águas canalizadas naturalmente, circulam, desde que cessa o período mais agudo das chuvas, num espaço por demais estreito, e, portanto, acessível somente a embarcações de muito limitado calado”.

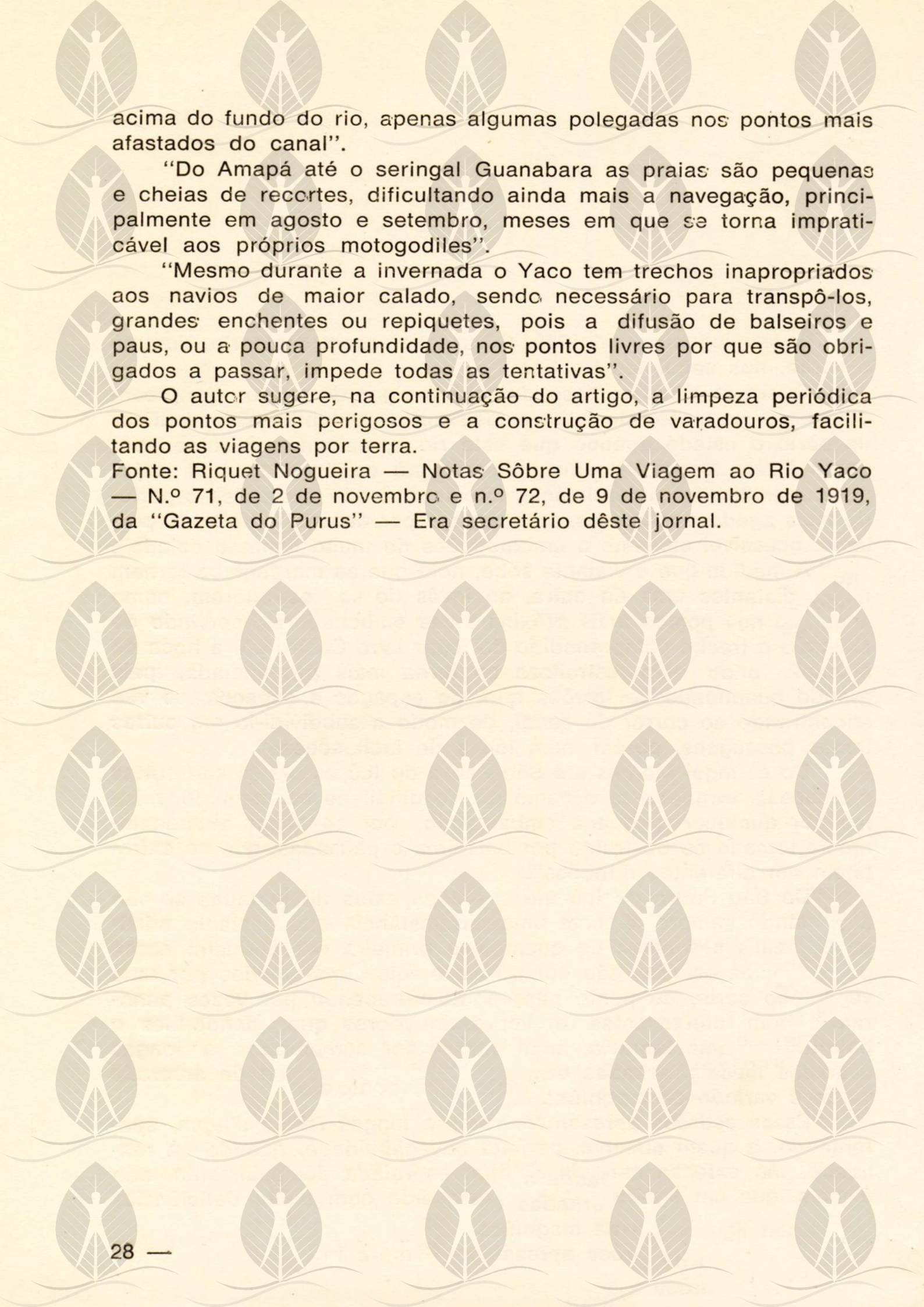
“À medida que o viajante sobe, nota que as margens se tornam mais distantes uma da outra, ao invés de se estreitarem, como acontece nos pontos mais próximos das embocaduras, servindo de exemplo o trecho compreendido do lugar Lyra Castro até a boca do Macauã, onde esta estreiteza se torna mais pronunciada, pela grande quantidade de torrões que, de espaços a espaços, se vão encontrando ao correr do canal, de modo a subdividi-lo em outras tantas passagens, porém, nem todas de fácil acesso”.

“Do seringal Mercês até São Pedro do Icó as praias são curtas e sinuosas, tornando-se o canal do rio difícil de ser seguido, mesmo por qualquer pequena embarcação, por se achar abundantemente tomado ou obstruído por balseiros e pausadas, que se entropõem em diferentes direções”.

“De São Pedro do Icó até o Amapá estas dificuldades se vão acentuando sempre, e, com uma circunstância que bastante admiração causa aos olhos de quem pela primeira vez perluastra essas paragens: os estirões são compridos e retos, marginados por uma vegetação certa, de ponto para ponto, oferecendo por vezes panoramas bem interessantes e impressionadores que, dando-lhes o colorido de uma fantasia, bem podem ser comparados a longas avenidas fluviais, ornadas esquisitamente pelo renque do arvoredado verde e variado da magnífica flora amazônica”.

“Esses estirões apresentam sempre longas faixas d'água, aparentando, a quem observa, perfeita navegabilidade, quando na realidade, tão extensa camada d'água, espriada desigualmente, não é mais que um ligeiro disfarce estendido com muita deficiência,





acima do fundo do rio, apenas algumas polegadas nos pontos mais afastados do canal”.

“Do Amapá até o seringal Guanabara as praias são pequenas e cheias de recortes, dificultando ainda mais a navegação, principalmente em agosto e setembro, meses em que se torna impraticável aos próprios motogodiles”.

“Mesmo durante a invernada o Yaco tem trechos inapropriados aos navios de maior calado, sendo necessário para transpô-los, grandes enchentes ou repiquetes, pois a difusão de balseiros e paus, ou a pouca profundidade, nos pontos livres por que são obrigados a passar, impede todas as tentativas”.

O autor sugere, na continuação do artigo, a limpeza periódica dos pontos mais perigosos e a construção de varadouros, facilitando as viagens por terra.

Fonte: Riquet Nogueira — Notas Sôbre Uma Viagem ao Rio Yaco — N.º 71, de 2 de novembro e n.º 72, de 9 de novembro de 1919, da “Gazeta do Purus” — Era secretário dêste jornal.





**OS PRIMITIVOS POVOADORES  
DO ALTO PURUS**







Os primeiros povoadores das barrancas do Alto Purus foram, possivelmente, os povos dos grupos catuquina e tacana, pertencentes ao estrato étnico mais antigo da Bacia Amazônica, relacionados à cultura marginal.

Posteriormente, em um passado talvez remontando a 3000/AC, povos agricultores invasores, da cultura de floresta tropical, ocuparam a região, representados pelas nações aruaques e panas. Os tacanas foram então aruaquisados, e os catuquinas refugiaram-se nas zonas mais centrais.

A invasão dos panos restringiu-se, principalmente, ao Alto Juruá, embora algumas de suas hordas tenham atingido o Purus. Esta penetração deve ter sido posterior a dos aruaques, e constituída de campas e nauás.

Os aruaques, com o correr dos tempos, predominaram na área do atual município de Sena Madureira, onde à época dos primeiros contatos com os brancos viviam os ipurinãs, cachararis, cangutus ou cangitis, no Purus e no Iaco, estendendo-se pelo Acre e Ituxi; os uainamaris ou inamarés, no Purus, Caiaté e Macauã; os maniteneris ou manitineris, no Macauã e Caiaté; os canamaris, no Purus; os cuchiteneris, cuchicheneris, cujijeneris ou cajineris, no Purus, os catianás ou cassianás, no Purus; os piros e contaquiros, na fronteira com o Peru, e os paumaris ou pamaris.

Caetano Monteiro da Silva, português, um dos primeiros civilizados a penetrar no Iaco, por volta de 1880, relata a inexistência de índios neste rio, àquela época, que estavam restritos ao Macauã e ao Caieté ou Caiaté, todos pacíficos — manitineris, ipurinãs e inamarés.

Fontes: Caetano Monteiro da Silva — Depoimento escrito a 22 de dezembro de 1909, a pedido de Samuel Barreira, prefeito do Departamento do Alto Purus, publicado a 16 de janeiro de 1910, no jornal "O Alto Purus" e republicado na "Gazeta do Purus", por Soares Bulcão, nos n.º 21, de 31 de outubro e 22, de 17 de novembro de 1918.

Antonio José Souto Loureiro — Amazônia — 10 000 Anos —  
A publicar.



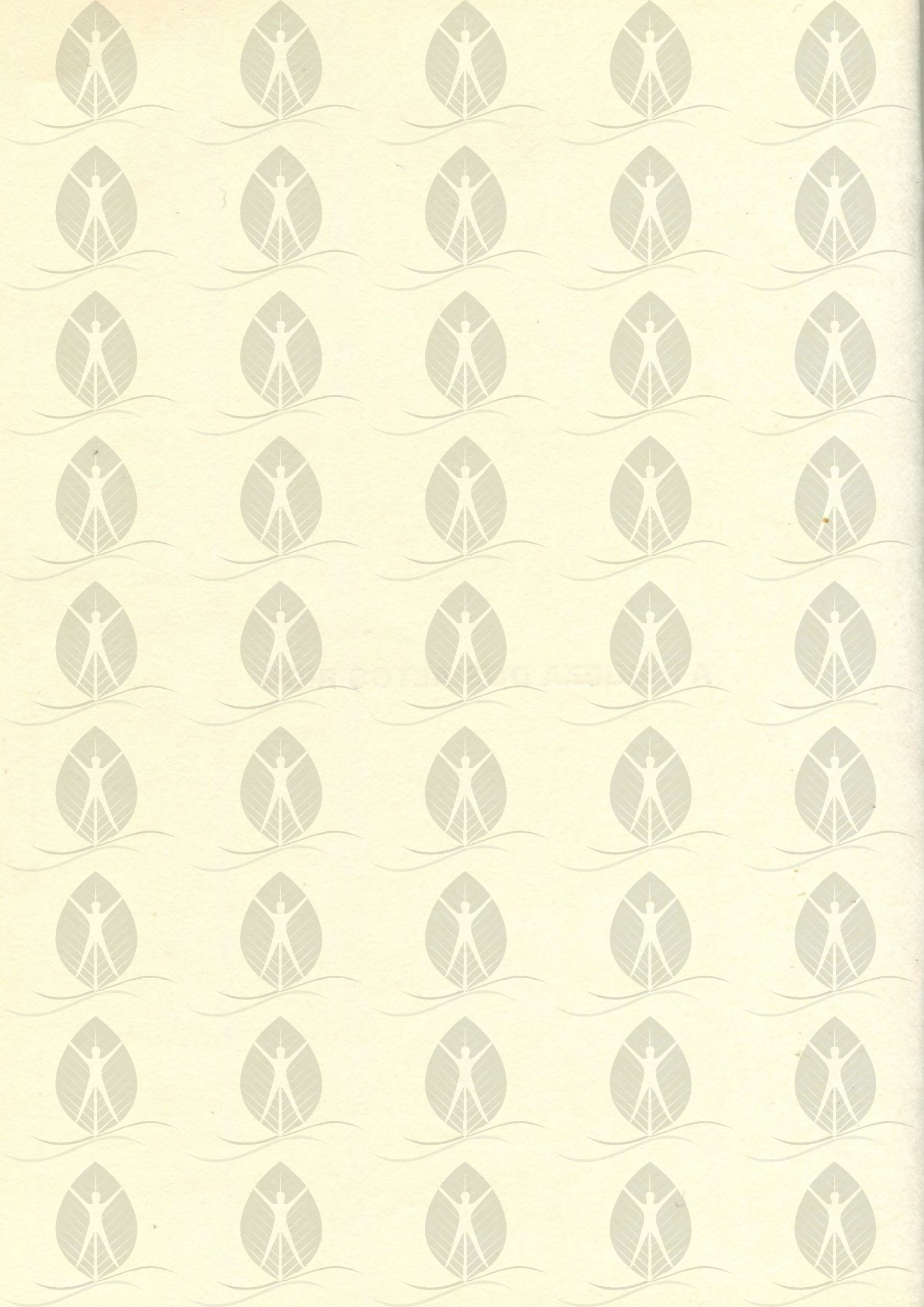




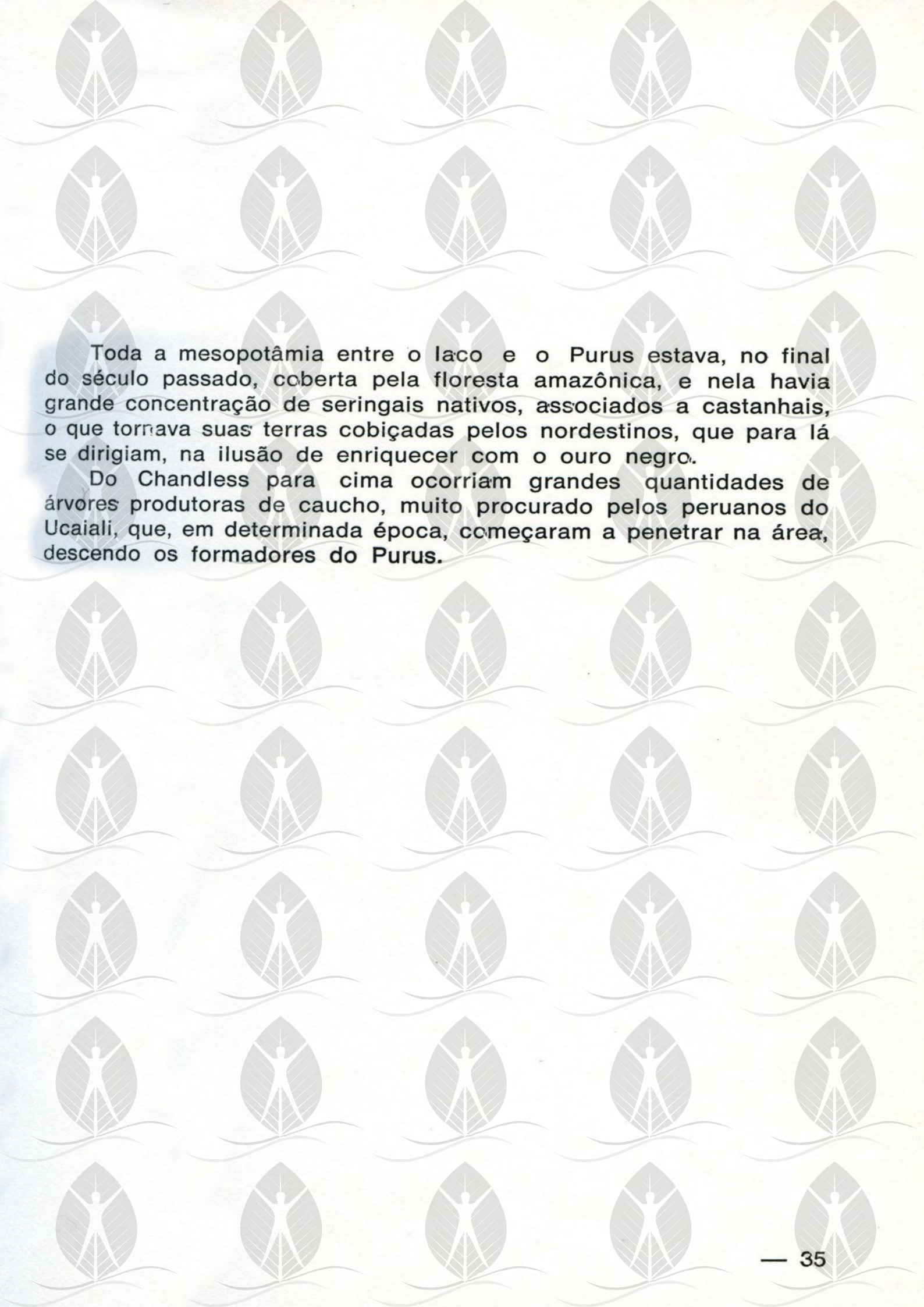


**A RIQUEZA DOS ALTOS RIOS**









Toda a mesopotâmia entre o Iaco e o Purus estava, no final do século passado, coberta pela floresta amazônica, e nela havia grande concentração de seringais nativos, associados a castanhais, o que tornava suas terras cobiçadas pelos nordestinos, que para lá se dirigiam, na ilusão de enriquecer com o ouro negro.

Do Chandless para cima ocorriam grandes quantidades de árvores produtoras de caucho, muito procurado pelos peruanos do Ucaiali, que, em determinada época, começaram a penetrar na área, descendo os formadores do Purus.









**O CICLO DO BAIXO PURUS**







Pelo Tratado de Madri (1750) as terras de Portugal e da Espanha ficaram delimitadas, no sudoeste da Amazônia, por uma linha leste-oeste, partindo do rio Madeira, de um ponto situado à meia distância entre a foz do Mamoré e o Amazonas, até encontrar as nascentes do Javari. O Tratado de Santo Idelfonso (1777) confirmou aquela linha, traçada através de regiões inteiramente desconhecidas. Se tivesse prevalecido esta fronteira, um total de mais de 400.000 quilômetros quadrados, abrangendo os municípios amazônicos de Humaitá, Lábrea, Canutama, Pauini, Boca do Acre, Eirunepé, Ipixuna e Envira, e todo o Acre, seriam, atualmente, bolivianos ou peruanos.

Com a independência dos países sul-americanos, a imensa região permaneceu terra de ninguém, desconhecida e não penetrada, povoada por nações indígenas, umas pacíficas, outras arredias e agressivas.

O primeiro passo para a sua ocupação coube ao Brasil. Em 1850, reconhecendo a necessidade de proteger suas fronteiras, na Amazônia Ocidental, o Império criou a Província do Amazonas e estimulou a formação da Companhia de Comércio e Navegação do Alto Amazonas, do barão de Mauá, destinada a facilitar os transportes e o comércio nos rios amazônicos.

A esta altura, o Peru reivindicava suas fronteiras, nos termos do Tratado de Santo Idelfonso, exigindo as terras ao sul da linha Madeira-Javari, e as da margem esquerda do Solimões, acima do Japurá, além de postular a abertura do rio Amazonas à navegação internacional, a fim de possibilitar o acesso às suas regiões amazônicas, isoladas do resto do país, pelos Andes.

Pelo Tratado de 23 de outubro de 1851, vitória diplomática brasileira, o Peru cedia o trecho do Solimões acima do Japurá, subvencionava a companhia de Mauá com dois mil dólares anuais, e concordava em que se mantivesse o Amazonas fechado. Contudo, para contrabalançar a criação da Província do Amazonas, a nação vizinha estabelecia, em 1853, o Governo Militar e Político de Loreto, destinado a proteger seu território. (1)



A partir desta época deu-se o avanço brasileiro pelos cursos do Purus e do Juruá, interessando-nos, neste livro, apenas as vicissitudes ocorridas no desbravamento do primeiro.

O Purus era conhecido, poucos quilômetros acima de sua foz, pelos diretores de índios, cargo instituído em 1845, e pelos droguitas, que ali iam buscar a salsa, a quina, o cumaru e outros produtos raros, de muita procura, desde o início do século XIX. Entre os diretores de índios do Purus citamos João Cametá (1848/53) e Joaquim Bruno de Souza, a quem devemos as primeiras descrições das tribos da região.

A Província do Amazonas organizou uma pequena expedição, a cargo de Serafim da Silva Salgado, com o objetivo de explorar a região puruense, que se constituiu no primeiro ato oficial com aquela finalidade. Compunha-se de duas canoas, com um cabo de esquadra, doze praças e doze índios remeiros. Saída de Manaus, a 10 de maio de 1852, subiu o rio por quatro meses e dezenove dias, atingindo a sétima maloca cocama, acima do Xeruni e do Canaquiri. (2)

No lago Aiapuá, no Baixo Purus, já estava localizado o pernambuco Manuel Nicolau de Melo, que ali se fora estabelecer, naquele ano, atraído pela riqueza dos castanhais e seringais, que haviam sido descobertos. A Igreja, através de frei Pedro de Ceriana, fundara, a 24 de julho de 1854, a missão de São Luís de Gonzaga, que não prosperou (2).

Em 1857, João Gabriel de Carvalho Melo, um dos primeiros cearenses a chegar ao Purus, atraído pela borracha, foi instalar-se em Itapá, na foz do rio, de onde subiu para o Beruri, em 1862, e, depois, para o lago Tauariá (3).

A nação indígena dos muras predominava nestes sítios, tendo ajudado os primeiros povoadores com trabalho, conhecimentos ecológicos e fornecendo-lhes produtos para as trocas — peles, couros, tartarugas, farinha, castanha e borracha:

É neste tempo que surge a figura do bandeirante amazonense Manuel Urbano da Encarnação. Em fevereiro de 1861, a mando do Governo Provincial, subiu o Purus até o Aquiri, por onde viajou por vinte dias. Em nova peregrinação, a 16 de fevereiro de 1862, acompanhado pelo major João Martins da Silva Coutinho, a bordo do navio "Pirajá", alcançou Hiutanaã, de onde regressaram por falta de mantimentos (2). Mais tarde, com William Chandless, a 16 de maio de 1864, iniciou nova exploração, que os levou às cabeceiras do Purus (2). Assim, Manuel Urbano, em três anos, conseguia revelar para o Mundo, toda a extensa bacia daquele rio, até então desconhecida.



Diante destas movimentações brasileiras, o Peru e a Bolívia apressaram-se em barrá-las, temendo a invasão das terras além da linha Madeira-Javari, paraíso da Hevea brasiliensis, cujo ciclo econômico começava a esboçar-se. O Peru ainda lutava pela abertura do rio Amazonas, tendo os navios “Propero” e “Pastaza” rompido o bloqueio da fortaleza de Óbidos, e inaugurado o porto de Iquitos, em 1864 (1). A abertura definitiva só ocorreria a 7 de dezembro de 1866, quando o Brasil concordou em internacionalizar a navegação do grande rio.

Os dois países andinos procuraram definir as suas fronteiras amazônicas incertas. A Bolívia fixou-as com o Brasil, por uma linha traçada da foz do Beni até as nascentes do Javari, pelo Tratado de Ayacucho, de 27 de março de 1867. O Peru protestou contra este tratado e solicitou a demarcação da fronteira do Javari e da linha Tabatinga-Apaporis, iniciada em 1868.

A escalada pelo Purus continuava. Em 1871, o coronel Antonio Rodrigues Pereira Labre fundou a atual cidade de Lábrea e, em 1872, acompanhado pelo engenheiro Alexandre Haag, subiu o rio, um pouco acima de Lábrea (4). Em 1873, Barrington Brown e W. Lindstone, funcionários da Amazon River, subiram até Hiutanaã, a bordo da lancha “Guajará”, do comandante Guilherme Gustavo Waffner, alemão de Watin, que se fixou no Purus a partir daquele ano. Waffner foi um dos primeiros a subir até o Chandless, em lancha a vapor, tendo falecido no seu seringal Bom Lugar, em 1909 (4).

Em 1874, Manuel Urbano da Encarnação fundava a Nova Colônia de Bela Vista, futura cidade de Canutama (2). Estava completo o ciclo de povoamento e exploração do Baixo Purus. As novas terras a serem palmilhadas ficavam no Alto Purus, acima de Boca do Acre, além da linha Beni-Javari.

#### FONTES:

- 1 — Pedro Felipe Cortazar — Loreto — Documental del Peru — Volume XVI — Novembro de 1964.
- 2 — Relatórios dos Presidentes da Província do Amazonas.
- 3 — Arthur César Ferreira Reis — O Seringal e os Seringueiros — Rio — 1954.
- 4 — Soares Bulcão — Subsídio Para a História do Departamento do Alto Purus — N.º 21, de 31 de outubro e n.º 22, de 7 de novembro de 1918, da “Gazeta do Purus”, da qual era redator.









**O POVOAMENTO DO ALTO PURUS**







O povoamento do Alto Purus deveu-se à iniciativa de João Gabriel de Carvalho Melo, cearense de Uruburetama, que vivia no Baixo Purus desde 1857.

Em 1874, após uma estada em Manaus, João Gabriel voltou à sua propriedade de Tauariá, onde deixou homens e mercadorias e, em junho daquele ano, foi até a confluência do Aquiri, onde constatou a existência de extensos seringais, iniciando um fábrica, com o auxílio dos índios ipurinãs. Em dezembro, voltou ao Tauariá, vendendo a borracha obtida, reabastecendo-se, e retornando à boca do Aquiri, para a safra do ano seguinte.

Em dezembro de 1875, baixou o rio com destino a Belém, de onde partiu para o Ceará, chegando em 1876, após longos anos de ausência.

Em abril (1), ou mais precisamente, a 3 de abril de 1877, conforme a maior parte dos autores, ou a 3 de março de 1878, de acordo com Leandro Tocantins (2), que foi buscar esta data em carta da época, João Gabriel, de volta do Ceará, chegava à boca do Aquiri, financiado pelo visconde de Santo Elias, rico comerciante de Belém. Poucos dias antes apossara-se do comando do navio "Anajás", de 305 toneladas, aprisionando o comandante Julio Marques Carepa, que se negara a continuar a viagem, tão longe, em rios desconhecidos. Vinham no navio 56 cearenses de Uruburetama, um amazonense, um paraense, um piauiense e um português. Entre estes passageiros estavam os sobrinhos de João Gabriel — José de Matos, Chagas Souza e Alexandre Oliveira Lima. (1). Neste local surgiria a atual cidade de Bôca do Acre.

A partir deste estabelecimento, a onda migratória nordestina, reforçada pelas constantes levas decorrentes da sêca de 1877, que se prolongou até 1880, tomou duas direções distintas. Uma, subindo o Aquiri, chocou-se com a resistência boliviana, dando origem à epopeia acreana de Plácido de Castro. A outra, continuando a subida do Purus, foi encontrar os caucheiros peruanos, com quem manteve violentas refregas, pela posse das terras do atual Município de Sena Madureira.



Acima de Bôca do Acre, pelo Purus e pelo Iaco, foram primeiros ocupantes o coronel José Ferreira de Araújo, do seringal Liberdade; Agostinho Escóssio Vieira, do São João, no Iaco; Caetano Monteiro da Silva, dos seringais Silêncio e Destêrro, no Iaco, desde 1880; José Alves de Oliveira, do Santa Clara; Hermínio Rodrigues Pessoa, o primeiro morador de Caieté; Benjamin Duarte Pontes Franco, do Iracema e o coronel João Batista d'Alcantara, do seringal Baixa Verde, onde ficou um distrito militar do efêmero governo de Galvez.

A pedido de Samuel Barreira, então prefeito do Alto Purus, Caetano Monteiro da Silva, um dos pioneiros da região, escreveu-lhe uma carta, publicada no jornal "O Alto Purus", de 16 de janeiro de 1910, e republicada por Soares Bulcão(1), na "Gazeta do Purus", em 1918, depoimento esclarecedor das primeiras incursões no Iaco, e que aqui voltamos a transcrever:

"Exmo. Amigo Dr. Samuel Barreira

Satisfazendo os desejos que me manifestou, é com prazer que traço sôbre o Iaco (Yuacú, na linguagem dos ipurinãs) as notas seguintes:

Subi o Purus em 1880, a bordo do vapor Rio Branco, que se destinava ao Arapixy, propriedade então do amigo velho, já falecido, há uns três para quatro anos, Leonel Sacramento.

Do Arapixy consegui do comandante do Rio Branco, meu amigo Motta Junior, que me viesse deixar mais em cima, até onde pudessem navegar; mas infelizmente o Rio Branco só pôde subir mais três praias acima do Arapixy, por dificuldades na praia, onde mais tarde naufragou o vapor Macapá.

Nesta praia fiquei com duas canoas, rancho e pessoal para viagem.

A minha gente reuniu-se o meu amigo Alexandre José Bruno Cidade, o qual foi sempre o meu companheiro inseparável e amigo, como bem poucos tenho encontrado na minha vida, até hoje.

Subindo deste lugar chegamos ao Yaco com seis dias de viagem, mais ou menos.

Procedeu-se à exploração dos terrenos do Yaco até certa altura e voltamos para continuar o Purus.

Por êste rio (PURUS), subimos até o lugar Capivara, nome que foi dado por nós, devido à abundância desses animais.

Neste lugar descansamos uns oito dias e descemos depois de deixar ali feita uma barraca.

Depois destas explorações, todos cientes da existência de grandes seringais, resolvi descer para fazer conduzir o pessoal de instalação e conseqüente posse.



Chegando a São Domingos, onde era esperado ansiosamente, tratei de responder às muitas perguntas do pessoal ávido de notícias sôbre os terrenos explorados.

Depois de todos informados e resolvidos a subir para batalhar nos seringais virgens, pensei em arranjar condução.

O vapor Tapajós, do comando do piloto Julio Marques Carepa, foi o primeiro que se me deparou possível de conduzir a mim e ao pessoal.

De fato, chegado o Tapajós a São Domingos, entendi-me com o comandante e ficou acertado que este vapor me conduziria com o pessoal, para povoar as explorações, mediante o pagamento de 1.000\$000 diário, além das passagens, a contar do Arapixy para cima, navegação ainda virgem, desconhecida.

De fato assim foi feito.

No Tapajós, gastamos um dia e meio do Arapixy a São Francisco, no Purus, onde descarreguei o pessoal, bagagens e víveres, canoas e apetrechos outros.

Regressei no mesmo vapor a fim de conduzir outro, com mercadorias para a nova safra.

O vapor Conde d'Eu trouxe as cargas do Purus, Capivara, Silêncio, Tentação e outros pontos, e o João Augusto, em que eu subi de novo, trouxe as cargas do Yaco (Yuacú), restante do pessoal e famílias do pessoal que tinha vindo no Tapajós, tendo descarregado tudo no São Francisco e bôca do Yaco, parte em terra e em canoas.

No fim do ano de 1881 subi no vapor Andirá, animado de fazê-lo subir o Yaco, mas, infelizmente, apesar dos esforços do comandante Jucá, só pudemos chegar pouco acima do Cayeté, devido em parte ao vapor ter desgovernado e batido de encontro ao barranco na curva da maloca (cuéra), que foi dos índios, ponto onde hoje acha-se construído o Mercado Público de Sena Madureira.

Neste sítio fiquei eu com as cargas e algum pessoal.

No ano seguinte, 1882, foi escolhido o vapor "Jurity" para subir o Yaco e de fato foi o que mais distante chegou, pois só conseguimos ir até Santa Clara, propriedade do meu saudoso e velho amigo José Alves de Oliveira.

Este fato causou animação extraordinária, quer ao nosso pessoal, quer aos estranhos que procuravam unir-se aos nossos.

Depois outras casas comerciais, além das de Elias e Teixeira & Roiz, que foram as nossas fornecedoras, começaram a estabelecer negócios para o alto, sendo de notar a casa B. Antunes & Cia. e Elias.

Seus vapores, porém, só conseguiram atingir as bôcas do Cayeté e Macauã.



Em 1883, querendo manter a navegação até Santa Clara, foi escolhido para este fim o vapor Paumary, que só pôde chegar até São José, onde me deixou com mercadorias e pessoal, no barracão do meu amigo Benjamin Duarte Pontes Franco.

A este tempo já tínhamos feito a compra da lancha Canamary, que foi uma grande heroína no resto da exploração e auxílio deste comércio.

No Yaco não existiam índios nas margens, mas sim no Cayeté e Macauã, em pontos muito distantes.

Estes índios eram ipurinãs, inamarés e manitinirys, os quais no segundo ano foram encontrados pelos seringueiros do centro, sendo todos de índole pacífica.

Muitos foram os pormenores e acidentes que ocorreram durante esta minha exploração, porem o que interessa saber-se, para a história futura do Yaco, é o que fica acima relatado com a máxima exatidão.

Pelo que deixo escrito, tem-se a certeza, sem contestação, de quais forem os primeiros vapores que sulcaram as águas do Alto Purus e Yaco.

O primeiro morador do rio Cayeté, foi o coronel Hermínio Rodrigues Pessoa, no mesmo lugar onde existe a casa de sua propriedade, na primeira curva do Cayeté, à direita de quem sobe.

O vapor Paumary era comandado por Travassos, tendo como imediato o distinto cavalheiro e meu amigo Carlos Falcão, atual comandante do vapor João Alfredo.

Cordiais saudações,

Sena Madureira, 22 de dezembro de 1909

a) *Caetano Monteiro da Silva*''

O autor desta carta era de nacionalidade portuguesa, comerciante de conceito em Manaus, e fôra cônsul da Bolívia, no Amazonas. Durante a Revolução Acreana de Plácido de Castro sofreu grandes prejuízos, pois financiara o movimento das autoridades bolivianas, por intermédio do consulado. Tentou inutilmente recuperar o dinheiro perdido, tendo morrido em quase extrema miséria. O general Pando desejava-o dentro do Bolivian Syndicate, mandando o embaixador de Londres reservar-lhe algumas ações (2).

Entre as pessoas citadas na carta acima, encontramos Leonel Sacramento(1), paraense, dominador de índios, cuja vida aventureira na exploração dos seringais e nas expedições contra os indígenas,



foi marcado pelo extermínio de sua família, e pelo rapto de sua sobrinha, pelos silvícolas. De catequista que era, tornou-se cruel perseguidor dos selvagens.

Fontes

- 1) Soares Bulcão — Subsídio para a História do Departamento do Alto Purus — Publicado nos n.ºs 21, de 31 de outubro e 22, de 7 de novembro de 1918, da “Gazeta do Purus”.
- 2) Leandro Tocantins — Formação Histórica do Acre — Volume I — Civilização Brasileira — 3a. Edição — 1979
- 3) Caetano Monteiro da Silva — Carta-Depoimento de 22 de dezembro de 1909, escrita a pedido do prefeito Samuel Barreira, e publicada a 16 de janeiro de 1910, no jornal “O Alto Purus”. Republicada por Soares Bulcão, na “Gazeta do Purus”, em 1918.









**A EXPEDIÇÃO DO JURUEMA**







O Estado do Amazonas criou, a 22 de outubro de 1890, na região fronteira do Acre, o município de Antimari, com sede na Vila do mesmo nome, situada na confluência do rio Acre com o Antimari. O município desapareceu em 1895, sendo restaurado em 1897.

Mais tarde, o governador Fileto Pires atentando para o fato da insalubridade do local daquela vila, transferiu a sede para o planalto situado em frente a Boca do Acre, em 1898, em terras adquiridas a Alexandre Oliveira Lima, onde foi instalada a vila de Floriano Peixoto, com a construção dos prédios necessários à administração. Em 1899, houve nova mudança, voltando Antimari a ser a principal localidade da região. Enquanto isto, Boca do Acre, à margem direita do Acre, junto a foz, crescia vagarosamente.

Frente de colonização da onda nordestina, que buscava novos seringais, o município era palco de constantes lutas políticas entre os coronéis de barranco, constituindo-se num verdadeiro faroeste, onde os assassinatos, as rebeliões e a malversação de dinheiros públicos faziam parte do cotidiano.

Um destes acontecimentos políticos que agitavam, com frequência, as barrancas do Aquiri, foi a tomada de Antimari, a 27 de janeiro de 1902, pelo ex-superintendente Juvêncio Joaquim da Silveira, que, com 33 homens, ocupou a vila, prendendo o juiz Estevão Paes Barreto Castelo Branco, o prefeito Serafim Leopoldino de Carvalho, capitão do regimento militar do Estado e o destacamento da mesma corporação, ali sediado. A Prefeitura foi arrombada e os livros contábeis levados para a residência do coronel Hermínio Rodrigues Pessoa, na boca do Caiaté, recentemente eleito para a Intendência.

Foi por este motivo que o governador Silvério Nery determinou a criação de uma Comissão Examinadora, composta por Lopo Gonçalves Bastos Neto, Aurélio de Amorim e Gaspar Antonio Vieira Guimarães, para “proceder ao exame da escrituração da superintendência, avaliar da moralidade e legalidade da arrecadação e dispêndio dos dinheiros do mesmo município, desde a sua instalação até 31 de dezembro último”.



A comissão saiu de Manaus, a 3 de fevereiro de 1902, a bordo do aviso de guerra nacional "Juruema", vivendo mil peripécias registradas no "Relatório Apresentado a Sua Exa. o Snr. Dr. Silvério José Nery, muito Digno Governador do Estado, pela Comissão Examinadora da Intendência Municipal de Floriano Peixoto", publicado pela Typographia do "Amazonas", Manaus, em 1902, fonte dos dados aqui apresentados.

A 10 de fevereiro, o "Juruema", sob o comando do capitão tenente Artur Alvim, às 11 horas da noite, abaixo da vila de Canutama, sofreu "um terrível abalroamento com uma grande samameira, ainda verdejante e ramalhuda, de cêrca de 35 metros de extensão, caída ao rio com o temporal anterior e que, descendo vertiginosamente a corrente, chocou o "Juruema", entortando-lhe e descosendo-lhe gravemente a roda de proa, por onde penetraram nos porões três e meio pés de água". Este acidente retardou a derrota, tendo o navio chegado a Antimari no dia 23 de fevereiro, "após 20 dias de dificultosa viagem".

Antimari possuía, então, 300 habitantes e encontrava-se decadente, com "edificações pobres, baixas e pouco estéticas, sem contar-se entre elas um só edifício público, todas construídas de paxiúba e na quase totalidade cobertas de cavaco". O local era insalubre "predominando ali diversas moléstias zimóticas, entre elas: o tifo, a malária e o beri-beri".

De Antimari o aviso dirigiu-se a Caquetá, último ponto do rio Acre sob domínio brasileiro, onde funcionava uma coletoria, a fim de levar o rancho à guarnição. Caquetá era a sede do seringal do mesmo nome, pertencente a Joaquim Victor da Silva, que fora vice-presidente do Estado Independente do Acre. A comissão calculava a população do rio Acre em torno de 15.000 habitantes, sendo que em Puerto Acre publicava-se o jornal "El Acre".

A 26 de fevereiro a expedição voltava a Antimari, continuando na apuração de atos de improbidade administrativa, envolvendo negociatas diversas.

No regresso a Boca do Acre novo acidente ocorreu. Desta vez um incêndio atingiu os depósitos de carvão da embarcação, que teve de descarregá-lo em Boca do Acre. Daí, a 1.º de março, o navio de guerra saiu com destino ao Iaco, ancorando, dia 3, no seringal Junin, sito em frente à embocadura desse rio, onde o rebelde Juvêncio Joaquim da Silveira entregou os livros contábeis do Município.

A viagem de volta iniciou-se a 4 de março, trazendo a comissão "grande número de dados estatísticos, os livros relativos ao exercício de 1901 e vigente...., os livros de contratos e os de registro de aforamentos...., além de outros do desfalcado arquivo



de Floriano Peixoto”, quando um terceiro acidente, este mais grave, teve lugar. “Pela madrugada de 13 do fluente, cerca de 3 horas e 30 minutos, já com 38 dias de fatigante e arriscada expedição, em frente à praia Macuripari, abaixo da vila de Canutama, no baixo Purus — uma terrível catástrofe produziu a perda absoluta do elegante aviso de guerra nacional, metido a pique, por abalroamento, pelo “Esperança”, da Amazon Company, conseguindo esta comissão salvar somente as vidas, escalando, em trajes de dormir, e durante os célebres instantes, que o “Juruema” ainda flutuou apegado pelo rombo à proa do Esperança, a corrente que suspendia a âncora deste, por boreste”. Foi perda irreparável o livro de registro de aforamentos dos terrenos do patrimônio municipal de Antimari.

De todo esse relatório interessa-nos, particularmente, as notas sobre o Alto Purus, numa época em que ainda estava sob jurisdição do Amazonas, que transcrevemos integralmente:

“Acima da foz do Acre, o Purus continua largo e caudaloso, mas sempre extraordinariamente sinuoso, até a foz do laco.

A sua navegação, porem, é dificultosa devido à enorme enxurrada de madeiras e lixo vegetal que desce a corrente, com grave risco de abalroar as embarcações, bem como por causa das variações inesperadas do nível das águas, o qual, por sinal, baixou uma braça durante a noite em que o Juruema esteve estacionado no porto do seringal Junin.

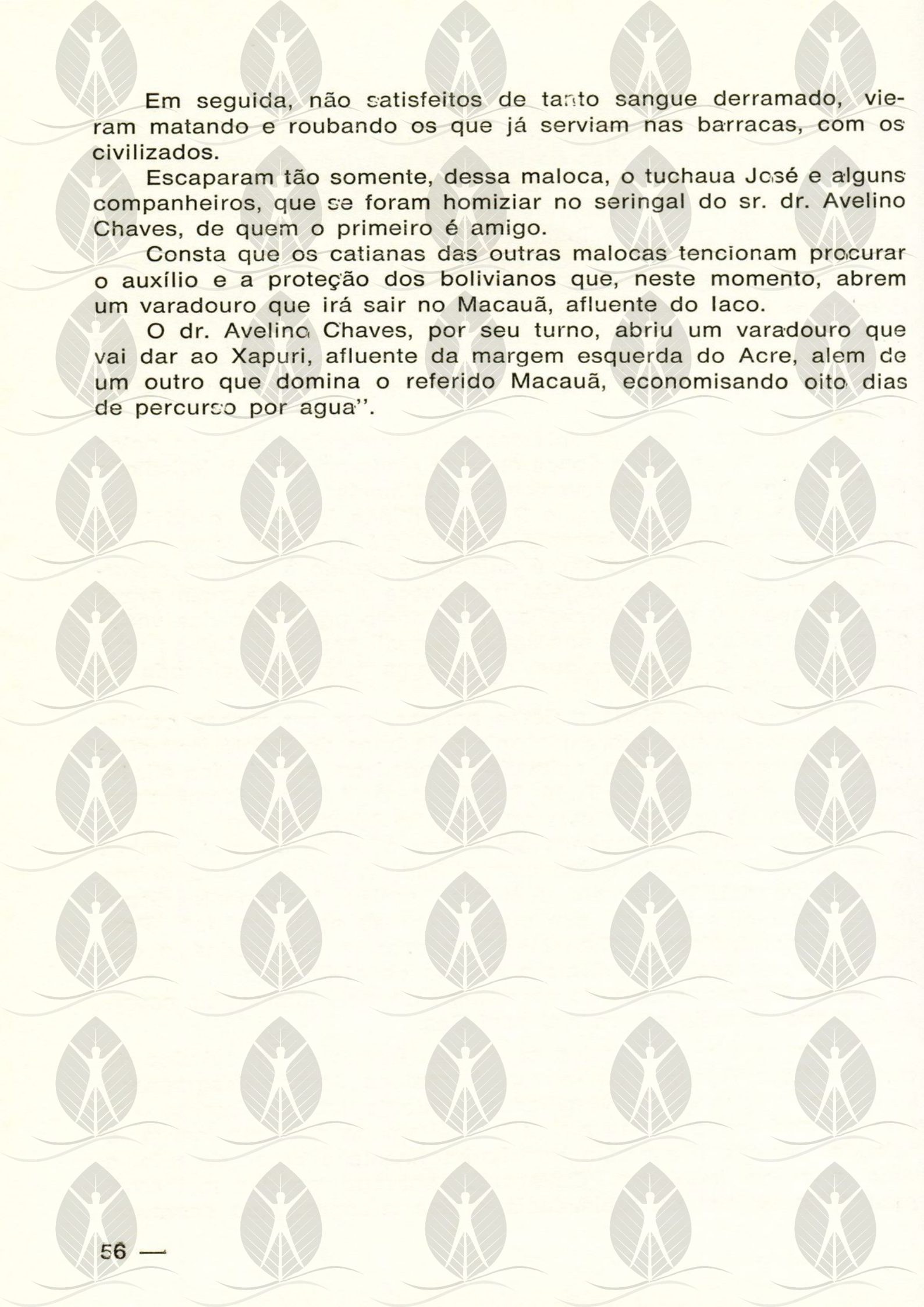
O laco oferece ainda maiores perigos, por ser menos caudaloso e assaz estreito, sobretudo acima da boca do Caiaté, seu afluente da margem esquerda, achando-se, por isso, encalhados ali, há longo tempo, os vapores Tupã, Watrin e o Augusto Montenegro, que acabam de aportar a esta capital, não há muito dias.

Acha-se explorado apenas até o seu afluente Macauã, graças à incrível temeridade do nosso compatriota dr. Avelino de Medeiros Chaves, proprietário naquela ubérrima região, tenazmente disputada pelos índios bravios, dos quais citam-se as tribos dos “Porquiniris”, antropófagos, “Manitiniris”, ferozes e indomados, e dos “Catianas”, mansos, prestáveis e em via de civilização.

Estes últimos acabam de ser vítimas da mais infame das covardias, digna da mais severa das punições.

Cerca de trinta e tantos celerados, fregueses e aviados do seringal Nova Olinda, dirigiram-se à maloca desses desgraçados indígenas e depois de devastarem, durante um dia inteiro, um extenso milharal por eles plantado, caíram de surpresa sobre a referida maloca e assassinaram barbaramente a tiros de rifle, a vinte e cinco indefesos “Catianas”, apossando-se das mulheres, para pasto de sua concupiscencia, e das crianças, para escravos!





Em seguida, não satisfeitos de tanto sangue derramado, vieram matando e roubando os que já serviam nas barracas, com os civilizados.

Escaparam tão somente, dessa maloca, o tuchaua José e alguns companheiros, que se foram homiziar no seringal do sr. dr. Avelino Chaves, de quem o primeiro é amigo.

Consta que os catianas das outras malocas tencionam procurar o auxílio e a proteção dos bolivianos que, neste momento, abrem um varadouro que irá sair no Macauã, afluente do Iaco.

O dr. Avelino Chaves, por seu turno, abriu um varadouro que vai dar ao Xapuri, afluente da margem esquerda do Acre, além de um outro que domina o referido Macauã, economizando oito dias de percurso por água”.





**A EXPULSÃO DOS PERUANOS**







Enquanto os brasileiros, já há algum tempo, subiam o Purus, na busca de novos seringais, ricos de *Hevea brasiliensis*, os caucheiros peruanos do Ucaiali, um pouco mais tarde, atingiam as suas nascentes, descendo pelos formadores, na destruição da *Castilloa elastica*, árvore também produtora de borracha, que necessitava ser derrubada, para a obtenção da matéria-prima. Estas duas ondas migratórias acabariam por chocar-se no Alto Purus.

O Peru julgava-se com direito às terras ao sul da linha Beni-Javari, pois, em 1897, a Bolívia lhe cedera as regiões situadas a oeste do meridiano de 69°, além de considerar suas as terras ao sul da linha Madeira-Javari, conforme o estipulado pelo Tratado de Santo Idelfonso, assinado entre Espanha e Portugal, em 1777.

As primeiras tentativas peruanas de estabelecimento no Alto Purus, contudo, eram recentes, pois só em 1899 foi que Leopoldo Collazas atingiu as cabeceiras daquele rio. No ano seguinte desceu até Manaus, de onde regressou com mercadorias, e acompanhado por Don Manuel Pablo Villanueva, que no barracão Catiana, sobre a linha Beni-Javari, tentou instalar um posto alfandegário, sendo obstado por Oton Bacelar, dono da colocação, que os forçou a abandonar o local.

Em 1901, o peruano Carlos Scharff, com um grupo de índios escravizados, vindo do Juruá, ali estabeleceu-se, com o título de Governador do Alto Purus, incitando seus concidadãos contra a ocupação nacional, escravizando índios e não pagando seus débitos, sendo ameaçado de expulsão pelos brasileiros. Diante desta insuportável situação, por ele mesmo criada, pediu ajuda ao coronel Portillo, governador de Loreto, que lhe mandou 20 soldados e 2 oficiais, com os quais fundou um posto fiscal na boca do Chandless, a 22 de junho de 1903, obrigando aos brasileiros abandonarem o rio, acima daquele afluente. Seus atos foram reforçados com a chegada do comissário Jorge Barreto, que organizou um governo peruano para a região, apesar das instâncias do general Olímpio da Silveira, governador de ocupação do Acre.

Os seringueiros brasileiros revoltaram-se contra esta atividade dos peruanos, e liderados por José Ferreira de Araújo, do seringal



Liberdade, atacaram o posto fiscal do Chandless, ainda em 1903, num combate que terminou com as prisões de Jorge Barreto e Carlos Scharff, a morte de 15 peruanos e o aprisionamento de outros 50.

O Governo brasileiro despachou o coronel Siqueira de Menezes, de Manaus, no aviso "Cidade de Tefé", para a área do conflito, a fim de verificar a ocorrência. Chegado ao Liberdade, a 28 de dezembro de 1903, dali subiu até Sobral, acima da foz do Chandless, já encontrando a região calma.

No ano seguinte recrudesceram as tensões. Carlos Scharff voltara, agora acompanhado pelo novo comissário Don Pedro Lopes de Saavedra e por 30 soldados do comando do tenente Luiz Ghiorzo, começando uma série de ataques contra propriedades brasileiras. De novo, o seringalista José Ferreira de Araújo juntou 100 homens, subindo o rio, encontrando os seringais abandonados e muita gente faminta. A 31 de março de 1904, chegando a Santa Rosa, principal reduto dos invasores, atacou a localidade, obrigando os peruanos a fugirem, que se vingaram da derrota, com o fuzilamento de 10 reféns.

Diante destes eventos, o Brasil destacou o 33.º batalhão de infantaria, com 300 homens, sob o comando do major Olímpio Agobar da Silveira, que para ali partiu em maio de 1904, encontrando a região pacificada.

A luta contra os peruanos invasores continuou no Alto Juruá, obrigando ao nosso País a uma concentração de tropas, na Amazônia, para a defesa do nosso território. O Peru, sentindo que as escaramuças das nascentes do Juruá e do Purus poderiam redundar, em caso de confronto direto, na perda do Ucaiali e de Iquitos, resolveu sustar as atividades bélicas, ainda em 1904, iniciando negociações para um tratado de limites definitivo.

Pelo tratado de 8 de setembro de 1909, terminavam as pendências entre o Brasil e aquela nação andina. Os 442.000 quilômetros quadrados de terras ao sul da linha Madeira-Javari eram divididos, ficando o Brasil com 403.000 quilômetros quadrados e o Peru com 39.000 quilômetros quadrados, mantendo as nascentes dos dois rios disputados. Este Tratado complementava o Tratado de Petrópolis, de 18 de novembro de 1903, com a Bolívia, que cedera a bacia do Aquiri, ficando definido o domínio brasileiro sobre o Acre e o sul do Amazonas.

Entre as pessoas que tomaram parte na expulsão dos peruanos do Alto Purus, destacou-se o coronel José Ferreira de Araújo, que teve sua biografia estampada no n.º 19, de 17 de outubro de 1918,



da "Gazeta do Purus", como uma homenagem ao primeiro aniversário de sua morte, de onde extraímos os seguintes trechos:

"O coronel José Ferreira de Araújo nasceu na vila de São Francisco de Uruburetama, no Ceará, no ano de 1855. Tendo vindo para o Amazonas em 1872, aos 17 anos de idade, por influência do grande João Gabirel, ainda seu parente — o primeiro cearense que se aventurou à conquista do Eldorado misterioso, depois da seca de 1845, no Ceará — o coronel José Ferreira localizou-se algum tempo nas ilhas do Pará e depois, seguindo a corrente que aquele ia arrastando, seringais acima, até Tauariá, no Purus, onde residia, fixou-se em 1878, em Porto Alegre, seringal de Marciano Pires, nas imediações de Canutama. Em 1879, passou-se para o seringal Axio-ma, de José Menezes da Cruz, onde trabalhou até 1880. Sempre no afã de melhorar, seguindo o curso da corrente emigratória, que ia desvendando as riquezas da região, em demanda às cabeceiras do grande rio, a cada passo mais fértil em seringais, em 1881, passou-se para Bom Lugar, de Lino Ferreira, e em 1882, já em águas do Yaco, esteve no Cayaté, então pertencente a Alexandre Oliveira Lima, também seu conterrâneo de Uruburetama, o conhecido Barão de Boca do Acre, falecido a 8 de junho do ano passado, em viagem para Manaus. Em 1883, já sendo aviado de Caetano Monteiro, — o arrojado comerciante que em 1880 primeiro se aventurou à descoberta do Alto Purus e Yaco, em canoa, tendo chegado no vapor "Rio Branco" pouco acima do Arapixy, então pertencente ao destemido dominador de índios e valente sertanista paraense Leonel Sacramento, seu amigo e aviado — localizou-se em Anury, que comprara a uns Teixeira, seus exploradores. Ai, porem, passou somente um verão, descendo no ano seguinte, 1884, para Santa Maria, acima de Boca do Acre, que comprara, nesse ano, ao maranhense Candoca Bacelar. Em 1885, tendo-se associado a João Ceará, um dos seus antigos companheiros, subiu de novo o Yaco, localizando-se no rio Macauhã, demorando-se aí, ainda, os dois anos seguintes, como aviado. Em 1888 voltou para Santa Maria, onde tirou um fábrica, subindo no ano de 1889 para a Boca do Cayaté, onde se associara ao primeiro possuidor daquele seringal, que compreendia todo esse rio, o senhor coronel Hermínio Pessoa.

Tendo voltado, ainda, ao seu seringal Santa Maria, adquiriu nesse tempo, de Francisco Vieira Marinho, o seringal Liberdade, no Purus, onde se fixou de vez, em 1890.

Em Liberdade começa a sua verdadeira vida de trabalho e estabilidade; foi ali que se entregou ele, com afinco, à exploração e comércio da borracha, dilatando e organizando o seu seringal e a



freguezia, a quem se fazia impor moralmente, adquirindo aos poucos o grande prestígio de que veio a gozar o resto de sua existência.

Quando em 1903, após a última revolução acreana, e na vigência do *modus vivendi* entre o Brasil e a Bolívia, os peruanos, — com a finalidade de forçarem a entrada de seu país nas negociações diplomáticas, então entabuladas no Rio, disputando o direito que se presumia sobre a Bolívia nos limites com o Brasil, de acordo com o governo departamental de Loreto — invadiram o Alto Purus, teve o coronel José Ferreira de Araújo de opor resistência para o que, como delegado do governo meridional do Acre, exercido naquele rio pelo general Olímpio da Silveira, organizou batalhões patrióticos sob o seu comando superior.


A história dessa campanha, que durou alguns meses e findou com o fracasso completo da tentativa estrangeira, é bem recente; as despesas feitas com ela subiram a algumas centenas de contos de reis, desembolsados pelo herói desinteressado, que a levou a feliz êxito, sem que nunca lhe fossem indenizados os prejuízos que lhe acarretaram o patriótico movimento.

É dessa época a sua grande nomeada como chefe e organizador, e a sua amizade com Rio Branco, que lhe agradeceu, espontaneamente, com uma patente de coronel da Guarda Nacional, enviando-lha sem o dispêndio de um real.

Sincero amigo dos doutores Godofredo Maciel e Areal Souto, como dos que, no Alto Purus, se fizeram baluarte de oposição às tentativas de renascimento dos omníscios processos imorais, de ladroeira e devassidão, que tiveram sua origem malsã no governo de Cândido Mariano, — o prefeito das bombochatas indecentes —, o coronel José Ferreira de Araújo era como o patriarca da nobre causa da reivindicação, no recolhimento do seu seringal, sempre pronto a intervir decisivamente, atemorizando e debandando os rebatalhos da agonizante cáfila, que por cá ainda perambula, agci-  
rentemente, nas suas investidas indecorosas.”

O coronel tomara parte na deposição de Tristão de Araripe e de José Inácio, prefeitos do Alto Purus, e apoiava Samuel Barreira. Nomeado 3.º sub-prefeito do Departamento, em 1912, veio a falecer a 1.º de outubro de 1917, assassinado “por um celerado que lhe vivia da proteção paternal”. Morreu solteiro, mas deixou quatorze filhos, alguns legitimados, como ocorria com a maior parte dos seringalistas da época.





Fontes:

Leandro Tocantins — Formação Histórica do Acre — Civilização Brasileira — 3.<sup>a</sup> edição — 1979.

Soares Bulcão — Subsídio para a História do Departamento do Alto Purus — n.ºs 21 e 22 da “Gazeta do Purus”, já citada.

“Coronel José Ferreira de Araújo” — n.º 19, de 17 de outubro de 1918, da “Gazeta do Purus”.

Riquet Nogueira — Fundação da Cidade de Sena Madureira pelo General Siqueira de Menezes — Traços Históricos sobre a Constituição do Departamento — n.º 66, de 27 de setembro de 1919, da “Gazeta do Purus”.









**O DEPARTAMENTO DO ALTO PURUS E  
A FUNDAÇÃO DE SENA MADUREIRA**







O Governo brasileiro, pelo Decreto n.º 5188, de 7 de abril de 1904, organizou o Território do Acre, dando-lhe os seus limites e o dividindo em três departamentos autônomos, com prefeitos da livre escolha do Presidente da República, logo indicados nas pessoas do general José Siqueira de Menezes, para o Departamento do Alto Purus; do general Taumaturgo de Azevedo, para o Alto Juruá, e do coronel Rafael Augusto da Cunha Matos, para o Alto Acre.

O então coronel José Siqueira de Menezes já estivera no Acre, em 1903, em missão militar, face a invasão peruana, tendo subido além do Chandless. Graças ao seu relatório, apresentado ao Barão do Rio Branco, o seringalista José Ferreira de Araújo recebera a patente de coronel da Guarda Nacional, pelos seus atos de patriotismo na luta contra os invasores. Esta luta, pela posse dos altos rios Juruá e Purus, encerrara-se com a Convenção de Arbitramento de 12 de julho de 1904, posterior à criação dos departamentos acreanos.

Segundo Riquet Nogueira (1), a 9 de julho de 1904, já com a patente de general de brigada e o comando em chefe das forças em operações contra os peruanos, Siqueira de Menezes partiu de Manaus, com destino ao Acre, onde deveria estabelecer uma capital, para o departamento que iria dirigir.

Viajava a bordo da lancha "24 de Janeiro", acompanhado do seu estado maior, composto pelos capitães Adolfo Lins e João Siqueira de Menezes; pelos primeiros tenentes Epaminondas Tebano Barreto, Carlos Paes de Figueiredo e João Xavier do Rego Barros e pelos alferes Bias Gomes Pimentel e Virgílio Gomes de Almeida.

A esta altura, como já relatamos, a tensão com o Peru era perigosa. Em Manaus estavam estacionados diversos batalhões e parte da Armada Nacional. Na Boca do Pauini aquartelava-se o 40.º de Infantaria, e em Boca do Acre, uma ala do 27.º. A vista destes dispositivos, Siqueira de Menezes dava como certa a sua entrada em luta com os peruanos, sendo grande o seu desapontamento ao chegar em Boca do Acre, em fins de agosto de 1904, e encontrar um ofício do Barão do Rio Branco comunicando-lhe a sua destituição.



ção do comando geral das forças, pois já fôra assinada a convenção de arbitramento, cessando o perigo de guerra com o país vizinho. Ante esta ocorrência, chegou a pensar em renúncia, não assumindo a Prefeitura do Departamento, o que não ocorreu, por instâncias do seu estado maior. A viagem continuou, chegando os expedicionários à boca do lago no dia 27 de setembro de 1904, após setenta e quatro dias de percurso.

No dia seguinte, em canoas, toda a comitiva foi ter à localidade de Boca do Cayaté, onde gastaram dois dias preparando as acomodações necessárias.

A 24 de setembro de 1904, o general Siqueira de Menezes, herói de Canudos, atravessou a linha Cunha Gomes, e aportou a um local, à margem esquerda do lago, terra firme, logo escolhida para a localização da futura sede do Departamento, onde, no mesmo dia, uma turma de 50 trabalhadores iniciou a limpeza do terreno e o levantamento de um "papiro" de cinco metros quadrados, que serviria de sede provisória para a Prefeitura do Alto Purus.

Deixemos com Riquet Nogueira (1) a descrição do evento relativo à fundação de Sena Madureira:

"Rompeu finalmente a aurora de 25 de setembro, gloriosa e bela como o são sempre essas datas, que marcam na história da civilização o nascimento de uma cidade.

Bem cedo, Siqueira de Menezes dispusera, na Boca do Cayaté, toda a sua comitiva civil e militar, trajando esta o segundo uniforme do Exército.

As 7 horas da manhã era emocionante o espetáculo que o rio oferecia a quem estivesse colocado numa das margens.

Numerosas canoas cruzavam-se num vai e vem contínuo, rumo ao local onde havia sido construído na véspera, o papiri destinado à sede provisória do governo. O general mandara avisar pelas redondezas mais próximas, que naquele dia, às primeiras horas da manhã, instalaria a capital do novo Departamento.

Seriam 8 horas, quando se deu começo à grandiosa cerimônia, que teve por objeto a instalação do Governo e berço da cidade de Sena Madureira, em homenagem ao afeto e admiração que consagra ao coronel Sena Madureira, um dos bravos militares que se distinguiram na Guerra do Paraguai.

Assim, pois, sob essas toscas palhas, que formavam o modesto papiri, teve a hoje cidade de Sena Madureira o seu berço e o começo de suas instituições políticas e sociais.

Em volta do velho general se reunira um punhado de abnegados, que foi, por assim dizer, o gerador das energias tão nobremente consagradas à formação do povo puruense.

A cerimônia da instalação do Governo do Departamento do



Alto Purus foi testemunhada, aproximadamente, por cerca de 200 pessoas, lavrando-se dela a seguinte ata, assinada pelos presentes numa mesa assás modesta, feita de tábuas de caixão e paxiubas lavradas, e apenas forrada com um pano de mescla:

“CÓPIA — Aos vinte e cinco dias do mez de setembro do ano de mil e novecentos e quatro, da éra christã, décimo sexto da República, no lugar que então foi denominado Senna Madureira, à margem esquerda do rio Yaco, affluente da margem direita do Purus, a 68° 58” W de Greenwich longitude e a 9° 7’ 17” de latitude Sul, presentes o excellentíssimo senhor general José Siqueira de Menezes, Prefeito do Departamento do Alto Purus e mais pessoas que esta assignam, foi instalado o Governo do mesmo Departamento, com as formalidades legais e de acôrdo com o Decreto do Governo Federal, sob o número cinco mil cento e oitenta e oito, de sete de abril de mil e novecentos e quatro. E para constar, o alferes-alumno Bias Gomes Pimentel, designado pelo excellentíssimo senhor general Prefeito, lavrou a presente acta, que foi pelo mesmo assignada e por todas as demais autoridades e pessoas gradas, presentes ao acto. Senna Madureira, vinte e cinco de setembro de mil e novecentos e quatro.

(Assignados) José Siqueira de Menezes, general, Prefeito do Alto Purus; João Siqueira de Menezes, auxiliar do Prefeito; Geraldo Barboza Lima, Promotor Público; capitão Dr. Adolpho Lins, auxiliar do Prefeito; 1.º tenente Carlos Paes de Figueiredo, auxiliar do Prefeito; tenente Dr. Epaminondas Thebano Barreto, auxiliar do Prefeito; José da Costa Gadelha, Candido José Mariano, engenheiro militar; Hermenegildo Santos, João Carlos da Silveira, Laudelino Benigno, Francisco Gonçalves Campos, Miguel Hilário de Vasconcelos, Lauro Pinheiro, Avelino de Medeiros Chaves, Dr. Eduardo de Oliveira, Antonio Simões Pereira, Edmundo Bastos de Oliveira, Antonio da Costa Gadelha, José Olímpio da Rocha, Julio Montenegro, Antonio Augusto de Magalhães, João Canuto Fernandes, Tarcínio de Oliveira, Manuel Cavalcanti Peres Campelo, Francisco de Assis Jucá, José Antonio Sanchez Broganze, Francisco de Paula Souza Catunda, Arthur Gadelha, Candido de Siqueira Menezes, José Manoel Labandeira, Abdoral Cardoso, Lourival Cavalcanti, Delfim de Souza Oliveira, Theodomiro Leite Cavalcante, Macheff Mansour, Antonio Joaquim de Castro, Salim Jacob, Eduardo Francisco, Henrique Catalão, Antonio Rufino Cavalcante, Camillo Mustafa, Estevam Jacob, Alfredo Jacob, José Ayres da Silva, Jorge Cesário da Silva, Sebastião Gomes da Silva, Manoel Pires de Freitas, Francisco Xavier dos Santos, Raymundo Ferro dos Reis, José Jeronymo de Barros, João Alves Rodrigues, João Anselmo Ribeiro, Avelino José Carvalho, Ananias Gadelha, Umbelina Cardoso de Freitas, Regina



Fernandes Gadelha, Maria Gama Bentes, Carmelita Souza, Genesis Paulina dos Reis, Virginia Barbosa Chuche, Francisca Altina, tenente honorário Arthur Macieira, encarregado do 1.º Posto Fiscal; Miguel Macheff Mansour, José Nakar, Miguel Sarah, Namur Ruans, Miguel Pereira de Souza, Raimundo Nunes Ferreira, Francisco Balbino da Costa, Virgílio Gomes de Almeida, alferes auxiliar do Prefeito; Luiza Pinheiro, Francisca Aragão, Raymunda Salles Gadelha.

Eu alferes-alumno Bias Gomes Pimentel, lavrei a presente acta, que assigno. Senna Madureira, vinte e cinco de setembro de mil e novecentos e quatro.

(Assignado) alferes alumno Bias Gomes Pimentel.

Copiada do livro de registro número dois, folhas número dois Eu, José Libanio Ferreira, primeiro official da Secretaria da Prefeitura a copiei.

Confere: João Xavier do Rego Barros, 1.º tenente secretário”.

No momento da instalação, depois do general ter exposto aos que o cercavam o motivo do ato, foi hasteada no papiri a Bandeira Nacional, pela senhorita Maria do Carmo Costa Souza, filha do senhor Horácio Costa Souza.”

A 28 de setembro foi instalada a Justiça Departamental, com suas dependências funcionando no mesmo papiri, que servia de Prefeitura, e criado o 1.º posto fiscal, na Boca do Cayaté, a cargo de João Macieira.

E continua Riquet Nogueira:

“O general ficou residindo na Boca do Cayaté, porem todos os dias, com assiduidade militar, vinha assinar o expediente na Prefeitura, na sua respectiva sede, indeferindo, incondicionalmente, toda a petição que não viesse datada de Sena Madureira.

Começou logo a derrubada da mata, para a abertura de ruas e construção de prédios.

Foram os primeiros moradores da novel povoação os senhores João Marçal, José Pinheiro de Abreu, Antonio Itapira, Barboza Lima, Manoel Pires de Freitas, João Barboza e Francisco Seda”.

O cronista registrou, ainda, as datas do primeiro casamento civil, a 19 de outubro de 1904, realizado pelo juiz do distrito Lauro Pinheiro, entre José Bernardo de Oliveira, cearense e Maria Edwiges da Conceição, amazonenses e as de nascimento dos primeiros filhos da cidade: Odete Pires de Freitas, nascida a 24 de fevereiro de 1905 e Edgard Pinheiro de Abreu, a 5 de agosto do mesmo ano.

Nos fins de outubro de 1904 Siqueira de Menezes foi até Cataia, proceder a rigoroso inquérito, sobre os diversos incidentes havidos na fronteira, a fim de responder às indagações do Barão do Rio Branco, ante as exorbitantes reclamações apresentadas pelo



governo peruano, para que se pudesse concluir o acordo comercial em andamento com o país andino. Tudo feito, veio a descer para Manaus, nos fins de dezembro, passando o governo ao oficial mais graduado, que era o major Agobar da Silveira, comandante do 33.º batalhão, de 300 homens, destacado para o Acre em maio de 1904.

Seguiram-se até 1920, quando foram extintas as Prefeituras, os seguintes prefeitos do Departamento:

- 1) Capitão Adolpho Lins, interino.
- 2) Capitão Thebano Barreto, interino.
- 3) Capitão Candido Mariano, de 1905 a 1910, em cujo governo foi criado o Tribunal de Apelação, pelo Decreto n.º 6901, de 26 de março de 1908; houve a elevação de Sena Madureira à categoria de cidade, a 1.º de julho de 1908 e entrou em circulação o seu primeiro jornal, denominado "O Alto Purus", a 24 de fevereiro de 1908.
- 4) Capitão Dr. Samuel Barreira, 1.º subprefeito interino, em 1910.
- 5) Dr. Godofredo Maciel, de 1910 a 1911.
- 6) Coronel Tristão de Araripe, deposto em 1912.
- 7) Dr. Bernardo Porto, 2.º subprefeito, em 1912.
- 8) Dr. Samuel Barreira, pela segunda vez, de 1912 a 1916.
- 9) Dr. Antonio Pinto do Areal Souto, 2.º subprefeito, em 1916.
- 10) Coronel Avelino de Medeiros Chaves, 1.º subprefeito.
- 11) Dr. Flaviano Flávio Baptista, 2.º subprefeito.
- 12) Coronel Avelino de Medeiros Chaves.
- 13) Dr. Eleutério Frazão Muniz Varela, até 31 de outubro de 1918.
- 14) Major João Baptista D'Alcantara, 3.º subprefeito, de 31 de outubro de 1918 até 26 de maio de 1919.
- 15) Dr. Fernando Pires Ferreira, desta data até à extinção do Departamento.

O Decreto n.º 9831, de 23 de outubro de 1912, criou o Município de Sena Madureira, governado por um intendente municipal, independentemente do Prefeito do Alto Purus. Esta Intendência Municipal só foi instalada a 7 de maio de 1913, data em que tomou posse o primeiro intendente, o coronel Julião de Almeida Sampaio, ao qual sucederam no governo da cidade o coronel Francisco Barreira Nanan, o coronel Raymundo Magalhães, o dr. Victoriano Freire, o coronel Raymundo Magalhães, pela 2.ª vez; o dr. Ananias Serpa, o coronel Raymundo Magalhães, pela terceira vez; o major Rodrigues de Almeida, o coronel Antonio da Costa Gadelha, até 11 de novembro de 1918; o dr. Angelo Cesarino Valente Doce, de 1918 a 1920; e o coronel João Cancio Fernandes, em 1920.

Uma das principais ocorrências políticas desta época foi a deposição do coronel Tristão de Araripe, da Prefeitura do Alto Purus, e a proclamação do Estado Livre do Acre.



A revolta ocorreu em 1912, com a tomada da cidade por 350 homens pertencentes ao movimento. Foi organizada uma Junta Governativa (2) constituída pelos membros seguintes: doutores Geraldo Barboza Lima, Victoriano Freire e Areal Souto, e pelos coronéis Childerico Fernandes, que era o chefe supremo, José de Alencar Matos e Raimundo Custódio Freire.

Forneceram apoio e homens para a rebelião os coroneis José Ferreira de Araújo, João Baptista D'Alcantara, Raymundo Nonato Brasil e Avelino de Medeiros Chaves, e os doutores Samuel Uchoa, Margarido da Silva, Mario Pinheiro, Samuel Barreira e Godofredo Maciel (2).

Com 400 contos que vinham para a Prefeitura, pelo vapor Sobralense, pagou-se a Companhia Regional, os dois meses de atraso do funcionalismo, armas, munições e mantimentos para os 350 homens à disposição da Junta.

Um mês após, a cidade foi retomada por 400 homens, civis e militares, contratados no Purus amazonense, pelo depósito Tristão de Araripe. Os revoltosos resistiram por seis horas, mas foram obrigados a fugir. Seguiu-se o saque da cidade, o incêndio da prefeitura e das residências dos sediciosos, comandados por um capitão.

A Junta Revolucionária, ameaçada de fuzilamento, refugiou-se no seringal Oriente, no laco, onde ficou combinada a remessa de 60 contos, para a compra de armas na América do Norte, o que não se concretizou, sendo o dinheiro restituído à Prefeitura.

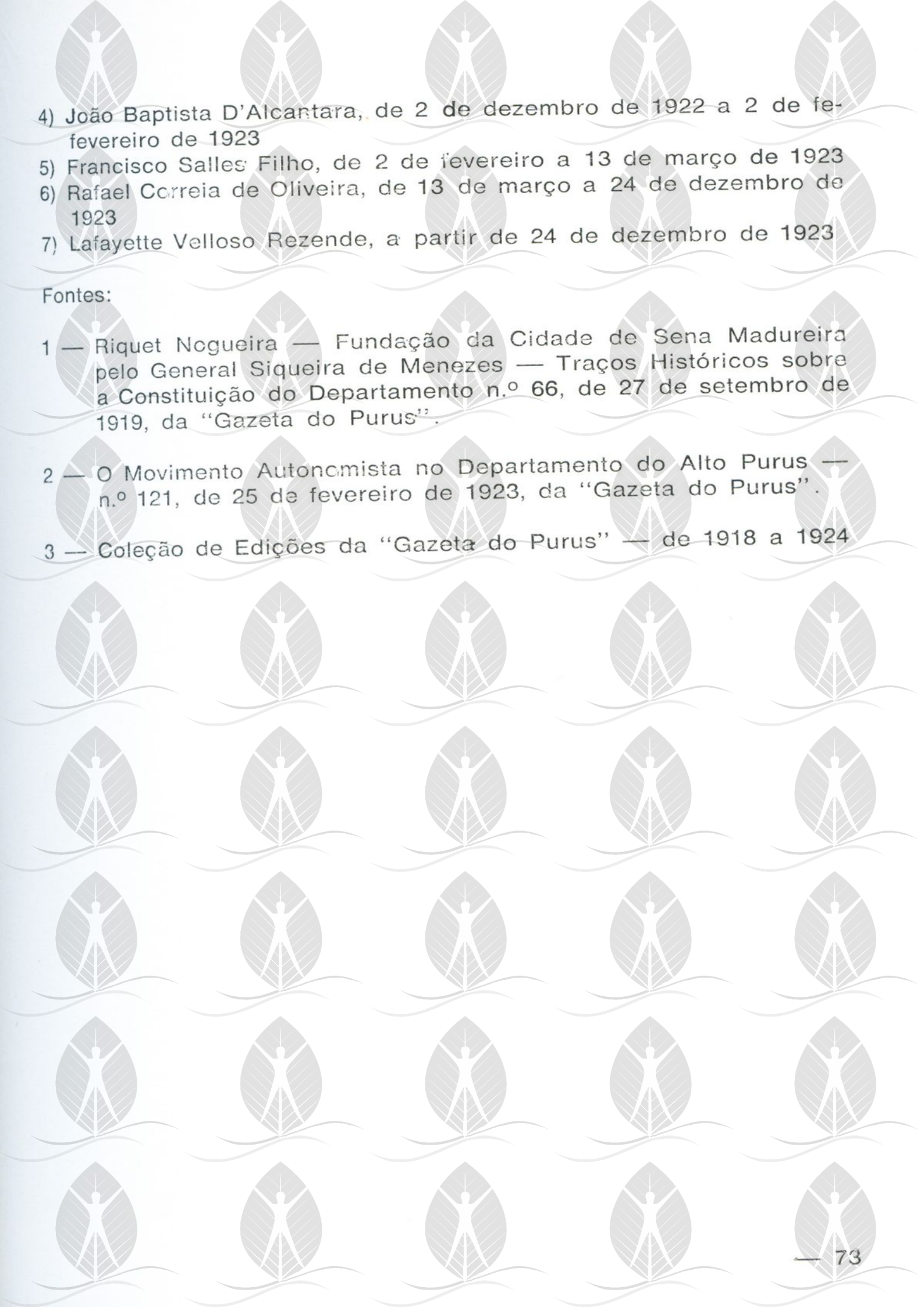
Em 1920 a organização administrativa do Acre sofreu profunda transformação. Foram extintos os três departamentos e criados o Governo Geral, com sede em Rio Branco, o que gerou protestos entre os habitantes de Sena Madureira, que desejavam esta posição para sua cidade. O Departamento do Alto Purus foi transformado no Município do Alto Purus, com sede em Sena Madureira.

De 1920 a 1923 foram governadores gerais, sucessivamente, Epaminondas Jácome, Manuel Duarte de Menezes e José Thomaz da Cunha Vasconcelos. O governador Epaminondas Jácome, ao efetuar uma viagem ao Juruá, foi substituído interinamente pelo advogado Antonio Pinto do Areal Souto, a partir de 3 de fevereiro de 1921.

Foram intendententes do Município de Sena Madureira (Alto Purus), neste tempo:

- 1) Francisco Barreira Nanan, de 3 de janeiro a 21 de fevereiro de 1921
- 2) Francisco Aprígio Riquet Nogueira, de 21 de fevereiro a 8 de julho de 1921
- 3) Antonio Pinto do Areal Souto, de 8 de julho de 1921 a 2 de dezembro de 1922



- 
- 4) João Baptista D'Alcantara, de 2 de dezembro de 1922 a 2 de fevereiro de 1923
  - 5) Francisco Salles Filho, de 2 de fevereiro a 13 de março de 1923
  - 6) Rafael Correia de Oliveira, de 13 de março a 24 de dezembro de 1923
  - 7) Lafayette Velloso Rezende, a partir de 24 de dezembro de 1923

Fontes:

- 1 — Riquet Nogueira — Fundação da Cidade de Sena Madureira pelo General Siqueira de Menezes — Traços Históricos sobre a Constituição do Departamento n.º 66, de 27 de setembro de 1919, da “Gazeta do Purus”.
- 2 — O Movimento Autonomista no Departamento do Alto Purus — n.º 121, de 25 de fevereiro de 1923, da “Gazeta do Purus”.
- 3 — Coleção de Edições da “Gazeta do Purus” — de 1918 a 1924









**“GAZETA DO PURUS”**







Este semanário surgiu, em Sena Madureira, a 13 de junho de 1918, data em que foi publicado o seu primeiro número.

O velho maço, que possuímos, contém uma coleção abrangendo seis anos e três meses da história daquela cidade, iniciando-se no n.º 3, de 27 de junho de 1918, e indo até o n.º 137, de 25 de setembro de 1924. Faltam-nos os dois primeiros números, destruídos pela voragem do tempo.

A “Gazeta do Purus” dava cobertura ao Partido Republicano do Alto Purus (PRAP), facção política predominante no município, e como órgão de diretriz política, mais da metade do que nele se escrevia, nas suas quatro folhas bem impressas, eram artigos e editoriais de cunho político-partidário, de feição regionalística, contra os dirigentes da oposição, que se acastelavam no “O Jornal”. O espaço restante era ocupado por sessões abrangendo o noticiário nacional e estrangeiro, os atos da Prefeitura e da Intendência, a coluna “Sociaes”, anunciando aniversários, chegadas de visitantes ilustres, falecimentos, partidas, nascimentos e agradecimentos; a coluna “Várias”, com notícias locais; os anúncios, os editais, alguns artigos históricos, comentários sobre a situação da borracha e, vez por outra, a publicação de poesias dos literatos da terra.

Durante o ano de 1918 circularam vinte e nove números da “Gazeta”, sem interrupções, de junho a dezembro. Até o número 12, aparecia como seu gerente Orlandino Cardoso, embora mais tarde fôsse revelado que o seu principal redator, desde o primeiro número, era o doutor Antonio Pinto do Areal Souto, advogado.

Somente a partir do número 13, de 5 de setembro, é que foi estampada a direção completa do periódico, da maneira seguinte:



# GAZETA DO PURÚS

SEMANARIO POLITICO

*DIRECTOR* Dr. Victoriano Freire

**REDACTORES:**

Dr. Areal Souto e Soares Bulcão

*GERENTE:* Orlandino Cardozo

**EXPEDIENTE**

**PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS  
ASSIGNATURAS**

Por um anno. . . . .	20\$000
Por seis mezes. . . . .	11\$000
Numero avulso. . . . .	\$300
Numero atrasado. . . . .	\$500

Quaisquer assumptos a tratar com a gerencia nesta Redacção

*Não se devolvem autographos  
End. Teleg.: — Purús*

**Redacção e Officinas — RUA AMAZONAS  
SENNA MADUREIRA**

Com o número citado, o preço da edição passava de 200 para 300 reis o exemplar.

Outras modificações ocorreriam durante este ano. Tornou-se vespertino com o número 16; suas instalações foram transferidas para a rua Chandless e, do número 24 em diante, Pedro Riquet Nogueira assumiu a secretaria, e o semanário começou a ser tirado aos sábados, à tarde.

A "Gazeta do Purús" mantinha-se, principalmente, pela contribuição dos seringalistas filiados ao PRAP, conforme o seu balanço, publicado no número 39, de 8 de março de 1919. Nos seus primeiros seis meses de funcionamento arrecadaria 14.869\$450, dos quais 4.541\$450 correspondiam à receita industrial e 10.328\$000, às contribuições já citadas. No mesmo período, a despesa orçara em 11.863\$800, havendo no final do ano um saldo de 3.005\$650. A publicação de expedientes da Prefeitura rendera apenas 1.650\$000.

Pela sua receita industrial, compreendendo a venda de jornais e assinaturas, calculamos a sua tiragem entre 150 e 200 exemplares semanais, número elevado para uma pequena cidade, que além do mais possuía dois periódicos.

Os contribuintes, que mantiveram o jornal em funcionamento, foram:



Coronel Avelino de Medeiros Chaves (Seringal Iracema)	2.000\$000
Major João Baptista D'Alcantara (Tabatinga)	1.000\$000
Alfredo Vieira Lima (Santa Clara)	300\$000
Raimundo M. Almeida (Natal)	200\$000
Coronel Raimundo N. Brasil (Sacado)	500\$000
Major Tito Machado (Porangaba)	500\$000
Coronel João Alves Vieira (Nova Olinda)	500\$000
J. Nascimento Silva (Canamari)	100\$000
Dom Fabriciano Hoyos (Florescencia)	500\$000
Farias & Campos (Mercês)	500\$000
Coronel Raimundo C. Freire (Amapá)	500\$000
José Demétrio Pacheco (São Pedro)	500\$000
Bernardo Porto (Palmares)	300\$000
TOTAL DO RIO IACO	7.400\$000
Coronel Agostinho Meireles (São Braz)	1.000\$000
Coronel Amphisio Fernandes (Itatinga)	500\$000
A. Marinho & Cia. (Liberdade)	200\$000
Major Joaquim Ribeiro (Samauma)	100\$000
TOTAL DO PURUS	1.800\$000
Dom Demétrio Padilla (Reforma)	500\$000
TOTAL DO RIO CAYATÉ	500\$000
Vitorino da Silva Coelho (Cidade)	200\$000
Coronel Avelino Chaves (Material de impressão que remeteu de Manaus, a saber: um fardo de papel e uma lata de tinta)	428\$000
TOTAL GERAL	10.328\$000

Durante o ano de 1919 foram impressos cinquenta números, do 30, de 4 de janeiro, ao 79, de 28 de dezembro, numa série interrompida, apenas, nas duas últimas semanas de março, face a epidemia de gripe espanhola e uma grande alagação, que isolou as oficinas do resto da cidade.

Neste ano, novas alterações ocorreram na direção do vespertino. A partir do n.º 33, de 25 de janeiro, com a partida de José Pedro Soares Bulcão para o Ceará, Areal Souto tornava-se o único redator e Orlandino Cardoso, nomeado contador tesoureiro da Prefeitura, deixava a gerência, depois do número 45, de 3 de maio, ficando a administração do semanário assim composta:

Diretor — Dr. Victoriano Freire  
 Redator — Dr. Areal Souto  
 Secretário — Pedro Riquet Nogueira

Outra defecção foi a de Victoriano Freire, que largou a diretoria, a partir do número 74, de 23 de novembro, por ter deixado a política.



No final do ano, após atingir o seu apogeu, a "Gazeta" começou a perder terreno, face a campanha que encetou contra o prefeito Fernando Pires Ferreira. O número 72, de 9 de novembro, marcou esta cisão, com um artigo solicitando o apoio da Prefeitura à Intendência, face ao abandono em que se encontrava a cidade.

Ao que parece, o prefeito quis calar os dois jornais de Sena Madureira. Como ambos possuíam material tipográfico da Prefeitura em suas oficinas, que haviam pertencido ao "O Alto Purus", foi solicitada a devolução urgente dos equipamentos.

O "O Jornal" foi o primeiro a sofrer a pressão, pois o material ali se encontrava de maneira irregular, sendo retomado por uma ação judicial, conforme as informações contidas no número 73, de 16 de novembro.

O mesmo fato ocorreu com a "Gazeta". No número acima citado foi transcrito um telegrama do Ministro da Justiça, após consulta formulada pelo Prefeito, em que este era autorizado a suspender as publicações dos atos oficiais no periódico, a partir de 1.º de dezembro, passando a afixá-los na portaria da sede departamental. Nessa última data, a "Gazeta" deveria devolver a uma comissão, o material que vinha utilizando, apesar de ter havido cessão regular, mediante contrato, e pelo aluguel de 60\$000 mensais. Houve a restituição, sem maiores delongas.

O Prefeito, mesmo orientando estes atos, foi visitar as oficinas da "Gazeta" para agradecer os serviços prestados na publicação dos expedientes oficiais, e oferecer, por empréstimo, alguma peça ou material que se fizesse indispensável à impressão. A redação agradeceu ironicamente o oferecimento e rejeitou-o, alegando a compra de novos equipamentos, em Belém.

A guerra estava declarada. Os ataques ao Governo recrudesceram e se tornaram violentos. Areal Souto e Riquet Nogueira não arredaram da luta, terminando o ano com prenúncios sombrios, quanto ao futuro do semanário.

Isto de fato ocorreu, pois 1920 foi difícil para a "Gazeta do Purus", pressionada pelo Governo. Correram apenas cinco números — do número 80, de 4 de janeiro, ao número 84, de 22 de fevereiro. Embora Areal Souto permanecesse na direção, com a viagem de Victoriano Freire, para Belém, e de Riquet Nogueira, para o Sul, o jornal perdera o ímpeto, e desapareceria até o ano seguinte.

Em 1921, ele ressurgiu, em "Nova Phase", para não abandonar a luta a que se propusera. Veio o número 85, de 20 de março, erroneamente numerado como 75. O jornal não mais se intitulava político tornara-se quinzenal e suas oficinas voltavam à rua Amazonas. Circularam dezesseis números durante o ano, até o número 100, de 25 de dezembro, tendo por diretor gerente Francisco Galdino da Rocha.



Em 1922, apesar de Areal Souto ser o prefeito do Município do Purus, foram publicados três números: o 101, o 102 e o 103. O vespertino já não apresentava a sua regularidade inicial.

No ano seguinte, 1923, imprimiram-se quatorze números, do 118, de 8 de janeiro, ao 131, de 9 de dezembro. Do ano de 1924, só possuímos seis números, do 132, de 1.º de janeiro, ao 137, de 25 de setembro. Areal Souto e Francisco Galdino da Rocha, foram os responsáveis pelas últimas tiragens.

A "Gazeta do Purus" foi o símbolo, que manteve em vigília, um grupo de idealistas, isolados no interior mais remoto de nossa Pátria, que não aceitavam a estagnação intelectual e representou uma fase da vida brasileira, em que a imprensa atingia as pequenas cidades, o que hoje já não ocorre.









**SENA MADUREIRA 1918-1919**







A partir de sua fundação, em 1904, a cidade progrediu rapidamente, por se encontrar em uma das mais ricas regiões da Amazônia, onde a seringueira estava consorciada à castanheira, propiciando grandes safras anuais dos dois produtos.

Em volta do simples tapiri, construído para abrigar a Prefeitura do Alto Purus, abriram-se ruas e aglomeraram-se casas.

Em 1908 a cidade já possuía o seu primeiro jornal — “O Alto Purus”. Dois anos após eram inaugurados os serviços de iluminação elétrica e o telégrafo (1). No período de 1913 a 1915, funcionou como a verdadeira capital do Acre, sendo a sede de inúmeros órgãos públicos, como o Tribunal de Apelação, a Justiça Federal, a Administração dos Correios, a Delegacia Fiscal, o Tesouro Nacional, a Comissão de Defesa da Borracha, a Estação Geral do Telégrafo, a Delegacia do Ministério da Agricultura e a Comissão de Limites Brasil-Peru(1).

Em 1918, por um censo iniciado a 2 de agosto, e efetuado por Felipe Rebez(2), a mando da Prefeitura, pela quantia de 1.800\$000(3), a cidade apresentava a seguinte população:

Brasileiros	2827
Estrangeiros	217
Total	3044

O percentual de estrangeiros, em torno de 7,1% do total da população, indicava a existência de uma grande colônia sírio-libanesa, portuguesa, peruana e boliviana.

Dos 3044 habitantes, cêrca de 1786 eram homens e 1258, mulheres, representando uma situação própria de cidade pioneira. Existiam ainda, 1334 alfabetizados, 1183 analfabetos e 587 crianças com menos de 8 anos de idade.

As principais autoridades regionais eram o prefeito do Departamento do Alto Purus, o intendente municipal, o juiz de direito, o promotor federal, o presidente do conselho municipal, os secretários da Prefeitura e do Município, o comandante da Companhia Regional e os juizes de paz. A cidade possuía vários advogados, médi-



cos, dentistas e farmacêuticos. Havia um vice-consulado de Portugal e uma sociedade sírio-libanesa. Os seringalistas, os comerciantes, os funcionários públicos e os comerciários constituíam o restante da população urbana, havendo grande número de agricultores sitiados, nas estradas da periferia.

Senã Madureira orgulhava-se da sua linha de bondes puxados a burro e de diversas ruas bem traçadas, com valas de drenagem, entre as quais se destacavam a Macauã, a Cayaté, a Xapury, a Amazonas, a Pará, a Canamary, a Chandless, a Macapá, a Purus, a Juruá e a Yaco. A praça principal, a 25 de setembro, possuía um belo coreto.

O seu porto era muito movimentado na época das cheias, e frequentado por diversos tipos de embarcações, que remontavam às cabeceiras, na busca do ouro negro, para as praças de Manaus e Belem.

O comércio, ativo e empreendedor, constituía-se de dezenas de casas comerciais de fazendas, miudesas, ferragens, quinquilharias, artigos de luxo, estivas, compra e venda de produtos regionais, hotéis, padarias, barbearias, livrarias e farmácias. Havia o Hospital da Caridade, funcionando desde 22 de maio de 1908, mantido com donativos.

Os principais assuntos tratados nas rodas de conversas resumiam-se aos preços da borracha, ao fábriço nos seringais, ao movimento das embarcações, e, principalmente, a política, que se transformara numa obsessão, atizada pelos dois jornais existentes, com seus ataques e contrataques diários.

A população entretinha-se com as retretas da Companhia Regional, com as fitas do cinema Trianon, com as peças do Theatro Cecy, com as comemorações de datas nacionais, com as festas de aniversário de pessoas gradas e com as chegadas de políticos ou autoridades.

#### Fontes:

- 1) "A Cidade" — artigo publicado na "Gazeta do Purus", n.º 24, de 23 de novembro de 1918.
- 2) Recenseamento do Alto Purus — n.º 21, de 31 de outubro de 1918.
- 3) Exercício de 1918 — Prefeitura do Alto Purus — n.º 37, de 22 de fevereiro de 1919





**OS ESTRANGEIROS**







As populações de origem estrangeira constituíram um grande contingente, desde o início da cidade. Pelo censo de 1918, cerca de 217 não nacionais habitavam Sena Madureira, compreendendo, principalmente, peruanos, bolivianos, portugueses, judeus e turcos, na realidade sírios, libaneses e armênios, pois até o fim da Primeira Guerra Mundial, a Turquia dominava a Síria, o Líbano e a Baixa Armênia, daí estes emigrantes possuírem passaporte daquele Império.

As colônias boliviana e peruana, a quem a terra pertencera, reduzira-se com o tempo, mas ainda possuía membros influentes como Ramon Ludena, Dom Francisco Hoyos, proprietário do Seringal Florescência, e don Demétrio Padilla, a quem pertencia o seringal Reforma.

Os portugueses também eram numerosos, a ponto de existir, desde 1916, um vice consulado a cargo de Maximino Ladeira, que através da "Gazeta" (n.º 3, de 27 de junho de 1918), convocara os cidadãos lusitanos a regularizarem as suas situações civil e militar.

Quanto aos sírios e libaneses, estes estiveram presentes desde a fundação da cidade, pois a ata de 25 de setembro de 1904 contem as assinaturas de Machef Mansour, Camilo Mustafa, Miguel Machef Mansour e Miguel Sarah.

Os sírios e libaneses, apesar de todo falarem o árabe, não tinham unidade religiosa, compreendendo cristãos, maometanos e derzes ou drusos. Havia ainda, um quarto grupo, o armênio, de origem não arábica, cristão oriental e, também, sob a tirania turca, que lhes votava ódio implacável.

Com o advento da Primeira Guerra Mundial, a Turquia ficara ao lado da Alemanha. A colônia dividiu-se em duas facções opostas — a germanófila, apoiada pelos maometanos, que tinham afinidade religiosa com a Turquia, e a francófila, em torno da qual se congregavam os cristãos, que organizaram a União Sírio-Libanesa Francófila, com estatutos publicados a 18 de junho de 1917, no jornal árabe de Manaus, não admitindo ódios ou fanatismos religiosos, destinada a defender a colônia, e a ajudar a Cruz Vermelha.



Um indicio da cisão reinante entre os árabes foi o artigo "Moios na Costa", publicado na "Gazeta" (n.º 3, de 27 de junho de 1918), atacando os sírios-libaneses pertencentes à Loja Maçônica Fraternidade e Trabalho, taxando-os de germanófilos. Na Loja funcionavam as oficinas do "O Jornal", mantido por ela, órgão de oposição ao governo do Departamento. A "Gazeta" acusou-os de afugentarem os verdadeiros maçons de seus quadros, por suas ações irregulares, sendo rebatida por violentos ataques dos responsáveis pelo "O Jornal", contra Areal Souto, interpretados como tentativas de desmoralizá-lo (n.º 4, de 4 de julho de 1918). Este defendeu-se com o brilhante artigo "A Verdade É Esta", onde afirmava que a oposição, usando indevidamente a Loja, atacava-o na condição de Secretário da Prefeitura e de Delegado do Grande Oriente do Brasil, explicando que o assunto deveria ser resolvido em outro local, dando-o por encerrado (n.º 5 de 11 de julho de 1918).

Meses após a crise reiniciou-se. O estopim foi o assassinato do sírio José Miguel, ocorrido a 23 de setembro, no seringal Curitiba, no laco, morto por Aristides Mustafa, após luta de remo e pau, dentro de uma canoa. Ao caírem à água, Mustafa afogou Miguel, já quinquagenário (n.º 18, de 10 de outubro de 1918). Motivaram o crime as divergências político-religiosas, que os dois vinham mantendo há algum tempo, sendo Miguel francófilo, e Mustafa germanófilo.

Almeida Assef, primo de Aristides Mustafa, indignado com notícias deturpadas pelo "O Jornal", publicou, na "Gazeta" (n.º 18), uma carta protestando contra o fato de chamarem de turco e maometano ao assassino. Assef explicava: "Turcos somos todos nós, pela dependência em que se acha há mais de quatrocentos anos a nossa infeliz pátria, sob o ferrenho domínio da Turquia. Sírios, porém, somos, também, todos nós, e tanto o infeliz Mustafa, como o inditoso José Miguel o são também, com uma insignificante diferença de ser aquele de Beirute e este das imediações do Monte Líbano". Informava, ainda, que Mustafa não era maometano, nem cristão, sendo, como ele, da religião derze.

Ainda nesta edição (n.º 18), a Sociedade Sírio-Libanesa Francófila, pelo seu secretário Felipe Abuhana, lamentava a morte do cristão José Miguel, e pedia rigor para o derze Mustafa, acusado de ódio religioso e político.

Duas semanas após (n.º 20, de 20 de abril de 1918), o assunto recrudesceu, com Almeida Assef taxando a União Francófila de sectarismo cristão, do qual estava proibida pelos seus estatutos, além dela fazerem parte 12 maometanos, 4 derzes e 2 armênios. No mesmo número, Felipe Abuhana defendia a sociedade, de fanatismo, transferindo a assertiva aos maometanos, citando: "O número de



maometanos do Departamento excede cinquenta, porém, só quatorze faziam parte da União, e o resto?”. Alegava que mesmo os quatorze já haviam abandonado a agremiação, Jorge Miguel Ribane, em outra nota, atacava Almeida Assef, dizendo: “fui alimentado por fanatismo desde o berço, porém o ar da liberdade purificou o sangue dos germes fanáticos que a Turquia semeava entre o povo”, e taxava-o de fanático. A colônia só se acalmou com uma ponderada carta de Assef pedindo o encerramento da querela (n.º 21, de 31 de outubro de 1918).

O fim da Guerra Mundial, com a derrota da Turquia, ensejou uma ruidosa comemoração por parte da colônia sírio-libanesa, a 17 de novembro de 1918, que aguardava a independência de seus países, fato não ocorrido, pois a França deles apossou-se, sob a forma de mandato (n.º 24, de 23 de novembro de 1918). A passeata programada saíria às quatro horas da tarde, da sede da União, à rua Chandless, toda enfeitada de bandeiras. Antes de partir, Jorge Miguel dissertou sobre as barbaridades cometidas pelos turcos, durante o conflito, fazendo votos de breve liberdade para sírios e libaneses. Formou-se um cortejo de mais de 1.500 pessoas, puxado pela banda de música da Companhia Regional, que iniciou uma série de visitas às autoridades locais.

A primeira personalidade a ser homenageada pela multidão, foi o prefeito João Baptista d’Alcântara, onde, à frente de sua residência, o Presidente da União José Jacob Chamma leu um inflamado discurso, logo agradecido pelo prefeito.

Dali, foram à casa de Cesarino Doce, o intendente municipal, onde houve troca de palavras e à moradia do juiz Jaime Mendonça, aí discursando Mansour Maklouf e o magistrado.

Seguiram-se as passagens pela casa do promotor Aristides Lemos, pelo consulado de Portugal e pela Companhia Regional. Continuando, a colônia visitou o “O Jornal”, não havendo quem a recebesse, e, depois, à “Gazeta” sendo saudada com um magnífico discurso de Soares Bulcão, carregado em triunfo até o Jardim Público.

A passeata terminou às 6 e 30 horas da tarde, com a massa aglomerada na praça 25 de Setembro. No coreto, com as autoridades administrativas e judiciárias presentes, foi servido um “profuso copo d’água”, seguido de uma digressão histórica, proferida por Areal Souto, sobre a Síria, ressaltando o papel dos fenícios, como navegadores e descobridores, exaltando o gênio comercial da colônia, sendo efusivamente festejado com aclamações delirantes.

A noite houve uma sessão de cinema, no Theatro Cecy, com grande frequência, apesar do calor excessivo reinante, provocando a retirada de muitos, antes do seu encerramento.



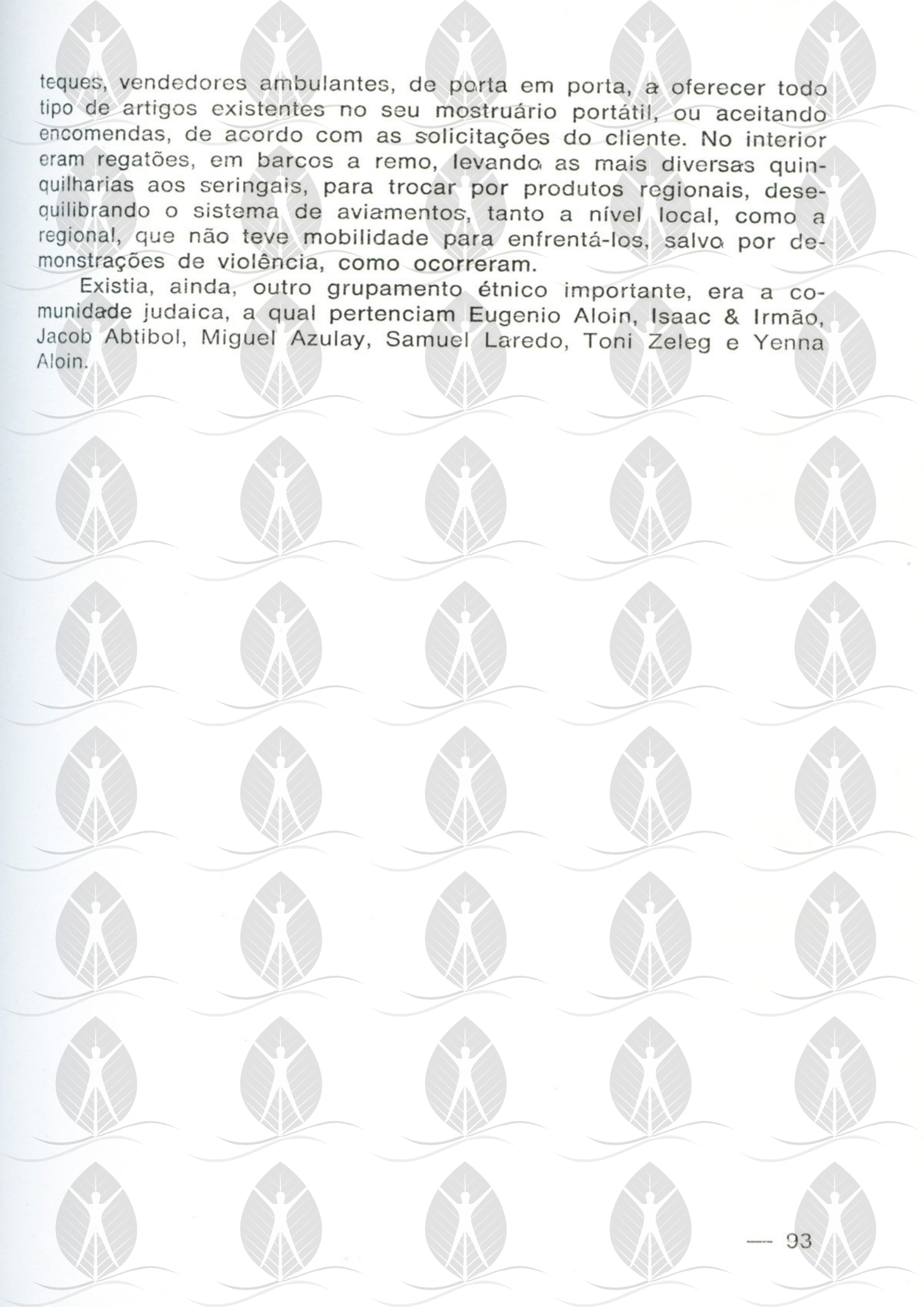
Entre os nomes de pessoas e de firmas comerciais de origem árabe e armênia, encontrados nas folhas da "Gazeta do Purus", relacionamos os seguintes, que demonstram a pujança daquela colônia, no Alto Purus:

Akel Fares  
Almeida Assef  
Alexandre Hassny ou  
Assuhni Alatrach  
Almeida & Abdon  
Almeida Abdon  
Ana Daou Zarif  
Almeida Derze  
Ângela Alexandre Hauath  
Abdon Mamed  
Assef Mubarach  
Alfredo Ali  
Antonio Chomat  
Antonio Tapel  
Assem Ganon  
Aucar & Irmãos  
Alfredo Ayxe  
Atala Chalala  
Aziz Gabriel  
Barquet José  
Bichara Jorge  
Bichara Daher  
Barquet José & Irmãos  
Checri Rage  
Constantino Jorge  
Chomaite & Cia  
Camilo Maruch  
David Aded  
Elias Cury  
Elias Nacif Lasmar  
Faride Caram  
Felipe Auath  
Francisco Rage  
Felipe Abuhana  
Habib Mansour Kalif  
Habib Francis

Habib & Kalif  
Ibrahim Jorge  
Jacob Jorge El Kik  
João Fayad  
João Galebe  
Jorge David  
Jorge Miguel Ribane  
Jorge Toufic  
José Abdon  
José Jacob Chamma  
José Fayad  
José Jorge & Irmão  
Jorge Jacob Chamma  
José Estevam Chediack  
Lela ou Lala Chediack  
Margarida Bitar  
Mamede Ale  
Mamede Batichi  
Mansour Chediack  
Miguel Pedro  
Merched Jorge  
Milet Atala  
Magid Derze  
Maria Mansour Maklouf  
Mansour Maklouf  
Nagib Tapel  
Nasser Habib  
Rage Tobias  
Rachid Daou & Irmão  
Sarah Chamma  
Simão Carabogossian  
(armênio)  
Toufic Thomaz  
Xarife Assem  
Zaine Maklouf

A principal atividade dos árabes era o comércio. Na cidade estavam estabelecidos com prósperas lojas de atacado e varejo, também compradoras de produtos regionais, havendo os célebres teque-





teques, vendedores ambulantes, de porta em porta, a oferecer todo tipo de artigos existentes no seu mostruário portátil, ou aceitando encomendas, de acordo com as solicitações do cliente. No interior eram regatões, em barcos a remo, levando as mais diversas quinilharias aos seringais, para trocar por produtos regionais, desequilibrando o sistema de aviamentos, tanto a nível local, como a regional, que não teve mobilidade para enfrentá-los, salvo por demonstrações de violência, como ocorreram.

Existia, ainda, outro grupamento étnico importante, era a comunidade judaica, a qual pertenciam Eugenio Aloin, Isaac & Irmão, Jacob Abtibol, Miguel Azulay, Samuel Laredo, Toni Zeleg e Yenna Aloin.









**SERINGAIS E BORRACHA**







A entrada da borracha dos seringais do Oriente, no mercado internacional, aviltara o preço da matéria-prima, estabelecendo uma situação econômica insuportável para os produtores da Amazônia. Até 1911 a euforia tomara conta de toda a região, criando um período de prosperidade conhecido como “Ciclo da Borracha”.

A partir daquele ano, com uma quantidade sempre crescente, as colônias inglesas superaram a estável produção de borracha nativa amazônica, que mantinha baixos níveis de oferta, com preços altamente compensadores. E, rapidamente, o Oriente inundou as praças consumidoras com 340.250 toneladas, em 1919, contra apenas 38.000 toneladas do Brasil.

Em decorrência desta abundância, os preços caíram assustadoramente. Em 1910, a cotação do quilo de borracha atingira o valor máximo de 16\$700. No ano seguinte caíra para uma faixa entre 5\$100 e 8\$400, mantendo-se relativamente estável, entre 1911 e 1914, retardando um pouco a crise definitiva, pois a Alemanha, preparando-se para a guerra, aqui comprava o produto, para estocá-lo. A partir de 1914, com a retirada daquele país do rol de compradores, os preços oscilaram entre 3\$450 e 4\$000 apenas.

Com o fim da Grande Guerra, o Oriente continuou a jogar nas bolsas de Londres e de Nova Iorque, centenas de milhares de toneladas de borracha, num verdadeiro dumping, que desmantelou, em definitivo, a economia regional. Assim mesmo, ainda se tentava manter um clima de otimismo, a fim de que o desespero não destruísse as últimas esperanças.

A partir de então, tornaram-se frequentes as falências de casas aviadoras, bem como a venda e a execução de hipotecas de seringais, pois os seringalistas estavam descapitalizados, ante a aplicação de recursos, em safras de um produto, que não obtinha fácil colocação, perdendo preço de ano para ano.

A situação do mercado, em 1918, pode ser aquilatada pela carta de J. G. Araújo, remetida aos seus clientes do interior, e publicada na “Gazeta do Purus” (n.º 8, de 1.º de agosto de 1918), que a seguir transcrevemos:



“Manaos, 7 de junho de 1918

Amigo e Sr.

Em consequência das dificuldades actuaes em exportar nossos productos, o curso dos negócios e as praxes da praça têm sofrido alterações que, por não ser possível saber até onde as contingências nos levarão a transigir sou forçado, por minha vez, alterar o regimen que até aqui adotei nos meus negócios, e disto venho prevenir os meus amigos e comitentes do Interior.

Outrora, a borracha e os outros productos eram negociados imediatamente após a chegada ou nos primeiros dias, sendo a entrega feita ao comprador, logo depois de desembaraçada e a transação liquidada a seguir; desta forma, os desembolsos feitos eram no por tão pouco tempo que nunca se cogitou dos juros que deveriam vencer; porém, atualmente, estes gêneros permanecem nos armazens por longo tempo, e não é mais possível immobilisar capital sem que seja justamente remunerado. Devido a este fato, desde 1.º de julho próximo, debitarei juros a razão de 12% ao ano sôbre as despesas que fizerem as consignações, com fretes, seguros, capatazias, etc., pelo tempo que fôr o desembolso.

Uma boa parte dos últimos negócios feitos em borracha, foram no a crédito e, mais ainda, sem prazo fixado. Interrompeu-se assim temporariamente a tradição, e se esta anormalidade continuar, os negócios feitos nestas condições serão levados ao conhecimento dos interessados, que não tenham dado instruções em contrário, correndo por conta dos mesmos a respectiva liquidação.

Tambem levo ao conhecimento dos meus comitentes que, a partir de 1.º de julho, como compensação, os saldos credores que porventura tiverem em meu poder, vencerão juros na razão de 2% ao ano, qualquer que seja o tempo.

De v. sa. att. vener. e obrigado

J. G. Araujo”

A cotação da borracha em Manaus, conforme rádio recebido em Sena Madureira, a 6 de julho de 1918, era de 3\$600 para a fina e 1\$800 para o sernambi, mostrando a desvalorização reinante (n.º 5, de 11 de julho de 1918 — “Gazeta do Purus”).

As considerações de Miguel Calmon, sobre o problema da borracha no post-guerra, lançam alguns esclarecimentos sobre esta situação (n.º 11, de 22 de agosto de 1918 — “Gazeta do Purus”). Relatam que, até o rompimento das hostilidades, o comércio da borracha amazônica estava confiado às casas alemãs, que em virtude da sua inclusão na lista negra, e da entrada dos Estados Unidos no conflito, deixaram de operar, produzindo uma crise sem precedentes em Manaus e em Belém. Com as dificuldades de transporte e a di-



minuição das transações bancárias, acumularam-se grandes estoques de borracha e castanha, determinando uma baixa geral de preços. Apesar de tudo, em março de 1918, a borracha brasileira estava sendo cotada, no mercado de Nova Iorque, a 57 cents por libra, o equivalente a 5\$000. Este aumento era devido ao fato do governo inglês ter diminuído, em 20%, as exportações de suas colônias, pela falta de embarcações, destruídas pelos submarinos alemães, e ao apresamento dos navios holandeses, pelos Estados Unidos, responsáveis pelo transporte de 59 milhões de libras de borracha da Indonésia, que deixavam de atingir os locais de consumo. Favorecendo a valorização, o presidente Wenceslau Braz autorizara, ainda, ao Banco do Brasil, a adquirir a matéria prima, em Manaus, em Belém e em Cuiabá, pelo preço mínimo de 4\$100, então denominado preço de regularização, bem abaixo do internacional.

Apesar de todos estes fatores, todo o interior da Amazônia continuava dedicado à extração do látex, pela falta de alternativas econômicas.

Nos fins de agosto de 1918, as safras do Iaco e do Alto Purus começavam a ser escoadas, com a promessa dos bons preços acima relatados. O n.º 13, de 5 de setembro, da "Gazeta" noticiava: "Durante a presente semana, têm descido para as praças de Manaus e Belém, em balsas, a fim de alcançarem os vapores, que nesta época só chegam à Boca do Acre, centenas de toneladas de borracha, destinadas às firmas Pinho Certo & Cia., A. Mesquita & Cia., Ferreira Costa & Cia, e outras".

Também firmas locais atuavam no comércio da borracha, como a "Casa José Jacob Chamma", à rua Amazonas, que dispunha de grande "stock" de mercadorias nacionais e estrangeiras, oferecendo 2\$100 pela borracha fina, 1\$200 pelo sernambi de seringa e 1\$400 pelo sernambi de caucho, tudo a dinheiro. (N.º 20, de 24 de outubro de 1918 — "Gazeta do Purus").

O rendoso negócio de venda de assininos e muares importados do Ceará, para o transporte de produtos e de mercadorias, entre as sedes dos seringais e as colocações do centro, nos chamados comboios, ainda era ativo, apesar da crise, conforme os anúncios da época:

#### "BURROS A VENDA"

Raymundo Nonato Brasil tem burros novos e gordos para vender no seu seringal Sacado, no Yaco. (N.º 13, de 5 de setembro de 1918 — "Gazeta do Purus").



“MAGALHÃES & CIA.”

Rua Amazonas  
Comissões e Consignações

Vende a preços módicos, a entregar em qualquer ponto do Purus e Yaco: Burros novos, bois mansos para carro, e vacas leiteiras (n.º 26, de 30 de novembro de 1918)”.

Seringueiros e seringalistas publicavam as suas despedidas nos jornais, como a que se segue:

“Antonio B. Chaves retirando-se para a cidade de Guarabira, Estado da Parahyba do Norte, e não sendo-lhe possível despedir-se de seus bons amigos e camaradas, vem por meio deste cumprir seu dever. Ali, onde pretende firmar sua residência oferece seus pequenos préstimos”. (N.º 9, de 8 de agosto de 1918 — “Gazeta do Purus”).

O ano de 1919 não trouxe alterações ao curso regressivo do extrativismo da borracha. As notícias de vendas, arrendamentos e execuções de hipotecas, indicativas de desistências ou falências, tornaram-se constantes, como as que transcrevemos a seguir:

#### “A V I S O

José Alípio Nobre participa ao comércio em geral, que em data de 7 de janeiro obteve por compra a Antonio Marinho Falcão, os seringais Lauro Sodré e Xapuri, onde se estabeleceu sob sua firma individual de José Alípio Nobre, passando os referidos seringais, desta data em diante, a uma só denominação de Arez. Em 7 de janeiro de 1919 (n.º 31 de 11 de janeiro de 1919 — “Gazeta do Purus”).

#### “SERINGAES

MACAPÁ, SÃO SALVADOR, PORTO SEGURO  
E SÃO PAULO

Arrenda-se qualquer número de estradas nestes bem conservados seringaes, a 25 kilos de borracha fina por cada estrada, tendo



os rendeiros a liberdade de comprarem as mercadorias para seu consumo e venderem a borracha que produzirem, a quem melhor lhes convier.

Faculta-se a entrada de utensílios e bagagens para as colocações centrais.

Macapá, 1.º de janeiro de 1919

*J. R. Oliveira*

(n.º 31, de 11 de janeiro de 1919 — “G. do Purus”).

### “ARRENDAM-SE ESTRADAS”

“No rio Yaco, seringal Oriente, arrendam-se estradas de seringueiras com direito do arrendatário comprar e vender a quem lhe convier, pagando 25 kilos de borracha fina bem pesados, consentindo-se vinte mutás em cada estrada, nas condições de serem cortados de cima para baixo, com entijelamento de 2 palmos de uma tijela para outra; zelo e uniformidade no corte, sem baterias e nem cagafogo, condições estas que serão especificadas no contrato que tiverem de assinar o locatário e o locador Jayme Pinto de Paula, legalmente habilitado.

O seringal é bom e está muito descansado.

Oriente — Yaco”

(n.º 31, de 11 de janeiro de 1919 — “Gazeta do Purus”).

Estes dois últimos anúncios indicavam a falência do sistema de aviamento, que prevalecera no período áureo do ciclo. O seringalista já não exigia a exclusividade na compra de produtos e na venda de mercadorias. Tão somente alugava as estradas, a preço fixo.

### “BOM NEGÓCIO

Tendo, os abaixo assinados, reduzido seu movimento comercial e industrial exclusivamente à extração gomífera de seus seringais, todos situados no vizinho Departamento do Acre, Município de Rio Branco, pretendem arrendar este lugar

*Florescencia (Rio Yaco)*

próprio para montar uma Casa Comercial, para o que conta com todos os preparos precisos.

Quem desejar se dedicar à criação e à lavoura encontrará campos extensos — comportando mais de duzentas cabeças de gado, — plantações imensas de cana e mandioca, bananeiras e árvores fru-



tíferas em produção, assim como uma casa montada com engenho, turbina, alambique, fachos, etc., etc., para a fabricação de rapadura, açúcar, destilação de cachaça e álcool, possuindo mis um aviamento completo de bolandeira para fabricação de farinha.

Fazemos qualquer negócio, contanto que o pretendente ou interessado conte com braços trabalhadores e algum pecúlio, para fomentar o negócio.

Informações detalhadas, a pedido, por carta, ou em casa de

*F. Hoyos & Hermano*

Florescencia, Rio Yaco, 3 de janeiro de 1919".

(n.º 36, de 15 de fevereiro de 1919 — "Gazeta do Purus").

O oferecimento retratava a falta de braços e de capitais para a movimentação de um negócio tão rendoso em outros tempos.

Pela mesma época, o comerciante Boaventura José dos Santos, residente no Departamento, solicitava, judicialmente, o pagamento da hipoteca do seringal Bom Jardim, então denominado Liberdade, à margem esquerda do Purus, dado como garantia do adiantamento feito ao coronel José Ferreira de Araujo, no valor de 200 contos de reis, aos 9 de março de 1913, a ser pago a 7 de março de 1915, correndo juros de 1% ao mes. Com o assassinato do proprietário, o hipotecário, a pedido da inventariante e única herdeira Maria do Carmo Ferreira, concordara em dilatar o prazo para a liquidação do empréstimo, o que não fôra feito, pelo falecimento da mesma. Não havendo sucessores era pedida a quitação da dívida, que já ascendia a 352.800\$000 (n.º 36, de 15 de fevereiro de 1919 — "Gazeta do Purus").

A cobrança teve continuidade, sendo anunciado o leilão do seringal, que deveria ocorrer à porta do Forum, à rua Yaco. O seringal tinha 10.000 metros de frente, por 10.000 de fundos, com 520 estradas de seringueiras, avaliadas em 200\$000 cada, ou sejam, 104.000\$000; um barracão para estabelecimento, de madeira de lei, avaliado em 30.000\$000; um barracão para depósito de borracha, inflamáveis e comboios, 5.000\$000; uma casa de residência, de madeira de lei, em 5.000\$000; um barracão para hospedaria, em .... 3.000\$000; uma cocheira para animais, em 200\$000; um barracão com aviamento completo e bolandeira para o fábriço de farinha, em 5.000\$000 e 5 barracas de paxiúba, em 2.500\$000, perfazendo um total de 154.700\$000, relação que transcrevemos, para se ter idéia das construções que compunham uma sede de seringal. (n.º 54, de 5 de julho de 1919 — "Gazeta do Purus").

Assim, era patente a crise instalada nos seringais acreanos, pois José Ferreira de Araujo, em 1904, na época do fastígio, fora



capaz de manter uma tropa de mais de 100 pessoas, em guerra com os peruanos, e nove anos após encontrava-se endividado, a ponto de realizar um empréstimo, que jamais conseguiria saldar.

Apesar de tudo, em janeiro de 1919, com a cheia, embarcaram pelo navio Mondego, 140 toneladas de borracha; pelo Riosinho, 127 toneladas; pelo Júpiter, 70 toneladas e pelo Sobral, 243 toneladas, na sua maior parte destinadas a Belém (n.ºs 31 de 11 de janeiro e 32, de 25 de janeiro de 1919 — “Gazeta do Purus”).

Em setembro, durante a vazante, grande foi o movimento de balsas para Boca do Acre, descendo borracha para as seguintes firmas paraenses:

Ferreira Costa & Cia	70.000 kg
Pinho Certo & Cia (Purus)	70.000
Pinho Certo & Cia (Yaco)	36.000
B. P. Silva & Cia	40.000

(N.º 64, de 13 de setembro de 1919 — “Gazeta do Purus”).

O preço alcançado fôra dos melhores, atingindo 4\$000 o quilo, conforme informações de Manaus e da firma Ferreira Costa. (N.ºs 32, de 18 de janeiro e 63, de 6 de setembro de 1919 — “Gazeta do Purus”).

A queda do interesse pela borracha nativa propiciou o aparecimento de uma agricultura de subsistência, em substituição às importações. Disto foi exemplo o seringal Reforma, no Cayaté, de don Demétrio Padilla, onde estava localizada a usina Rafaela, movida a vapor. O seringal produzia cana, arroz, milho e mandioca, que eram industrializados e transformados em açúcar, farinha, fubá, cachaça e arroz sem casca (n.º 5, de 11 de julho de 1918). Outro empreendimento idêntico era a usina Aracaju, de Maia, Lima & Cia, também produtora de açúcar e farinha (n.º 76, de 7 de dezembro de 1919 — “Gazeta do Purus”). A crise da borracha fortalecia a agricultura, melhorando a qualidade da alimentação.

No início de 1920, a Mesa de Rendas fornecia o volume total de borracha exportada (n.º 81, de 18 de janeiro de 1920 — “Gazeta do Purus”), no ano anterior:

	<i>Para Manaus</i>	<i>Para Belém</i>
Fina	184.595 kg	738.740 kg
Sernambi de Seringa	33.180	99.567
Sernambi de caucho	35.683	230.799
Total	253.458	1.069.106



Pelo Posto Fiscal de Campinas passaram mais: 453.294 kg, totalizando uma produção de 1.775.858 kg.

A Gazeta comentava que o fábriço fôra satisfatório, e apesar da epidemia de influenza espanhola, trabalhara-se mais que em 1918. A produção do caucho diminuira, pela destruição das árvores, pois em 1910, quando as terras eram mais virgens, a safra daquela matéria prima ultrapassara 1.000 toneladas.

O seringalista e político Avelino Chaves, em estudo intitulado "Necessidades Capitais da Amazônia" (n.ºs 34, de 30 de janeiro; 35, de 8 de fevereiro e 36, de 15 de fevereiro de 1919 — "Gazeta do Purus"), propunha uma série de soluções, para amenizar a situação acreana. Pedia a criação de uma Diretoria de Terras, para regularizar o problema fundiário, pois a luta pela legalização de terras já era grande, existindo mais de 5.000 propriedades rurais sujeitas à legitimação ou revalidação. Sugeria fossem considerados legítimos os títulos dados pelo Amazonas, pelo Estado Independente do Acre e pela Bolívia, e todas as posses anteriores ao Tratado de Petrópolis. O assunto iria eternizar-se, com as consequências sociais, hoje do conhecimento de todos.

Outras proposições suas eram a anexação de Boca do Acre ao Departamento do Alto Purus, que passaria a ser a capital, com um porto atingível o ano inteiro, e a construção de uma estrada de ferro ligando Lábrea a Rio Branco, encurtando o tempo de viagem a partir de Manaus. Para a implantação desta estrada, chegaram a figurar verbas, no orçamento do Governo Federal para o exercício de 1919. Com ela a distância de Manaus seria diminuída, pois nas cheias levava-se de 15 a 18 dias, para atingir Rio Branco, e nas vazantes, de 30 a 35 dias, e caso houvesse a ferrovia, de Manaus a Lábrea seriam 5 dias, e daí até a capital do Acre, 12 horas apenas. Esta idéia teria sido uma grandiosa realização para o progresso da área, caso tivesse sido executada.

Em 1921 e em 1922, os bons preços de 1919 não se mantiveram, alastrando-se a miséria por todos os quadrantes do Acre. O que se produzia não dava para pagar os aviamentos de maior necessidade.

O bandoleirismo começou a aparecer com o ataque à chata Olinda, do comandante Mendes Pereira, em Redenção, no Amazonas, por 200 homens, que roubaram 173 volumes de mercadorias, dois bois e o rancho (n.º 85, de 20 de março de 1921 — "Gazeta do Purus"), e o ataque ao seringal Oriente, de Pinho Certo, por Julião Sampaio, dono do seringal Iracema, que se apossou de aviamentos ali existentes, para o pagamento de um arrendamento que aquela firma não saldara (n.º 91, de 13 de junho de 1921 — "Gazeta do Purus").



Raimundo Custódio Freire, do seringal Amapá, tentava um novo sistema de exploração para os seringais — o de arrendamento de estradas, que já fora experimentado antes, de maneira quase idêntica. (n.º 100, de 25 de dezembro de 1921 — “Gazeta do Purus”).

O arrendatário trabalhava no corte de três estradas, pagando mensalmente 12 kg de borracha fina, no centro, e 10 kg, nas margens, podendo vender a produção e comprar aviamentos a quem entendesse.

O proprietário alugava utensílios (bacia, baldes, boião, tijelas) a 8\$000 mensais, conduzia as mercadorias e as pelas ao frete de 100 réis o quilo, por dia de viagem até a colocação, e vice-versa, e vendia aviamentos, mediante borracha, com 10% de taxa, após receber a renda e o aluguel, que era liquidada a 1\$200 no centro, e a 1\$300, nas margens.

A maior parte dos seringueiros, sob este novo regime, começou o trabalho com castanha, milho e roçagem de varadouros e, depois, com o corte das seringueiras. Em julho, alguns já tinham 100 kg de saldo. Os trabalhadores estavam satisfeitos, mas ainda contrariados com a conta velha e com os baixos preços do produto. “Com a extinção do patrão cessarão os levantamentos, as fugas, as imposições, as prevenções, etc. O Acre reviverá”, comentava a “Gazeta do Purus”.

Mas isso não minorava o quadro desolador. Durante todo o ano de 1921 e na maior parte do ano de 1922, os preços dos artigos regionais estiveram baixíssimos, marcando uma crise sem precedentes, dentro dos seguintes valores:

Borracha fina — 2\$100

Sernambi — 1\$100

Castanha — 25\$000

Caucho — 1\$200

(N.º 89, de 15 de maio; 91, de 13 de junho de 1921; n.ºs 104, de 12 de março de 1922 — “Gazeta do Purus”).

Nos seringais não se pagava mais que 1\$000 pelo quilo, com repercussões violentas para toda a população acreana, conforme as notícias da época.

Em uma localidade do Macauã nasceram e morreram doze crianças. A mortalidade infantil atingira 90% dos recém-nascidos, por falta de alimentação, sobrevivendo uns poucos, alimentados com leite de castanha. Contudo, o estado de miséria era geral e desesperador. Grande parte dos seringueiros estava doente. Os patrões, em viagens ao centro, avisavam sua chegada, com antecedência, para que “as mulheres nuas se recolham ao interior das choupanas”. (n.ºs 103, de 19 de fevereiro e 104, de 12 de março de 1922 — “Gazeta do Purus”).



As despesas mínimas de uma família, por mes, equivaleriam a:

2 latas de banha	20\$000
3 kg de café	12\$000
4 kg de açúcar	12\$000
1/2 molho de tabaco	10\$000
3 garrafas de querczene	6\$000
1 maço de fósforos	2\$000
5 kg de sal	10\$000
2 barras de sabão	4\$000
20 balas	20\$000
2 livros de papelim	3\$000
Total	99\$000

Para estas necessidades, extremamente modestas, eram precisos 99 kg mensais de borracha, e não havia quem os produzisse. “Como comprar fazendas, leite e medicamentos?”. (n.º 104, de 12 de março de 1922).

“Em casa de Laredo & Cia estão expostas três pelias — uma contendo rolo de madeira de 12 kg, e duas contendo barro, pesando 70 kg, e só 40kg de borracha”. (n.º 103, de 19 de fevereiro de 1922 — “Gazeta do Purus”). Esta ocorrência era taxada de pouca vergonha dos seringueiros do Amazonas, mas na realidade representava a fome rondando os seringais.

Em março de 1922 a “Gazeta” noticiava a chegada de 18 flagelados de fome, pelo vapor Guanabara, dos quais 9 eram crianças. Um pai de família morrera ao alimentar-se, pela primeira vez, em dias. “Ontem 42 pessoas desceram o Purus abaixo. Para onde? Não se sabe”. (n.º 105, de 26 de março de 1922 — “Gazeta do Purus”). Diariamente passavam em frente de Sena Madureira jangadas cheias de pessoas, abandonando os seringais. Nos arredores da cidade, a população reduzira-se à metade, em relação a 1920. No Interior, somente os seringais Liberdade, no Purus, e Guanabara e Tabatinga, no Iaco, trabalhavam com mais de 100 homens, estando dezenas de outros abandonados (n.º 115, de 29 de outubro de 1922 — “Gazeta do Purus”).

Quanto à fazenda para roupas, até a estopa dos sacos de farinha era disputada (n.º 104, de 12 de março de 1922 — “Gazeta do Purus”), pois um metro de tecido inferior estava custando 8\$000, e para comprar os sete metros necessários para uma vestimenta, o seringueiro deveria produzir 56 kg de borracha, o que era totalmente impossível, daí a nudez da população (n.º 112, de 10 de agosto de 1922 — “Gazeta do Purus”).



Em outubro de 1922 houve uma ligeira melhora na conjuntura, pois, em rápida subida, a borracha passara a ser cotada a 3\$300 e 3\$400 o quilo (n.º 115, de 29 de outubro de 1922 — “Gazeta do Purus”).

A Gazeta, no número acima citado, alertava aos seringalistas para não se entusiasmarem com o aumento, pois poderia ser temporário, publicando os seguintes mandamentos:

- “1) Não se lançar a negócios aventureiros, atrás de lucros rápidos, pensando que a alta seja permanente.
- 2) Não comprar senão o estritamente necessário e, gradativamente, nunca fazendo aviamentos para mais de dois meses.
- 3) Fugir do crédito para comprar supérfluos, ou comprar mais do que necessite.
- 4) Comprar a vista dois terços do que necessitar, e um terço a 60 dias.
- 5) Não se deixar mais iludir por este morcego — o aviador.
- 6) Nunca sair do município para fazer suas compras, pois assim paga o que realmente comprou e viu.
- 7) Correr, como o diabo da cruz, daquele que lhe oferecer fiar sob a promessa de bons negócios.
- 8) Reconhecer que Sena Madureira dividiu, na agonia comum, tudo o que tinha, para não paralizar o trabalho dos seringais.
- 9) Enxotar da porta todo e qualquer aviador que não tiver casa estabelecida no Município.
- 10) Não conservar “stok” de borracha”.

Os aumentos de preços da borracha, cuja tendência fora renunciada no ano anterior, continuaram em 1923, dando ligeiro desafogo aos negócios. Esta valorização fora devida a uma doença que devastara os seringais do Oriente, principalmente os do Ceilão (n.º 118, de 8 de janeiro de 1923 — “Gazeta do Purus”).

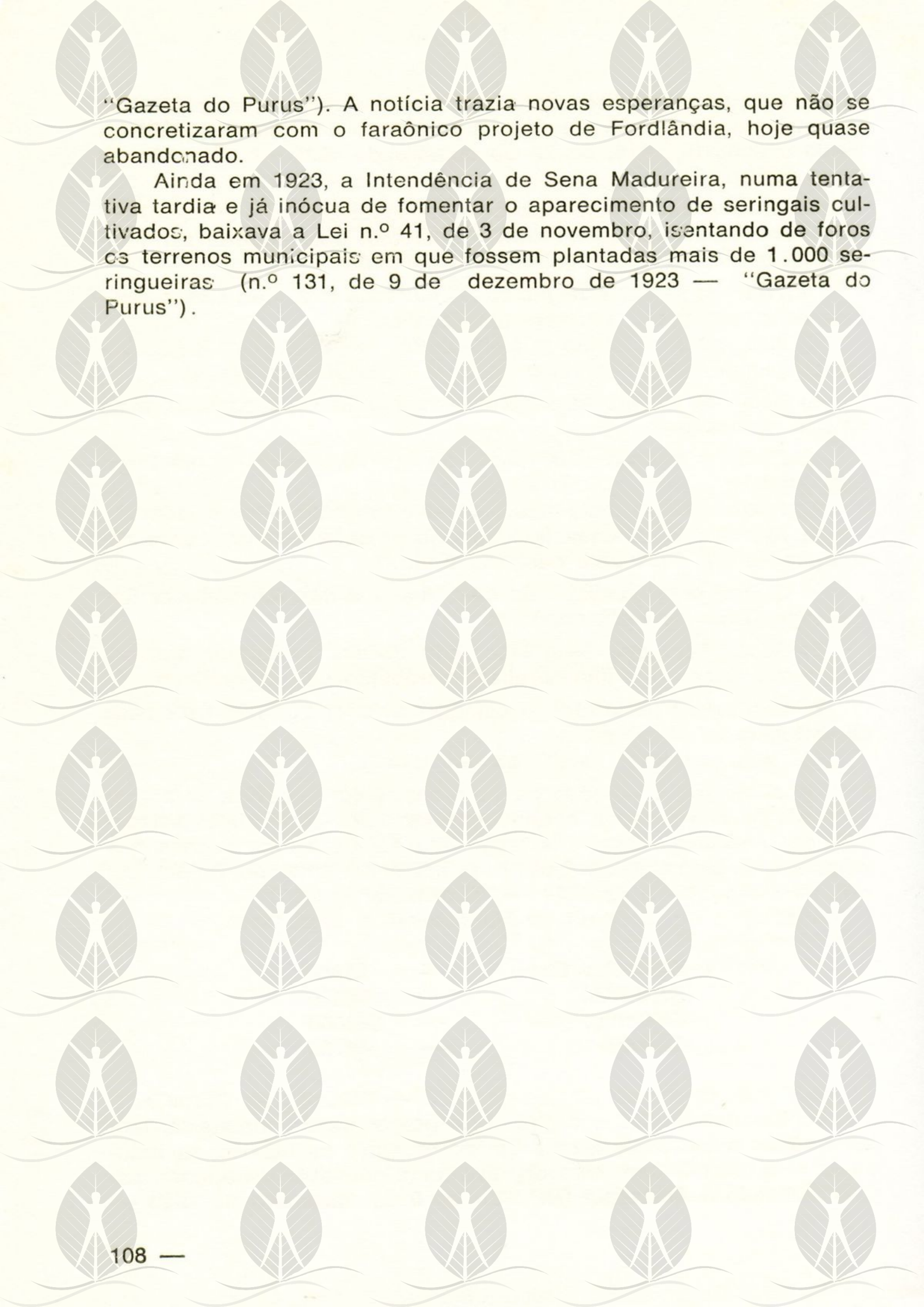
A cotação do mercado de Manaus era a seguinte:

Borracha fina	—	5\$050
Sernambi	—	3\$500
Castanha	—	38\$000
Caucho	—	4\$150

(N.º 119, de 21 de janeiro de 1923 — “Gazeta do Purus”).

Os Estados Unidos, em guerra de preços com a Inglaterra, tentava, então, estabelecer seus próprios seringais na Libéria, na Indonésia e no Brasil. Com este objetivo, uma comissão americana estava visitando a Amazônia (N.º 131, de 9 de dezembro de 1923 —





“Gazeta do Purus”). A notícia trazia novas esperanças, que não se concretizaram com o faraônico projeto de Fordlândia, hoje quase abandonado.

Ainda em 1923, a Intendência de Sena Madureira, numa tentativa tardia e já inócua de fomentar o aparecimento de seringais cultivados, baixava a Lei n.º 41, de 3 de novembro, isentando de foros os terrenos municipais em que fossem plantadas mais de 1.000 seringueiras (n.º 131, de 9 de dezembro de 1923 — “Gazeta do Purus”).





**A GRIPE ESPANHOLA**







Em novembro de 1918 a "Gazeta" anunciava a morte de 20.000 pessoas, no Rio de Janeiro, vítimas da terrível pandemia de gripe, que então assolava o Mundo. Nesta mesma época subia aos milhões, o número de casos em todo o País, e estavam atacadas todas as cidades do litoral. Em Manaus, um surto benigno obrigara o fechamento das escolas e a suspensão dos jogos e diversões, como medidas preventivas para evitar a propagação do mal.

O Governo do Departamento do Alto Purus também tomou providências, no sentido de bloquear a chegada da doença. Determinou a visita médica de todas as embarcações vindas dos portos infectados, e o seu controle diário; a suspensão das aulas, e o isolamento dos doentes, que aparecessem, no Hospital da Caridade, em enfermaria própria.

Do Rio de Janeiro, a Diretoria Geral de Saúde, a 11 de outubro de 1918, expedira instruções ao inspetor de saúde do porto de Belém, com dados esclarecedores sobre a epidemia. O morbus teria atingido o território brasileiro a partir de setembro, vindo de Dakar, na África. Atacava o sistema nervoso central, era altamente contagioso e todas as tentativas de profilaxia haviam sido inúteis, podendo-se apenas evitar aglomerações. Recomendava rigorosa antisepsia da boca e vias aéreas, sais de quinino e vacinação antivariólica. Para a Diretoria, tratava-se de doença benigna...

A "Gazeta", baseada em informações médicas, recomendava medidas de profilaxia individual: "Na forma ligeira, comum ou benigna, basta, em geral, o uso de "Allium sativum", na dose de uma gota, em uma colher de água, por hora".

"Na forma maligna os medicamentos mais usados são: o arsênico, antimonium, tártaro e digitalis, sob orientação médica".

"Como preventivo deve-se usar o "Allium sativum", na dose de 5 gotas pela manhã e 5, a noite, em um cálice de água, ou pastilhas de arsenicum, uma em cada refeição".

"A cânfora é indicada quando há fraqueza extrema".

A população optava pelo limão, embora os médicos preferissem a infusões de eucaliptos. Por isso, em Recife e no Rio, essas frutas chegaram a custar 5\$000 a unidade.



Os principais sintomas da doença eram a febre, o catarro das vias aéreas superiores, forte dor frontal, dores nos membros e prostração geral. Nos casos mais graves apareciam fraqueza extrema, agitação e sufocação, com o resfriamento das extremidades.

No dia 25 de novembro de 1918, chegava o vapor Óbidos, da Amazon River, trazendo seis passageiros de primeira classe e cinco de terceira, a Sena Madureira, dos quais sete estavam acometidos de influenza espanhola benigna, sendo imediatamente isolados no Hospital da Caridade. As malas postais sofreram rigorosa desinfecção, antes de serem recebidas pelo Correio. Iniciava-se, com esses recém-chegados, a epidemia na capital do Departamento.

As notícias vindas de fora eram alarmantes. Em dezembro, na vizinha Rio Branco, haviam mais de 300 casos, e em Manaus, a enfermidade fizera 2.000 vítimas fatais, embora já estivesse declinando a sua virulência.

Após desaparecer de Sena, no período de janeiro a fevereiro de 1919, a epidemia recrudescceu em março, quando 34 doentes internaram-se nos primeiros dias daquele mês, sob os cuidados médicos de Victoriano Freire e Rodrigo de Araujo Jorge. O mal grassava na estrada do Acre, para onde foram remetidos medicamentos.

A primeira vítima fatal ocorrera a 28 de fevereiro, quando o seringueiro Raimundo Aguiar, do Xiburema, no Caiaté, veio a falecer. Daí em diante, até 20 de março, mais de dois terços da população estava acometida.

O Hospital da Caridade foi preparado para receber os doentes mais graves, e para lá a Intendência mandou leite, maizena, chá, pão, galinhas, açúcar, redes e cobertores. A Prefeitura supriu-o com os medicamentos disponíveis.

Os médicos Victoriano Freire e Araujo Jorge, que haviam atuado nos primeiros momentos, foram contaminados, logo substituídos por Helio Abreu e Américo Alvarez. Na estrada do Acre, o enfermeiro Matias Bastos da Silva trabalhava incansavelmente, no atendimento da população rural.

Além da gripe, a cidade foi invadida por uma grande cheia do lago, que inundou toda a parte baixa, aumentando os problemas da população.

A "Gazeta" assim descrevia a situação:

"Era desolador e trágico o quadro que oferecia a cidade, acosada duplamente pela fatalidade do destino".

"Aqui e ali se viam passar macas conduzindo enfermos para o Hospital".

"Todas as ruas se achavam desertas, mesmo as do bairro comercial, sendo intensa a chuva, que de momentos a momentos caía, contribuindo consideravelmente para piorar o estado sanitário".



O número de doentes era tão grande, que foi ocupado um prédio à praça Cearense, para servir de enfermaria de emergência. Organizou-se, inclusive, uma turma de trabalhadores para o transporte dos doentes e dos cadáveres, chefiada pelo inspetor de quartirão José Rebouças, e da qual faziam parte João Claro, José Rabelo, João Cosme, Francisco Gomes de Oliveira, Miguel Rodrigues da Silva, José Virgolino e Sebastião da Siqueira Granja, que serviram de enfermeiros e serventes.

A epidemia atingiu o seu ápice, por vinte dias, nos fins de março e começos de abril. Só naquele primeiro mês, o total de óbitos foi de 46, que acrescido aos dos arredores, totalizariam 70 mortes. Ao todo, adoeceram 2028 pessoas, na cidade, e dos 100 doentes internados no Hospital, o número de casos fatais chegou a 24. Na estrada do Acre, de 200 gripados, faleceram 17.

O farmacêutico Manuel da Silva Roque, incansável, manipulou mais de 585 receitas, para os doentes.

Muitos donativos foram efetuados pelas pessoas mais abastadas, minorando o sofrimento dos necessitados.

Nos fins de abril a pandemia havia cessado, afastando-se da cidade, êste terrível flagelo.

Fontes: — N.ºs 23, de 15/11; 24, de 22/11; 25, de 30/11; 26, de 7/12 e 27, de 14/12/18 — 40, de 15/3; 41, de 5/4; 42, de 12/4 e 43, de 3/5/1919. — “Gazeta do Purus”.









**O BARCO A VAPOR**







A navegação era indispensável à sobrevivência das populações do Alto Purus e do Iaco. Era o navio que ligava aquelas regiões isoladas à civilização, num ciclo anual, que dependia das vazantes e das enchentes dos rios. Quas aves de arribação, todos os anos, à mesma época, quando as águas começavam a subir, graças às chuvas de inverno, dezenas, talvez centenas de motores, lanchas, lanchões, chatas, chatinhas, gaiolas, batelões, alvarengas, remontavam o Purus, vencendo estirões, ultrapassando tronqueiras, flaqueando praias, cortando os sacados, esperando repiquetes, enfim, acompanhando o canal, sempre avançando, até os mais remotos seringais, na busca do ouro negro. Traziam as mercadorias, as mais variadas, necessárias àquela gente exilada no interior mais desassistido do nosso País — fazendas, machados, querosene, café, fósforos, sal, cachaça, carne seca, farinha, açúcar, feijão, rapadura, bugangas, quinquilharias, espelhos, contas, perfumes, pentes, panelas, facas, tijelinhas, terçados, rifles, balas, tabaco, papelinhos, bombons, encomendas, correspondências e tudo o que se desejasse de Manaus e de Belém. Concluídos os negócios, entregues ou vendidos os aviamentos, voltavam pejados de borracha, castanha, sernambi, jarina e couros, destinados ao consumo de terras longinquas, e só retornavam no ano seguinte, à mesma época. E faziam dezenas de paradas para tomar lenha, indispensável à movimentação das suas máquinas, alimentadas pelo vapor das caldeiras.

A chegada de uma embarcação, em qualquer ponto de escala de sua linha, era objeto de manifestações festivas, pois além dos gêneros e objetos, que trazia; além dos negócios com a compra de produtos regionais, que prometia; indicavam a volta de um parente que fora se tratar na capital; a passagem de um político, para os seus redutos eleitorais; as notícias de amigos e familiares distantes, enfim, algum acontecimento da mais alta importância social, para a localidade.

O comandante de navio era uma das pessoas mais respeitadas acatadas e admiradas, no vale. A sua amizade, cultivada por todos, e a sua presença, considerada como a de uma autoridade importante, onde quer que seu barco estacionasse. Trazia notícias de viva



voz, servia de informante e de confidente político, conduzia as encomendas especiais, no seu camarote, encarregava-se dos menores que iam estudar fora, transportava dinheiro, em suma, executava um papel de extrema importância para aquelas comunidades perdidas na floresta tropical. E a sua tripulação, do imediato ao taifeiro, era também tratada com distinções, pelos mesmos motivos, em todas as barrancas, seringais, cidades, vilas e portos de lenha, onde o vapor encostasse.

Pela sua atuação econômica e social, a movimentação dos navios, os desastres, a qualidade das viagens e do passadio, a autoridade do comandante, o comportamento da tripulação, a limpeza, a regularidade das subidas e descidas, o tempo dos percursos, a tonelagem, a força e a velocidade dos barcos, sempre foram objeto de notícias escritas ou orais, que corriam céleres pelas margens dos rios, definindo preferências.

Porisso mesmo, as páginas da "Gazeta" estavam repletas de informações sobre chegadas e partidas de navios, acidentes, presença de comandantes, anúncios de viagens e ocorrências diversas, atestados da dependência que a região vivia, deste tipo de transporte, única ponte de contacto com o resto do País, não fôsse a existência do telégrafo.

Em 1918, acompanhando a crise da borracha, a navegação encontrava-se em declínio, talvez pela falta de negócios, ante a crise econômica que tomara conta da Amazônia. A nossa frota mercante fluvial estava sendo desfalcada, pela venda de seus vapores, para a cabotagem marítima, o que exigia adaptações. Naquele ano, varios navios estavam sendo objeto de negociações, com essa finalidade. O Rio Machado, o Souto e o Cabral passavam por reformas, para serem vendidos. O Mamoriá já fora negociado. O Rio Macauã, comprado por uma firma de Santos. O Juracy, em reforma, para a linha de Pernambuco. O Mocre, vendido para os Estados Unidos. O Comandante Macedo, em negócio. O Constantino Nery, adquirido por um sindicato americano. Eram nove barcos que em breve deixariam os nossos rios. (N.º 10, de 15 de agosto de 1918 — "Gazeta do Purus").

A firma Pinho Certo & Cia, que controlava boa parte dos negócios de borracha do Alto Purus, noticiava a posição de seus navios: "Mondego — saiu de Belém a 28 de novembro, com escala por êste porto e destino ao rio Purus.

"Riosinho — sairá a 2 de dezembro com escala por êste porto e destino ao rio Macauã"

(N.º 25, de 30 de novembro de 1918 — "Gazeta do Purus").

O acidente mais importante do ano de 1918, foi o naufrágio da lancha Mercês, de José Cesário de Farias. Construída em 1899,



media 33 metros de comprimento, 5,5 metros de boca e 3 metros de pontal, tendo 140 toneladas de registro e possantes 110HP de força. O desastre ocorreu a uma e meia da madrugada de 18 de novembro, duas praias antes de chegar ao barracão de Baturité. A lancha abalroou um pau, que lhe abriu um rombo no casco, pelo qual a água penetrou com rapidez, “não havendo imperícia do comandante José Cesário”, frisava a “Gazeta”. (N.º 26, de 7 de dezembro de 1918).

Ferreira Costa & Cia, firma de Belém, anunciava a compra de três navios, para incrementar as suas atividades no interior (N.º 26, de 7 de dezembro de 1918 — “Gazeta do Purus”). A casa, trabalhando no ramo de exportação e de importação, fora fundada em 1870, tendo seção bancária, de borracha e de estivas. Rotulava-se como a maior do gênero, em Manaus e Belém. Vangloriava-se de ter disposto de monstruoso “stock” de mercadorias, durante todo o período da guerra, desenvolvendo de tal maneira os seus negócios, que chegou a fazer um apuro, nas suas vendas anuais, da considerável soma de 12.000 contos. Aviava o Baixo Amazonas, o Tapajós, o Xingu, o Juruá, o Iaco, o Acre Brasileiro e Boliviano.

Os navios adquiridos eram o Rio Purus, o Alvaro de Carvalho e o Sobral, tendo o último partido para o Iaco, a 22 de novembro.

A casa avisava:

“O Sobral traz um carregamento completo de mercadorias, para os seus aviados, e expedição, para largos negócios. Por todos os motivos é a casa que em melhores condições se acha, para oferecer transações vantajosas aos seus comitentes do interior, e ao comércio em geral”.

A partir do mês de outubro, o movimento do porto de Sena Madureira aumentava, face a subida das águas e, em dezembro, ele atingia o máximo. As notícias sobre as chegadas e saídas de embarcações tornavam-se mais frequentes:

“Zarpou ontem a lancha Branquinha, do comandante Antonio Couto, com 52.500 quilos de borracha”. (N.º 26, de 7 de dezembro de 1918 — “Gazeta do Purus”).

#### “Movimento do Porto

Dia 22 — Júpiter, comandante Alfredo Fernandes, procedente de Belém, trazendo passageiros.

No mesmo dia, o Mondego, comandante Nemésio Cordeiro, procedente de Belém e escala em Manaus.

Ainda em 22, deu entrada em nosso porto, procedente de Boca do Acre, o Itacoatiara, do comando do piloto James Lemos, com passageiros.



Dia 24 — Riosinho, do comando do piloto Rodolfo Pampolha, procedente de Belém e escalas, com passageiros. Procedente de Belém e escalas, com vinte dias de viagem, ancorou no porto, no dia 26, o paquete Sobral, da firma Ferreira Costa & Cia, daquela praça, sob o comando do estimado e competente piloto Roberto de Figueiredo, quo por muito tempo comandou o Imperador, da casa Fernandes & Cia". (N.º 29 de 28 de dezembro de 1918 — "Gazeta do Purus").

Nos altos rios, assim como haviam os repiquetes facilitando a navegação, face à rápida subida das águas, também aconteciam vasantes instantâneas. A 2 de abril de 1919, o vapor Turuna, de B. P. Silva & Cia, de Belém, encalhava na Boca do Caiaté, tomado por uma destas vasantes-surpresa, baixando o rio, em poucos minutos, mais de duas braças. O navio Moa, ao dar-lhe socorro, ficou encalhado por duas horas. (N.º 41, de 5 de abril de 1919 — "Gazeta do Purus").

Os abusos da Amazon River eram duramente criticados. A poderosa companhia não mandara navios para o Alto Purus, até junho de 1919, alegando falta de profundidade, permanecendo os seus barcos em Boca do Acre, onde as mercadorias destinadas a Sena Madureira eram desembarcadas, pagando armazenagem nos depósitos da empresa, aguardando transporte para o seu destino final. Contudo, as lanchas Japurá e Guiomar, com seis pés de calado, o dôbro do das chatas da companhia inglesa, tinham ancorado em Sena, não se justificando a alegação citada. A Guiomar descera, a 25 de junho com 10 toneladas de borracha a bordo, e uma alvarenga de 17 toneladas a reboque. As embarcações da Amazon River eram insuficientes para atender a região, embora ela fôsse obrigada a fazer, pelo menos, uma viagem mensal às sedes dos Departamentos (n.º 53, de 28 de junho de 1919 — "Gazeta do Purus").

Em 1922, ela estabelecia preços especiais para o transporte das mercadorias acreanas de exportação, com o intuito de ajudar o desenvolvimento da agricultura, nos altos rios. Eram os seguintes os preços cobrados:

#### De Sena Madureira para Manaus

Açucar, Arroz, Milho, Feijão, Farinha — por tonelada —	45\$000
Jarina a granel ou em sacos — por tonelada —	60\$000
Algodão em Fardos — por 40 pés cúbicos —	80\$000

(N.º 101, de 15 de janeiro de 1922 — "Gazeta do Purus").



A lenha era o combustível indispensável às embarcações a vapor, que tinham escalas obrigatórias para recebê-la, nos chamados portos de lenha, sinônimo de cidades e vilarejos sem progresso, com o passar dos tempos. Este fornecimento de lenha tornou-se um bom negócio, publicando-se anúncios oferecendo o produto:

### AVISO

“Avisa-se aos senhores comandantes, que em porto apropriado do seringal Santa Clara, no rio Yaco, encontrarão sempre boa lenha, nos meses de outubro a maio, que será vendida a preços correntes, aceitando-se vales da Amazon River Company, como também transaciona-se com mercadorias, conforme prévio ajuste.

Santa Clara-Rio Yaco — 1.º de agosto de 1919

(N.º 63, de 6 de setembro de 1919 — “Gazeta do Purus”)

Era exatamente no período de outubro a maio, que a enchente permitia a subida dos navios de maior calado. A chegada dos primeiros barcos era saudada com notícias de destaque, e constituía-se num acontecimento social.

### “CHATA CURYTIBA”

“No dia 28 do mês findo, às 17 horas, aportou nesta cidade a chata Curytiba, de propriedade da Amazon River Company, sob o comando do hábil piloto capitão Santos Flores.

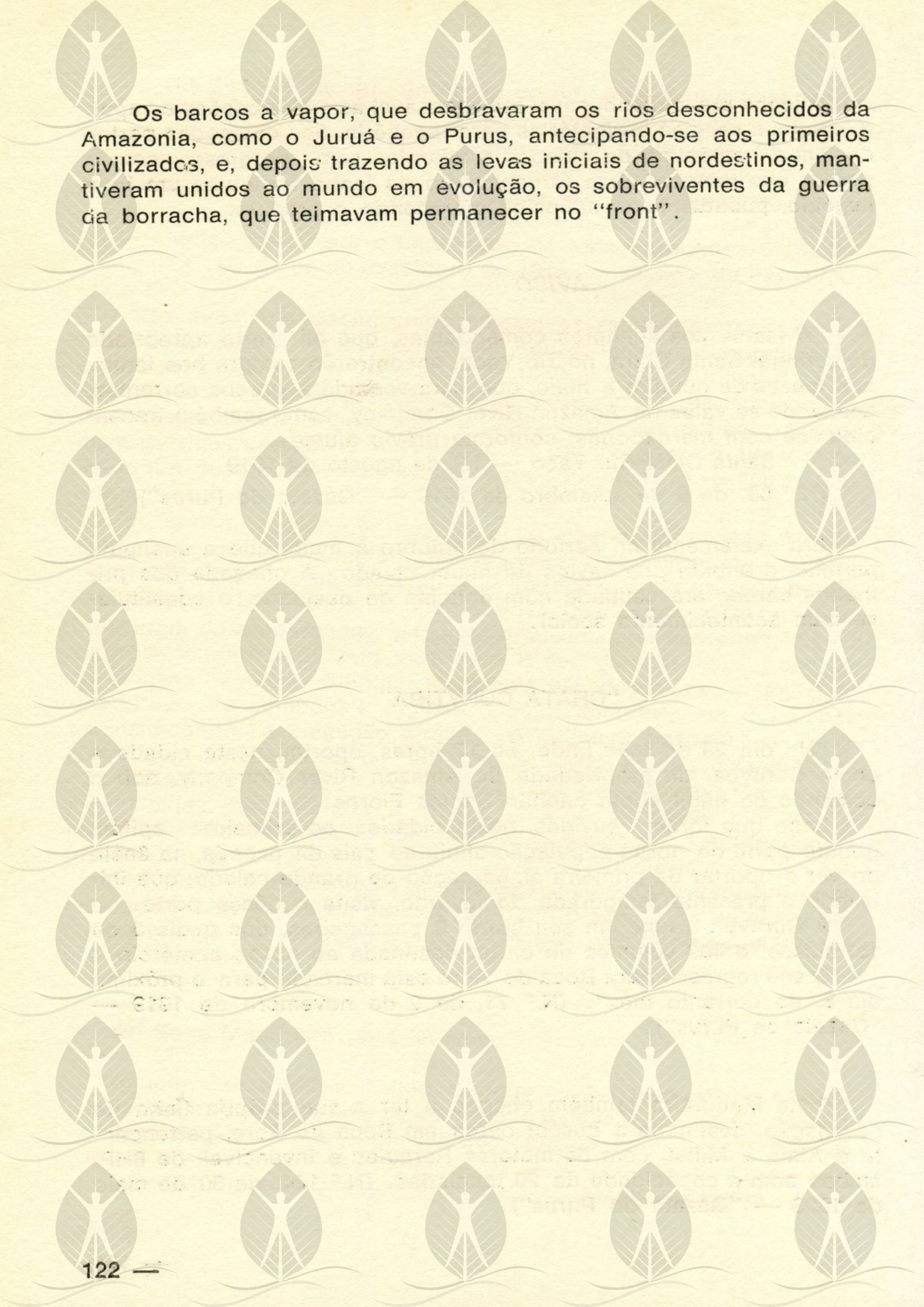
Logo que foram ouvidos, nesta cidade, os primeiros apitos, grande parte de nossa população afluiu ao cais da escada, na ânsia de ver o aportar da primeira embarcação de grande calado, que iniciando a presente temporada de inverno, visita o nosso porto.

A Curytiba trouxe em seu bordo 6 passageiros, dos quais 3 de 1.ª classe, e 409 volumes de carga destinada ao nosso comércio.

O seu regresso para Boca do Acre está marcado para o próximo dia 8, do corrente mês”. (N.º 71, de 2 de novembro de 1919 — “Gazeta do Purus”).

Sena Madureira também chegou a ter a sua própria linha de navegação, destinada a buscar carga em Boca do Acre, pertencente a Atala & Millet, com os motores Hercules e Invencível, de 8HP, ambos com a capacidade de 20 toneladas. (N.º 124, de 30 de maio de 1923 — “Gazeta do Purus”).





Os barcos a vapor, que desbravaram os rios desconhecidos da Amazonia, como o Juruá e o Purus, antecipando-se aos primeiros civilizados, e, depois trazendo as levas iniciais de nordestinos, mantiveram unidos ao mundo em evolução, os sobreviventes da guerra da borracha, que teimavam permanecer no "front".





**POLÍTICA**







Em 1918, ocupava a Prefeitura do Departamento do Alto Purus o doutor Eleutério Frazão Muniz Varela, que deixou o govêrno a 31 de outubro daquele ano, por motivo de doença, tendo embarcado para o Rio, na chata Sorocaba. À sua partida compareceu uma grande multidão, para dar-lhe as despedidas. Na sua administração fôra construída a cadeia pública, reformado o Theatro Cecy, instalada uma escola pública, criada a caixa escolar, que mantinha dezenas de crianças estudando, e reestruturada a instrução pública. Era seu secretário geral o Dr. Antonio Pinto do Areal Souto, e diretor da Instrução Pública, o doutor Victoriano Freire, que continuaram na gestão seguinte, do major João Baptista D'Alcântara, 3.º sub-prefeito, proprietário do seringal Tabatinga (n.º 21, de 31 de outubro e 22, de 7 de novembro de 1918 — “Gazeta do Purus”).

Era intendente da cidade o tenente coronel Antonio da Costa Gadelha, que permaneceu no cargo até 11 de novembro de 1918, quando foi substituído pelo doutor Angelo Cesarino Valente Doce, de nomeação da Presidência da República (n.º 23, de 15 de novembro de 1918 — “Gazeta do Purus”).

Em Sena Madureira existiam duas correntes políticas degladiando-se violentamente. A oposição, com Flaviano Flavio Baptista, José Martins de Freitas, Barbosa Lima e Antonio da Costa Gadelha, que tinha o “O Jornal” como órgão de apoio, e contava com simpatizantes na Loja Maçônica Fraternidade e Trabalho, onde funcionava a redação daquela fôlha. Do outro lado estava a situação, pertencente ao PRAP (Partido Republicano do Alto Purus), apoiando os prefeitos Muniz Varela e Baptista D'Alcantara, e o Intendente Cesarino Doce, formada por Victoriano Freire, Orlandino Cardoso, Areal Souto, Soares Bulcão, Francisco Barreira Nanan, grande número de seringalistas e uma cisão da Fraternidade e Trabalho, com as suas ideias divulgada pela “Gazeta do Purus”.

No final do ano de 1918 havia um saldo político favorável ao PRAP, com a queda do intendente Gadelha e abertura de inquérito contra sua gestão e o envolvimento de Flaviano Baptista e Pedro Pascoal Duarte, como coautores do saque ao seringal Liberdade, que redundara em diversas mortes.

A luta entre as duas facções, pelas páginas dos jornais, era sem tréguas, aproveitando-se os contendores para combaterem, semanalmente, qualquer deslize do grupo oposto. Não se poupavam as famílias, a honra pessoal, os êrros gramaticais, a vida profissional, atingindo as querelas um nível tão violento, que não sabemos a que atribuir o fato de não terem degenerado em rixas sangrentas.

Nos primeiros meses do ano, transcorria uma luta surda entre os membros da loja maçônica, com um grupo apoiando Areal Souto, delegado do Grande Oriente e secretário geral do departamento, e



outro, atacando-o, tendo como pano de fundo a disputa entre sírios francófilos e germanófilos. O assunto, sob censura, cessou repentinamente.

Posteriormente, iniciaram-se os ataques à administração de Muniz Varela, defendidos, com vigor, pelos redatores da "Gazeta", que promoveram uma campanha de retaliação, contínua e direta, contra Martins de Freitas, Flaviano Flavio Baptista, Barbosa Lima e Antonio Gadelha, sendo também atingidos por contrataques diretos e ferinos.

Estampamos alguns instantâneos destes confrontos, através dos trechos escolhidos seguintes:

### "A HIGIENE MUNICIPAL E UMA VACA ENVENENADA"

"De várias pessoas fomos informados de que na sexta feira passada, com a competente licença do médico higienista da municipalidade, um tal Pires mandou vender, no Mercado Público, uma vaca envenenada e morta, não se sabe se pelo tingui ou outra substancia venenosa".

"Certamente é mais uma ameaça ao Sr. Costa e toda a sua grei do "O Jornal" o não calarmos diante de fato tão escandaloso. É mais um crime, uma perversidade, que se apura".

O intendente "deve abrir um inquérito a respeito e mandar a hygiene do seu afilhado plantar batatas". (n.º 9, de 8 de agosto de 1918 — "Gazeta do Purus").

Seguiram-se ataques contra o intendente Costa Gadelha, o médico Hélio Abreu e a oligarquia, considerados culpados pela venda, e o fato taxado de uma ameaça gravíssima à saúde de todos, não ficando de fora os redatores do "O Jornal".

### "QUAL O PEIOR DELES"

"Essa pergunta feita, assim de improviso, por uma pessoa alheia às tricas políticas, deixou-nos deveras embaraçados.

Consultamos depressa o passado de cada um, pesamos os seus atos, estudamos as suas crenças, pesquisamos os seus fracos, demos o justo valor às suas ações, opinamos sobre o caráter, a moral social de cada um, o preço de suas amizades, os seus pontos de vista, as suas manifestações particulares, o trato íntimo, as suas visões sociais perante a família e a sociedade, os seus ideais políticos, e sem mais nos aprofundarmos em outros detalhes, respondemos ao nosso interlocutor: um dos três tem de ser o pior.

— O dr. Martins de Freitas pode ter muitos defeitos, não há homem que não os tenha.



Está pobre, muito pobre, mas a sua pobreza é resultado da sua política "pé de boi".

Não é o pior.

— O dr. Flavio também está pobre; tem sacrificado em muitos pontos a sua própria pessoa para favorecer aos seus amigos; não é ambicioso e é capaz de sacrificar a vida para não transigir com um inimigo.

Também não é o pior.

— Nesse ponto nos interrompe o nosso interlocutor.

— Então não precisa ir mais ao fim; já sei — o pior, é o Barbosa!

Naturalmente..."

n.º 12, de 29 de agosto de 1918 — "Gazeta do Purus")

Contra Flaviano Flavio Baptista foram escritos vários artigos, que culminaram com o do seu envolvimento no ataque ao seringal Liberdade, muito explorado.

Para Martins de Freitas saiu a série "O Urucubaca" onde era comentada a sua pouca sorte, da qual compartilhavam os seus clientes, contendo trechos hilariantes. Os artigos chegaram a serem editados sob a forma de brochura, vendida a 1\$000, com o produto destinado ao Hospital da Caridade.

Apenas houve uma trégua durante a epidemia de gripe espanhola, que se abateu sobre a cidade, impedindo inclusive o funcionamento da Gazeta.

A 26 de maio de 1919, assumia a Prefeitura o doutor Fernando Pires Ferreira, recebendo o cargo das mãos do major Alcântara (n.º 49, de 31 de maio de 1919-GP). O novo prefeito quis demonstrar neutralidade com os grupos políticos da cidade, tendo comparecido às duas festividades dadas à sua chegada, pelas facções já citadas. Em retribuição, ofereceu dois jantares de agradecimento, distintos, às comissões que o festejaram. A 24 de junho recebeu a comissão do Theatro Cecy, que representava o PRAP, com Bernardo Porto, Victoriano Freire, Areal Souto, Aristides Lemos, Francisco Barreira Nanan, Rodrigues de Almeida e João Frágoso Monteiro. No dia seguinte foi a vez de homenagear a comissão do Palacete do Sr. Rui Alencar de Mattos, composta de Helio Abreu, Rui Alencar, Antonio Augusto Amorim, José Gadelha, Martins de Freitas, Flaviano Baptista e Pedro Pascoal Duarte Pinheiro. Esta imparcialidade iria deixa-lo só. (n.º 57, de 26 de julho de 1919-GP). O comparecimento às festas, despedidas e comemorações eram um termômetro preciso sobre a posição política de quem comparecesse, e sua presença devidamente anotada, e publicada.



Uma notícia infausta para o PRAP, foi a morte de Avelino de Medeiros Chaves, presidente da executiva da agremiação. Falecia aos 44 anos, pois nascera em Sítio do Meio, Sergipe, a 4 de novembro de 1875. Era agrimensor e proprietário do seringal Guanabara, tendo tomado parte na Revolução Federalista, e na campanha do Acre, onde chegara em 1893 (n.º 49, de 31 de maio de 1919-GP).

De junho a novembro de 1919, aparentemente, a cidade esteve pacificada, pois tinha amainado a luta entre os dois blocos. Inesperadamente surgiu um atrito entre a "Gazeta" e o Prefeito do Alto Purus, tendo como estopim um editorial, alertando as autoridades sobre o abandono em que a cidade se encontrava, dando a entender o descaso da Prefeitura, apesar dos esforços da Intendência. (n.º 72, de 9 de novembro de 1919-GP).

Seguiu-se a pressão de Pires Ferreira, exigindo dos dois jornais, a devolução de material tipográfico, sob suas posses, e a suspensão da publicação dos atos oficiais, na "Gazeta", que passariam a ser afixados nas paredes da sede municipal (n.º 73, de 16 de novembro de 1919-GP), assunto já abordado.

A resposta não se fez esperar. Os ataques à administração Pires Ferreira sucederam-se semanalmente. Iniciaram-se com o artigo "Pelo Nosso Comércio" em que era criticada a compra de mercadorias em Manaus, no valor de 4 contos, que poderiam ter sido adquiridas localmente. Os volumes chegaram pela chata Sorocaba, desencadeando revolta no comércio, além de não ter sido feita concorrência, para a sua aquisição (n.º 75, de 30 de novembro de 1919-GP).

Seguiu-se a campanha contra a construção da nova prefeitura, por não ser obra prioritária, ante a situação econômica de crise (n.º 76, de 7 de dezembro de 1919-GP).

Continuou com a defesa do ex-prefeito Baptista D'Alcantara, alvo de referências levianas do Prefeito (n.º 78, de 21 de dezembro de 1919-GP), e culminou com "S. Exa. Não Deve Continuar" (n.º 78, de 21 de dezembro de 1919-GP), "S. Exa. Está Só" (n.º 79, de 28 de dezembro de 1919-GP) e "Nada, Absolutamente Nada" (n.º 83, de 1 de fevereiro de 1920-GP).

Em "S. Exa. Não Deve Continuar" foi atacada a mordomia do Prefeito, que morava no prédio da Prefeitura, com a família, "transformada em casa de cômodos", pois ali também residia o secretário geral Gilberto Guimarães. A "Gazeta" criticava o aspecto desagradável da repartição, pois nela existia "uma cozinha funcionando nos fundos", havendo "mistura de beefs com registros, de estatísticas com guisados". Entravam pela mesma porta, "o amanuense, a parte ou o visitante, e o criado com a cesta do mercado e as compras do dia". "O gabinete do Prefeito, volta e meia, estava en-



volvido por um rolo de fumo de chaminé”. O Prefeito era concitado a arranjar uma residência particular e a sair daquele local: “só temos um pedido a fazer a S. Exa. — é retirar sua residência dos fundos da Prefeitura, relegando esta moradia furtiva, e de empréstimo”.

Esta série de atritos motivou a interrupção das edições do jornal, no período de fevereiro de 1920 a março de 1921, correspondente a um ano sem notícias. Neste entretempo ocorreu a reestruturação administrativa do Território. Os Departamentos desapareceram, substituídos por municípios. Foi criado o Governo Geral do Acre, com sede em Rio Branco, e Cesarino Valente Doce substituído por João Cancio Fernandes.

No ano de 1921 houve uma reviravolta na política local. A 3 de janeiro, o coronel Francisco Barreira Nanan assumia a intendência do Município e Areal Souto era guindado à Secretaria Geral do Território, a 15 de janeiro, pelo governador Epaminondas Jácome, chegando a substituí-lo, no período que durou a viagem dessa autoridade ao Alto Juruá (n.º 85, de 20 de março de 1921-GP).

A 21 de janeiro de 1921 tornava-se intendente Francisco Aprigio Riquet Nogueira, nomeado desde o dia 4, encontrando uma situação econômica caótica, face o baixo preço da borracha, agravada por uma grande enchente do laco, que deixara desabrigadas 198 famílias, em Sena, totalizando 984 pessoas (n.º 86, de 1.º de abril de 1921-GP).

O grande assunto dos meses seguintes foi a eleição de 28 de julho, a primeira que seria realizada no Acre, destinada a preencher os mandatos de vogal do município. Para ela estavam inscritos 368 eleitores, sendo 184, na 1.ª Seção-Cidade; 138, na 2.ª Seção-Cidade; 24, na 3.ª Seção-Castelo e 22, na 4.ª Seção-Seringal Florescência (n.º 92, de 3 de julho de 1921-GP).

O PRAP de Baptista D’Alcantara e Riquet Nogueira lançou à disputa os seguintes candidatos: major Pedro de Alcantara R. de Almeida, comerciante; Antonio Augusto de Amorim, farmacêutico; Miguel Francisco de Souza, comerciante; José Colares da Penha, artista e proprietário, e Luciano da Cunha Fiuza, guarda-livros (n.º 93, de 13 de julho de 1921-GP).

A Areal Souto, já intendente desde 8 de julho de 1921, caberia presidir às eleições de 28, que se realizaram na data prevista.

Os resultados foram logo divulgados, havendo uma estrondosa vitória do PRAP, pois todos os sete vogais eleitos pertenciam a este partido, havendo, inclusive, a eleição de dois, que não se encontravam na chapa oficial. Os números finais do pleito foram :



Antonio Augusto de Amorim	82 votos
José Colares da Penha	82 votos
Pedro de Alcantara R. Almeida	81 votos
Miguel Francisco de Souza	80 votos
Luciano da Cunha Fiuza	80 votos
Antonio Alvares Pereira	74 votos
Antonio Joaquim Vieira	74 votos
Ruy Matos	49 votos
Barbosa Lima	49 votos
Antonio José de Oliveira	49 votos
Antonio da Costa Gadelha	49 votos
Raimundo Magalhães	48 votos
Antonio José Saraiva	1 voto

A oposição citava pressões de Areal Souto e de Riquet Nogueira, mas Flaviano Baptista era acusado de impedir a votação de seus funcionários da delegacia. (n.º 95, de 3 de agosto de 1921-GP).

Após a vitória, foi oferecido ao eleitorado do PRAP um lauto almoço de 106 talheres, no Hotel Central, constando de:

#### MENU

Capão ao molho pardo  
 Guisado com batatas  
 Lombo assado  
 Leitão assado  
 Pato assado  
 Bife com molho  
 Sobremesa — doces de banana  
 e abóbora em calda.

(n.º 95, de 3 de agosto de 1921-GP)



A posse dos vogais eleitos deu-se a 15 de novembro, do mesmo ano.

A administração Areal Souto caracterizou-se por uma grande atividade organizativa. Na sua gestão o município teve, pela primeira vez, uma legislação consolidada regulando as suas atividades, pois até então tudo fôra empírico. Entre as ocorrências de seu governo citamos: a 1.<sup>a</sup> eleição para vogais do município, a divisão das zonas rural e suburbana em seções, o aumento da área do Mercado, a contratação do serviço de limpeza pública, o novo Regulamento da Higiene Pública, a anistia de pagamento de foros dos terrenos suburbanos e rurais em atraso, o novo código de posturas, o regulamento do Matadouro e do Mercado, o recadastramento dos terrenos foreiros e o primeiro Orçamento, onde, na parte relativa à receita constava a definição de todas as taxas e impostos a serem recolhidos à municipalidade, inclusive o imposto da castanha, correspondente a 3% do valor do produto embarcado pelos portos da região. (n.º 100 de 25 de dezembro de 1921 e 101, de 15 de janeiro de 1922-GP). A Lei n.º 32, de 24 de outubro de 1922, regulava, pela primeira vez, a concessão de licença aos funcionários da edificação (n.º 115, de 15 de novembro de 1922-GP).

Além destes avanços de ordem burocrática, são de sua época, a inauguração do colégio Santa Juliana, a instalação da Vila Castelo e a abertura da Avenida do Centenário.

Nos fins de 1921, o Partido Republicano do Alto Purus convocou seus convencionais para a eleição de uma nova diretoria, sendo eleitos o major João Baptista D'Alcantara, para a presidência do diretório, e Areal Souto, para a presidência da comissão executiva. O PRAP era o partido dos seringalistas e dos coroneis de barranco, como prova a lista de seus componentes:

Pela cidade — Areal Souto, advogado; Braulio Rocha, farmacêutico; Antonio Augusto Amorim, farmacêutico; José Valentim de Menezes e Pedro de Alcantara Rodrigues de Almeida, comerciante.

Pelo Iaco — João Baptista D'Alcantara (seringal Tabatinga), Luis de Medeiros Chaves (Guanabara), Raimundo Custódio Freire (Amapá), João Alves Vieira (Nova Olinda), Tito Carlos Machado (Porangaba), Raimundo Nonato Brasil (Baturité), José Demetrio Pacheco (São Pedro do Icó), Raimundo Martins de Almeida (Natal), Fabriciano Hoyos (Florescência) e Francisco Brasil Castelo Branco (Itamarati).

Pelo Purus — Manuel Meireles de Queiroz (São Brás), Zacarias Gondim de Lima (Liberdade), Anfrísio Valamiro Ferreira (Itatinga) e Mario Pinheiro (Extrema).

Pelo Macauã — Abílio Pinho Certo (Iracema e Oriente).



Pelo Caiatê — Demétrio Padilha (Reforma). (N.º 100, de 25 de dezembro de 1921-GP)

Com a mudança do governo geral, tendo assumido o doutor José Thomaz da Cunha Vasconcelos, Areal Souto deixou a intendência a 2 de dezembro de 1922, sendo substituído pelo major João Baptista D'Alcantara a 21 de dezembro (N.º 117, de 31 de dezembro de 1922-GP).

A lista de intendentes continuou com Francisco Sales Filho (2 de fevereiro a 13 de março de 1923), Rafael Correia de Oliveira de março a 24 de dezembro de 1923) e Lafayette Veloso Rezende (a partir de 24 de dezembro de 1923). (n.ºs 120, de 4 de fevereiro e 122, de 8 de abril de 1923; e 136, de 20 de abril de 1924-GP).

Na "Gazeta" n.º 115, de 29 de outubro de 1922, foi publicado o artigo "Na Infância do Socialismo", de Ignácio Raposo, tecendo considerações filosóficas sobre este movimento.

Finalizamos este capítulo com o noticiário relativo às festas de recepção ao governador Cunha Vasconcelos, em visita a Sena Madureira, em 1923, baseado nos dados publicados no n.º 128, de 30 de setembro de 1923, para se ter uma ideia da acolhida dada às autoridades visitantes, na década de 20, bem típica de uma época.

A viagem entre Rio Branco e a cidade foi feita por terra, a cavalo, durante três dias, percorrendo varadouros tortuosos, às vezes cerrados por tabocais e matarias, que ligavam seringais, num total de mais de 52 léguas. Cansada, a comitiva chegou às 20 horas do dia 29 de agosto, repousando todo o dia seguinte.

A 31 de agosto, começaram as festividades com uma missa em ação de graças, às nove horas, rezada pelo vigário Miguel Lorenzini.

"— O Sr. Governador assistiu a solenidade cercado das altas autoridades do Município e pessoas de sua comitiva, estando o templo literalmente repleto de cavalheiros e famílias de nossa melhor sociedade.

"Ao deixar a matriz, onde a charanga Artur Azevedo executou peças do seu repertório, foi S. Exa. fotografado entre as autoridades e parte da numerosa assistência, retirando-se, com notável acompanhamento, à casa do doutor Rafael Gondim, onde esteve hospedado".

À noite, o banquete oferecido pelas classes conservadoras no Hotel Central, foi um dos pontos altos da visita. "A mesa, em forma de T, estava ricamente preparada, ostentando no centro, emoldurado numa corbeille de flores artificiais, o retrato do homenageado".



Foi servido um menu constituído de:

Canja  
Frios Sortidos  
Mayonaise de Peixe  
Peru a Brasileira  
Vitela de Forno  
Costeletas de Carneiro

#### SOBREMESAS

Salada de Frutas  
Compotas  
Doces Variados  
Vinhos Champagnes Charutos

“Au dessert” falou o intendente Rafael Correa, em nome dos presentes, seguido da resposta do governador. “Encerrada a cerimônia, servidos os licores, o Sr. Dr. Cunha Vasconcelos retirou-se acompanhado de todos os convivas e da música, que foram deixar S. Exa. na residência”. “Durante o ágape, tocou peças do seu repertório a banda musical Artur Azevedo”.

No dia seguinte, foi consagrada a capela do cemitério, às nove horas, e, em seguida, houve um encontro na Intendência, com discursos e a aposição do retrato da autoridade, no gabinete do intendente, servindo-se champagne e licores.

À tarde do mesmo dia, a cavalo, acompanhado do doutor Mario Alvarez, diretor de Higiene Pública; do doutor Cunha Vasconcelos Filho, oficial de Gabinete; do Dr. Rafael Correa, intendente e do capitão Delfino Calazans, delegado auxiliar de Rio Branco, o governador fez uma visita à cidade.

O programa do dia 2 de setembro iniciou-se com a inauguração da escola municipal Cunha Vasconcelos, onde, à noite, foi oferecida uma soirée dançante, pela sociedade de Sena Madureira. “Os vastos salões estavam lindamente ornamentados, apresentando em conjunto com a iluminação, superior a tres mil velas, um aspecto de imponência e feerie”. “À meia noite, servida uma taça de champagne, o doutor Areal Souto, em nome da família puruense, saudou o doutor Cunha Vasconcelos, que agradeceu. Em seguida, o Sr. Petrarca Vasconcelos exaltou o belo sexo, tendo, em nome deste, agradecido o doutor Eurico Paixão”. As danças prolongaram-se até alta madrugada.



A 3 de setembro foram inspecionados o grupo escolar Francisco Sá e o Colégio Santa Juliana, onde os estudantes apresentaram um pequeno programa variado de monólogos, diálogos e comédias. A parte noturna ficou aos cuidados do grupo Artur Azevedo, que executou animada retreta, à frente da residência oficial.

O quarto dia da visita esteve dedicado à recepção das seguintes visitas: “o comércio incorporado, a Mesa de Rendas incorporada, os funcionários da Justiça e da Inspetoria Agrícola, associações particulares, etc.”. Pela noite, teve lugar no Theatro Cecy o festival do Grupo Dramático Musical Arthur Azevedo, iniciado com a comédia infantil “A Boneca”, interpretada pelas crianças Maria Luiza Mendonça e Leônidas Freire; secundada por um ato de variedades, com o dueto “O Machadinho e A Faca”, de Areal Souto e a canção “Pouca Sorte”, interpretada por Aristóteles Freire, Maximino Ladeira e Juliana Moreno; terminando com a encenação das comédias “A Cômica” de Rui Chianca e “Um Casamento Por Procuração”, peça de costumes locais, do Dr. Victorino Freire, representadas por Felipe Rebez e Maximino Ladeira, a primeira, e por Iberê Ferreira e Odete Pires, a segunda.

O dia 5 foi reservado à retribuição de visitas e, “o Conselho Municipal, incorporado, a frente do povo, em deslumbrante marche aux flambeaux, levou ao Dr. Cunha Vasconcelos uma moção de solidariedade”, falando em nome da agremiação o Dr. Areal Souto, e, em nome dos operários, Antonio Augusto de Amorim, presidente do Conselho.

Durante o dia 6 o governante inteirou-se das necessidades locais, e houve um chá dançante na escola Cunha Vasconcelos, para obtenção de fundos destinados à construção de um novo hospital.

Foi intensamente comemorado o dia 7 de setembro, com a inauguração da praça “Arthur Bernardes”, seguida de um desfile de 500 escolares e da apresentação de exercícios de ginástica sueca pela força pública e pelos alunos da escola Francisco Sá. Passou-se revista à Companhia Regional.

No Palacete da Intendência houve, a seguir, uma recepção, onde foram apresentadas as despedidas oficiais, e fundou-se o hospital Cunha Vasconcelos, com a assinatura da respectiva ata. Retreta e cinema ao ar livre, na praça Bernardo Porto, constituíram a programação noturna.

Finalmente, às nove horas do dia 8, na lancha Iaco, acompanhado de sua comitiva e sob aclamação geral, deixava o governador a cidade, seguido até a foz do Iaco, por um motor com a comissão organizadora das festas e a charanga Artur Azevedo, tocando animadamente.





**AS ONÇAS**







Com a extinção dos Departamentos, em 1920, o Acre foi unificado, sendo Rio Branco escolhida para capital, não sem os protestos dos habitantes do Departamento do Alto Purus. Os puruenses inconformados, muito lutaram para conseguir a primazia, a que julgavam ter direito, não obtendo o que desejavam.

No auge da disputa, uma onça esfaimada, em Sobral, no Alto Purus, matou e devorou uma mulher e duas crianças, enquanto dormiam. Isto foi o suficiente para que o jornal "O Futuro", de Rio Branco, aproveitando a ocorrência, estampasse uma notícia, emitindo no final, o seguinte comentário: "cidade em que as onças comem famílias inteiras... E dizem que lá querem a capital".

O comentário mordaz feriu os brios da família puruense e não pôde ser respondido no tempo preciso, ficando o assunto no ar, a exigir uma oportunidade de rebate, o que não tardou a ocorrer.

E de fato, tempos depois, a "Gazeta do Purus" transcrevia uma notícia da "Folha do Acre", jornal de Rio Branco, datada de 31 de março de 1921, nos seguintes termos, que lavava a honra de todos: "Nos quintais das casas da rua Rio Grande do Norte, lado do grupo escolar, apareceu, no sábado último, uma pequena onça, que andou causando algum alvoroço. Afinal o animal foi morto por um magistrado, morador naquela rua".

E veio o desfecho desejado pelos redatores da "Gazeta", após longa espera, que assim se expressaram:

"Credo!

Depois disto e daquilo outro, ainda lá querem o bispo?

Que pena o animalzinho não ter sido morto por um dos redatores do "Futuro"!

Em todo caso, achamos que o couro deve ser remetido para o Rio, à grande Exposição Nacional de 1922".

As referências ao bispo prendiam-se ao fato da Prelazia do Acre ter a sua sede em Sena Madureira, com o que também os riobranquenses não se conformavam.

Fontes: — N.º 88, de 1.º de maio de 1921 — "Gazeta do Purus".

Os Servos de Maria na Prelazia do Acre — Villani & Barbero — Rua Ubaldino Amaral, 82 — RJ — 1926









**AS RELIGIÕES**







O primeiro sacerdote evangelizador do Acre foi o monsenhor Francisco Barbosa Leite, que começou como vigário de Lábrea, em 1887. Percorria todo o Purus, em constantes desobrigas, para o progresso de sua paróquia, onde construiu magnífica igreja, tendo suas peregrinações durado até 1915.

Em 1908, Sena Madureira teve o seu primeiro vigário, monsenhor Antonio Fernandes da Silva Távora, que ali faleceu a 3 de setembro de 1915, sendo sucedido pelo padre José Tito, pároco de Floriano Peixoto, até à chegada dos Servos de Maria.

A Prelazia do Acre, separada da Diocese do Amazonas, foi criada pelo papa Bento XV, através da bula "Universas Regimen", de 4 de outubro de 1919, com sede em Sena Madureira, e entregue à Ordem dos Servos de Maria.

Os primeiros padres da Ordem, que aportaram à cidade a 9 de julho de 1920, foram Tiago Mattioli e Miguel Lorenzini, este último, o vigário. O bispo Dom Próspero Gustavo Bernardi chegaria a 11 de agosto, mas só tomou posse a 15, "entre as maiores expansões de alegria do povo católico". (n.º 96, de 4 de setembro de 1921 — GP).

Mais tarde, em novembro de 1921, pela chata Niterói, chegavam seis irmãos de caridade, para ativar os trabalhos da prelazia. (n.º 99, de 23 de novembro de 1921 — GP).

De imediato destacou-se a ação dos missionários, com a fundação do colégio Santa Juliana, a 7 de setembro de 1922; com a criação da Caixa Rural, primeira cooperativa do Território e com a instituição dos moços marianos e das filhas de Maria.

Antes, desde 8 de setembro de 1919, funcionava o Colégio Paroquial Nossa Senhora da Conceição, com sede no palacete do desembargador Elisário Távora, dirigido por Idalina Fernandes Távora, com 35 alunas. (N.º 62, de 30 de agosto e 64, de 13 de setembro de 1919 — GP).

O prelado Dom Próspero, visando a conhecer seu rebanho, fez diversas desobrigas e visitas ao interior, destacando-se as de Rio Branco e Alto Acre, entre novembro de 1920 e abril de 1921; as do Alto Purus, de janeiro e setembro de 1921; a do Caiaté, em dezem-



bro de 1921; a do Macauã, em abril e março de 1922; e a do Iaco, de junho a novembro de 1922, desenvolvendo intensa atividade missionária.

Com a chegada dos Servos de Maria, as missas dominicais, as quermesses, as ladainhas, as novenas e outras atividades religiosas passaram a fazer parte da vida social da cidade, abandonadas, há muito tempo, pela falta da presença permanente de um sacerdote. Surgiram, também, alguns desentendimentos, principalmente, no que tange ao casamento religioso, à guarda dos domingos e dias santos, aos atritos com o grupo espírita e com a maçonaria, todos aplainados após o amadurecimento dos sacerdotes, na vivência diuturna com aquelas populações.

Mas não existiam apenas católicos no município.

A colônia árabe, além dos cristãos dos ritos orientais, possuía 50 maometanos e alguns derzes, estes pertencentes a uma seita vinda da antiguidade, tão velha quanto o judaísmo.

Em 1918, a Sociedade União Evangélica dava o título de sócio benemérito ao seu consócio João Baptista D'Alcântara, prefeito do Departamento, e um de seus fundadores. A diretoria eleita para o ano de 1919 era composta pelo presidente Alfredo Figueiredo Seda, pelo secretário arquivista Vicente Balbino da Costa, pelo secretário correspondente Irineu Sampaio Pinguinho, pelo tesoureiro José Balbino da Costa e pelo procurador Francisco Antonio da Silva (n.º 27, de 7 de dezembro de 1918 — GP).

O movimento espírita também era atuante. Desde 1918 fôra fundado o Grupo Espírita Santo Agostinho, cujo objetivo era propagar a doutrina kardecista, socorrer os necessitados e divulgar o cristianismo. A sua direção era formada por Minervino Bezerra de Farias, tesoureiro e João Nepomuceno Gomes, procurador (n.º 22, de 7 de novembro de 1918 — GP).

Em 1919, o grupo contribuía com 10\$000, entre outros, em favor dos sete filhos menores do casal José Avelino Filho, falecido de gripe espanhola (n.º 41, de 5 de abril de 1919 — GP).

Mais tarde, um leitor espírita revoltava-se contra os ataques do artigo "A Derrocada do Espiritismo", publicado no n.º 121, de 25 de fevereiro de 1923, da "Gazeta", com alusões sobre a falsidade da doutrina kardecista (n.º 124, de 30 de maio de 1923).

O mesmo grupo Santo Agostinho, pelo bem da humanidade sofredora, fazia um apelo, já em 1924, às pessoas de bom coração, para um óbulo destinado à compra de medicamentos homeopáticos, a serem distribuídos gratuitamente (n.º 132, de 1.º de janeiro de 1924 — GP).



Os índios ainda mantinham suas tradições tribais, sob ligeira instrução religiosa cristã, às vezes resumida ao batismo, como veremos em outro capítulo.

Deixamos para o fim a citação de uma ocorrência típica da região — a desobriga. Todos os anos, padres, párocos e bispos subiam os rios da borracha, parando em cada lugarejo, casando, batizando, crismando e praticando outros atos do culto divino, que eram retribuídos com pelias de borracha, paneiros de farinha, capões, frangos, galinhas, leitões, ovos, couros e toda sorte de produtos regionais, com que os missionários se mantinham durante o ano, e ainda davam para as obras pias de manutenção de colégios, reformas e construções de igrejas.

Fontes: "Gazeta do Purus".

Os Servos de Maria na Prelazia do Acre — Villani & Barbero —  
Rua Ubaldino Amaral n.º 82 — RJ — 1926.









**A SITUAÇÃO DOS ÍNDIOS**







Em 1918 ainda restavam alguns indígenas no Alto Purus, Iaco e Chandless, embora os do Aquiri já estivessem praticamente extintos.

Quarenta anos, apenas, eram passados, da época em que as primeiras nações tinham sido desalojadas de suas malocas e do seu chão pátrio primitivo, rico em *Hevea brasiliensis*, para dar lugar ao repovoamento com nordestinos acossados pelas secas.

Os silvícolas dos contatos iniciais eram pacíficos e ajudaram nos primeiros fábricas de borracha, quando da abertura dos seringais virgens, localizando árvores, traçando estradas de corte, caçando e pescando para a alimentação dos arigós, colhendo castanha e jarina, ensinando os segredos da floresta ao cearense brabo, e sendo explorados pelo sistema de aviamentos. Com o correr dos tempos, os sobreviventes, escorraçados, esconderam-se nos centros dos seringais, mantendo certa distância das regiões povoadas, e, aos poucos, foram desaparecendo pela fome, pela aculturação e pelo extermínio, não só na defesa da sua terra, mas pela conquista violenta de suas mulheres.

Não coube apenas aos nordestinos este impiedoso massacre. Os peruanos, que desciam das cabeceiras, eram escravagistas, possuindo centenas de índios cativos, para o trabalho do caucho e, inclusive, foram introdutores de nações estranhas à área.

Além dos ipurinãs, pamaris, catianas, inamarés, manitineris, campas e nauás, entravam no rol das tribus em declínio, os curinas e tucurinas. O Chandless, seu último reduto, era a fronteira onde eles ainda dominavam.

Ainda em 1921, a "Gazeta" noticiava um massacre, nos seguintes termos:

*"A Caça aos Índios — Urgem Providências"*

"Pessoas vindas do seringal Campo Grande, no Purus, informam, entre elas Cirilo Borges, que um grupo de extratores de castanha atacou a maloca cita naquele seringal, matando desapiadamente alguns pacíficos e indefesos autóctones. O móvel foi a



posse de mulheres indígenas. Entre os trucidados estava o tuchaua, condecorado no posto de capitão pelo Dr. Samuel Barreira”.

A Prelazia do Acre, em 1926, informava, que sob sua jurisdição religiosa estavam 40.000 civilizados de Rio Branco, Xapuri e Brasília, e os 18.000 civilizados e 2.000 índios de Sena Madureira, número que marcava os últimos sobreviventes do genocídio iniciado há 400 anos, em nosso País. (2)

Dom Próspero Bernardi, primeiro prelado do Acre, recém chegado da Europa, sem muito entender o que via, em suas viagens pelo Purus e seus afluentes, registrou em “Um Mes Entre os Índios”, alguns costumes, não especificando a nação indígena que os usava, dando-lhes caráter geral, que abaixo transcrevemos:

“Remédios — Comatani é a palavra genérica com que indicam uma doença. Tati comatani é a nossa dor de cabeça, a dor física, pois a moral é aqui completamente desconhecida (sic). Zopé comatani, dor nas mãos; uitzo comatani, dor nas pernas; amori comatani, dor nos pés.

Entre os índios não existem hospitais, nem médicos de profissão (sic). Todos o são, homens ou mulheres, pois todos conhecem os remédios originais e primitivos. Para o tati comatani (constipação), o operador toma um pouco de rapé, mistura-o com cinzas, enche um pequeno cano e, introduzindo uma das extremidades nas narinas do enfermo, sopra com toda força na outra extremidade. O efeito é infalível e imediato (sic)”. Esta descrição, na realidade, tratava-se do uso do paricá, um estupefaciente, vício comum às nações do Purus.

“Para as doenças dos olhos usam leite de assacu, com folhas de daiadau, e fazem emplastos. Para as dores intestinais, pegam uma rã e com a espuma da boca, fazem massagens nos braços do doente”.

“Nomes — Sumadurá, Gudu, Berari, Nesu, Urzuá, Pay, Taberá, Zuá, Mariá, Kiseru, Maridá, Tararau, Sanaú, Tassay — são os mais comuns. Não é raro o caso de o índio ter dois nomes, um que serve para ele, outro para os civilizados”.

“Outros usos — Para se habilitar ao casamento, costumam as mulheres deixar picar o peito por grandes formigas, escorpiões ou cobras; os homens ficam suspensos pelos braços durante uma dança muito prolongada. Finda a prova o casamento é realizado pelo tuichava, que vestindo hábitos apropriados, dá aos cônjuges exortações morais, de uma moral — bem entendido — muito relativa (sic), pois, além da desordem gravíssima de pais que casam filhas ainda meninas, a poligamia chega ao ponto de, tendo eu perguntado a certo sujeito de trinta e oito anos se queria casar ou se já tinha



casado outras vezes, respondeu que aquela era a décima quarta vez que o fazia”.

“Quando nasce uma criança o tuichava vai visitá-la e indica o nome que vai usar. O pai deve permanecer de cama durante oito dias, sem nada fazer, pois o filho adoeceria. A mulher ao contrário, amarrando o filho às costas, deve começar o trabalho imediatamente, como se nada lhe tivesse acontecido. A criança, dentro de vinte e quatro horas, tem de provar de tudo quanto a mãe come, frutas, café, e até... cachaça”.

“Nunca a mulher poderá ver Jurupari (é o nome de um ídolo) (sic), para que seja castigada de alguns defeitos nela dormentes: a incontidência, a curiosidade e a facilidade em revelar os segredos”.

Fontes: — (1) — “Gazeta do Purus” — n.º 89, de 15 de maio de 1921; (2) — Os Servos de Maria na Prelazia do Acre — Villani & Barbero — RJ — 1926.









**A ALIMENTAÇÃO**







Durante o apogeu do ciclo da borracha, a maior parte dos alimentos consumidos no Alto Purus, era importada, pois todos estavam voltados para a produção da goma elástica. A agricultura de subsistência, a caça e a pesca eram até objeto de proibições, em muitos seringais, para não afastarem os seringueiros da coleta do látex, e vinculá-los à compra dos alimentos comercializados pelo barracão. Daí o beri-beri e outras doenças carenciais grassarem violentamente naquelas regiões.

Com o encerramento desta fase, houve uma volta à produção local, com maior dedicação à agricultura, plantando-se cana, feijão, arroz, milho, jurumum e mandioca; maior cuidado com as criações e o retorno à caça e à pesca. O aumento do consumo de alimentos frescos fez desaparecer as avitaminoses, embora houvesse uma fase negra de fome, enquanto as populações se adaptavam às novas situações econômicas.

Em 1921, a carne de caça era um componente importante da dieta do povo de Sena Madureira, ocupando o segundo lugar, entre os alimentos de origem animal vendidos no mercado municipal, somente superada pela carne bovina. O peixe ocupava o terceiro lugar, na ordem de consumo.

Tanto a caça, como o peixe, deviam atingir valores mais elevados, que os apresentados nas estatísticas, pois grande parte destes produtos eram vendidos ao público, sem passar pelo mercado, ou obtidos diretamente, nas matas e rios circunjacentes.

Foi o seguinte, o movimento do Mercado Municipal de Sena Madureira, nos meses de abril e maio de 1921, conforme estatística publicada no n.º 90, de 5 de junho de 1921, da "Gazeta do Purus":



QUANTIDADES (Kg.)

Bovino  
Suino  
Lanigero  
Veado  
Porquinho  
Anta  
Capivara  
Onça  
Paca  
Tatu  
Cotia  
Peixe  
Tartaruga  
Total Geral

ABRIL  
1949  
1166  
140  
1055  
262  
183  
12  
38  
148  
23  
3  
1271  
24  
6124

MAIO  
3079  
1226  
50  
924  
543  
178  
38  
53  
177  
40  
8  
1891  
270  
8507

Os números relativos à tartaruga, não espelham a realidade, pelos motivos citados anteriormente, e por abril e maio serem meses em que os rios estavam cheios. Nesta época os quelônios só podiam ser apanhados de anzol, ou de jaticá, ou ainda, se estivessem armazenados em currais. No verão, de julho a setembro, nas praias e nos tabuleiros, dezenas de milhares de tartarugas e tracajás, vinham desovar, sendo facilmente apanhadas pelo método da viração. A alimentação era, nesta época, farta de carne e ovos, e gratuita.

Em alguns meses cardumes enormes subiam os altos rios, para a desova, constituindo as célebres piracemas, hoje já raras, fornecedoras de peixe fresco, salgado e de piracuí.

Nas grandes friagens, quando a cruviana soprava seu hálito gélido sobre os rios e as matas do Alto Purus, milhares de peixes morriam nos lagos, e os macacos caíam das árvores, hirtos de frio, pela súbita mudança da temperatura, numa hecatombe natural, que junto à atividade predatória do ser humano ia, paulatinamente, reduzindo a opulenta vida animal, daquela área amazônica.





**A COMPANHIA REGIONAL**







Foi fundada a 29 de junho de 1916 e era composta de três pelotões, funcionando como força policial militar, e a sua banda estava presente em todas as manifestações públicas e nas retretas do coreto do Jardim Municipal.

Ao completar o seu segundo ano de atividades, a data foi comemorada com um desfile, do qual tomou parte o Tiro de Guerra 204, sendo executados exercícios e entoadada a Canção do Soldado, tudo sob o comando do alferes João Fragoso Monteiro. “As 5 horas da tarde foram servidos aluá e doces, ao pessoal e suas famílias, e as 6 horas teve início uma soirée dançante, no salão do alojamento, que durou até as 11 horas”.

A 16 de setembro de 1918, assumiu o comando da Companhia o 1.º tenente Decleciano Xavier de Souza, que a dirigiu até 4 de abril de 1919, tendo grangeado simpatias e a amizade geral, fato constatado quando do seu embarque para o Rio de Janeiro, pela chata Terezina, ao qual compareceu toda a sociedade de Sena Madureira.

A extensa relação das personalidades, que tomaram parte na despedida, justifica-se pelo fato de identificar as posições sociais dos que compareceram a mesma.

“Cavalheiros — major João Baptista D’Alcantara, prefeito; Dr. Bernardo Porto, juiz de direito; Dr. Antonio Pinto do Areal Souto, secretário geral da Prefeitura; Dr. Victoriano Freire, diretor da Instrução Pública; Dr. Cesarino Doce, intendente; Dr. Aristides Lemos, promotor público; Dr. Francisco Mattos, juiz municipal; coronel José de Alencar Mattos, delegado auxiliar de polícia; Pedro Riquet Nogueira, oficial de gabinete; Angelo Cesarino Doce Filho, secretário da Intendência; Orlandino Cardoso, contador da Prefeitura; José Valentim de Menezes; coronel Francisco Barreira Nanan; Aristóteles Freire, agente do Correio; tenentes José Rodrigues Iberê e Almir Ferreira; Julio D’Azincourt, escrivão do crime; Joaquim Meireles de Andrade, escrivão do cível; Rubens Nelson Alves, agrimensor; Liberalino Gadelha, Dr. Helio Abreu, Romariz Bittencourt, major Francisco Figueiredo Filho, almoxarife da Prefeitura; José Benevenuto de Figueiredo, escrivão da mesa de rendas; Francisco Sena, Abel



de Sá, José Colares da Penha, Hipolito Estevam de Castro, Alfredo Távora, Humberto Santos, José Pinheiro de Abreu, João Thaumaturgo, Virgílio Vieira dos Santos, Gabriel Getulio da Gama, Manuel Luis de Medeiros e Joaquim Sansão Gonçalves, funcionários da Prefeitura; Elias Koury; Francisco Galdino da Rocha e Antonio Pinto de Vasconcelos, tipógrafos da "Gazeta"; H. Saunders, encarregado do telégrafo; Dorvalino Lautert, Saturnino Correia, Francisco B. Cunha e Carlos Lopes, comissários de polícia; Felipe Rebez, fiscal de higiene; João de Abreu, Atila Galvão e José Cursino Machado, guardas da mesa de rendas; Horácio Costa de Souza; Braulio Rocha, farmacêutico; Maximino Ladeira, vice cônsul de Portugal; Antonio Maia; Vitorino da Silva Coelho; Manuel Marques; Antonio Silva; Miguel Feitosa, tesoureiro da Intendência; Aristides Nobre e Manuel Roque.

Senhoras — Ivone Porto, Claudionor Freire, Eugenia Sá, Adelia Passos, Angélica Fragoso e Raimunda D'Azincourt.

Senhoritas — Basília Silveira, Maria e Regina Rodrigues, Nenen Libanio, Maria Efigênia Pessoa, Sofia e Sinhá Barbosa e Nazira Chamma".

(N.º 4, de 4 de julho de 1918; 45, de 3 de maio e 49, de 13 de maio de 1919 — GP).





**CINEMA, TEATRO E MÚSICA**







Estas três artes constituíam-se em diversões apreciadas pela população, com suas programações sempre anunciadas nas páginas da "Gazeta", grande incentivadora de todas iniciativas artísticas. Na cidade havia o Theatro Cecy, o cinema Trianon, mais tarde substituído pelo União Cinema e as retretas executadas, primeiramente, pela banda da Companhia Regional e, depois, pela Filarmônica Baptista D'Alcântara. Durante muito tempo, as festas locais eram animadas pela orquestra de D.<sup>a</sup> Claudionor Freire e, posteriormente, pelo Grupo dos Gafanhotos, do professor José Belarmino Barbosa.

Em 1918, apresentou-se no Theatro Cecy a cançonetista Tina Thea, muito aplaudida. Além de cantora, era transformista e cômica, executando números de quiromancia, que "faziam as delícias das platéias". Tendo estreiado a 22 de junho, apresentou, a 13 de julho, um novo espetáculo em favor do Hospital da Caridade, do qual tomaram parte os artistas Pedro da Defesa, Pau D'Angola e Antonio Dionísio, com "cenas de muito chiste". (n.º 3, de 27 de junho de 1918 e n.º 6 de 18 de julho de 1918 — GP).

O Cecy fechou, a seguir, para reformas, reabrindo a 15 de agosto, com um intenso programa, iniciado com a presença de 200 escolares, vestidos "a marujo", dos quais 100, às custas da caixa escolar, seguindo-se um desfile pelas ruas da cidade. À cerimônia de inauguração falaram Areal Souto e Muniz Varela, recebidos "com calorosos aplausos do público, que enchia literalmente a elegante e vistosa platéia do Theatro Cecy, em cujos camarotes se divisava o que a nossa sociedade apresenta de mais fino, predominando, pelo vistoso de suas toilettes, um grupo de senhoras e gentis senhoritas, que no seu conjunto emprestavam à solenidade, um cunho de distinção. Foram tiradas várias fotografias". (n.º 11, de 22 de agosto de 1918 — GP).

A noite, às nove horas, foi levado à cena um espetáculo de variedades, com os números Mentir... Nunca. O Fado das Lágrimas, e Serenata do Amor, o Flirt, Canção de Margarida, Zizi, Mamã, Nenen, o Segredo de Margarida, o Beijo de Papai, músicas, recitações e pequenos quadros humorísticos executados por crianças e senhoritas. No final foi encenada a peça humorística "O Programa da Festa", de Eustorgio Wanderley, que arrancou aplausos. O acompanha-



mento musical esteve a cargo de dona Claudionor Freire. Os cenários, um admirável trabalho do artista J. Martin. O espetáculo graças ao sucesso alcançado, teve uma réprise. (n.º 11 — GP).

No dia 12 de setembro houve novo espetáculo de variedades, com a comédia “O Programa da Festa”, no primeiro ato; cantos e recitações, no segundo, e “Uma Casa de Estroinas”, no terceiro, encenada por um grupo de amadores. (n.ºs 14, de 12 e n.º 15, de 19 de setembro de 1918-GP).

Como decorrência desta atividade artística, foi criado por aficionados, a 2 de julho de 1919, o Grupo Dramático Arthur Azevedo, destinado a ativar o teatro e a música, em Sena Madureira. Os trabalhos do grupo iniciaram-se com um festival artístico, àquela data (n.º 54, de 5 de julho de 1919-GP).

Em 1922, já com o nome de Grupo Dramático e Musical Arthur Azevedo, tinha uma diretoria constituída por Eurico Paixão, presidente; Areal Souto, vice presidente; Luciano Fiuza, 1.º secretário e Felipe Rebez, 2.º secretário, que lhes deu novos estatutos, estabelecendo fins filantrópicos e patrióticos para a associação, apoiando todas as fundações locais e festas comemorativas de datas e feitos nacionais (n.º 108, de 7 de maio e 110, de 25 de junho de 1922-GP).

A 11 de junho e a 2 de julho de 1922, comemorando o terceiro aniversário da instituição, realizaram-se duas representações, em benefício do Colégio Santa Juliana. Na primeira foram levadas à cena as peças “Vingança de Mulher”, de Rangel Lima, e “Um Casamento Por Procuração”, de Victoriano Freire e, na segunda, “Renúncia,” de Goulart de Andrade, e “Milagres de Santo Antonio” de Manuel da Vitória. (n.º 111, de 9 de julho de 1922 — GP).

Dentro do Grupo Arthur Azevedo, a 4 de novembro de 1923, foi criada a Filarmônica Baptista D’Alcântara, com uma diretoria formada por José Belarmino Barbosa, diretor; José Barreto, mestre, e José Cursino Machado, contra mestre. A Filarmônica objetivava a realização de retretas aos domingos e feriados, e a desenvolver a arte musical, com uma aula. Era constituída por um grupo de quinze instrumentistas, que assinaram o seu primeiro regulamento. Nele havia a seguinte tabela de preços:

#### B A N D A

Alvoradas	50\$000
Passeatas	50\$000
Espectáculos	40\$000
Recepções	40\$000
Funerais	40\$000
Procissões	30\$000
Tocatas em coreto	40\$000



## GRUPOS

Horas	Tercetos	Quartetos	Quintetos
4	20\$000	25\$000	30\$000
6	35\$000	40\$000	50\$000
8	50\$000	55\$000	60\$000
10	65\$000	70\$000	75\$000

(N.º 130, de 15 de novembro de 1923 — GP).

No espetáculo promovido pelo Grupo Arthur Azevedo, no dia 11 de novembro de 1923, além do próprio grupo, que apresentou a peça “Irmãos das Almas”, de Martins Pena, participava, pela primeira vez o recém criado Grupo Infantil Areal Souto, com a comédia “A Professora”. (n.º 130, de 15 de novembro de 1923 — GP).

As retretas surgiram por iniciativa do capitão Cândido D’Oliveira, através da banda da Companhia Regional, de quem era comandante. Eram realizadas aos domingos e feriados, no coreto do Parque Bernardo Porto. O primeiro programa, de 9 de novembro de 1919, domingo, estava assim projetado:

### *Primeira Parte*

Dobrado — Guerreiro  
Valsa — Clélia  
Tango — Cecy  
Schottisch — Teu Olhar

### *Segunda Parte*

Dobrado — Moreira Guimarães  
Valsa — Saudades de Minha Irmã  
Tango — Torquato em Apuros  
Polka — Acreana

### *Terceira Parte*

Dobrado — Sargento Caveira  
Valsa — Frêmito de Amor  
Tango — Tristezas de Caboclo  
Schottisch — Echo D’Alma  
Dobrado — Capitão Cândido

(N.º 72, de 9 de novembro de 1919 — GP).



Durante os anos em que a Banda fez suas retretas, sempre apoiadas pela "Gazeta", que publicava a programação semanal, foi executado um grande repertório, do qual anotamos as músicas seguintes; os sucessos da época:

Marcha — Estrela D'Alva.

Polkas — 906, Entrada do Ano, Nãñã, Eu Não Como Broca, Torne Amanhã.

Tangos — Trololó, Zé Pagode, Não Chora Negrinho, A Bahia É Terra Boa, Maruca, Os Bohêmios, Prove e Beba, Cabocla, S. C. Brasil, Malaquias.

Valsas — Albertina, Sonho de Artista, Longe de Ti, Caroba, Daila, Rainha dos Astros, Sonhei Dormindo, Sabá, A Primeira Noite, Hondina, Laurinha, Saudades de Luiza, Fitando o Céu, 12 de Outubro, Rosita.

Dobrados — José Belarmino, Crepúsculo, 1.º de Janeiro, 8 de Julho, Artur Martins, Até Que Enfim, Dantas Barreto, Carlos Pereira.

Schottisch — Longe de Quem Se Ama, Filhinha, Feliz Aniversário, Malhando, Claudionor Freire.

A Filarmônica Baptista D'Alcântara, mais tarde, também realizou retretas, como a do domingo, 27 de janeiro de 1924, no horário de 19 as 21 horas:

### *1.ª Parte*

Aquariquara — Dobrado  
Recordação — Valsa  
Aí, Não! — Samba  
Selene — Valsa  
Goiabada — Marcha

### *2.ª Parte*

29 de Janeiro — Dobrado  
Leopoldina — Valsa  
Espanta Bode — Samba  
Maria Luiza — Valsa  
26 de Junho — Dobrado

(N.º 133, de 27 de janeiro de 1924 — GP).

Durante estes anos, dois cinemas funcionaram na cidade, o



Trianon, mais antigo, e o União Cinema. Em 1918, o Trianon, de José Martin, passou inúmeras fitas como Sua Magestade o Sangue, em quatro soberbas e longas partes, a 2\$000 a entrada, Amor de Escrava, Alma Perversa, tendo no papel principal Lydia Borelli, de "beleza peregrina", O Condenado da Guiana, As Aventuras de Jack Hilton, Ivone, com "a beleza fascinante" de Francesca Bertini, Os Forçados 10 e 13, Vendido, e tantas outras. Durante os filmes e nos seus intervalos tocava o Grupo dos Gafanhotos.









**O CARNAVAL DE 1919**







O carnaval de 1919 prometia a maior animação, pois fora planejado com certa antecedência, por uma comissão constituída pelos senhores Francisco Barreira Nanan, José Martin e Antonio Iberé Ferreira. Os festejos teriam início às 3 horas da tarde do dia 2 de março, domingo gordo. Haveria um corso saindo da rua Canamary, percorrendo as ruas Amazonas, Chandless, Purus, Macauã e Iaco, contornando o Jardim Público, e voltando ao ponto inicial. As 8 horas das noites de segunda e terça-feira seriam promovidos bailes à fantasia, no salão do Theatro Cecy (n.º 38, de 1.º de março de 1919 — GP).

Apesar da crise, o carnaval foi festejado com alegria, e seguindo o que fora combinado. Domingo, pela manhã, começaram a aparecer, pelas ruas principais, grupos fantasiados: “azucrinando os ouvidos dos transeuntes e, aqui e ali, ouviam-se ditos zombeteiros soltados, com insistência, pelos mascarados, para provocar o riso à turba”.

“As 4 horas da tarde formou-se, em frente à residência do coronel Nanan, um luzido còrso carnavalesco, constituído pelos seguintes carros alegóricos:

1.º Paz — Ocupado pelas senhoritas Cerina da Silva, representando o Anjo da Paz; Maria Antonieta Barreira, o Brasil; Luiza de Souza, a Itália; Maria Angelita, a Sérvia; Carlota D’Azincourt, a Inglaterra; Djanira Bezerra, a França; Rosenda da Silveira, os Estados Unidos e Odete Pires, Portugal. Este carro era formado por um globo, atrás do qual se erguia a figura do sol. Sobre o globo estava assentado o Anjo da Paz.

2.º Bazar Japonês — carro imitando um original bazar japonês, ocupado por Odete Gama, Carmelita Figueiredo, Olga Pires e Irene Perez, todas vestidas de geishas.

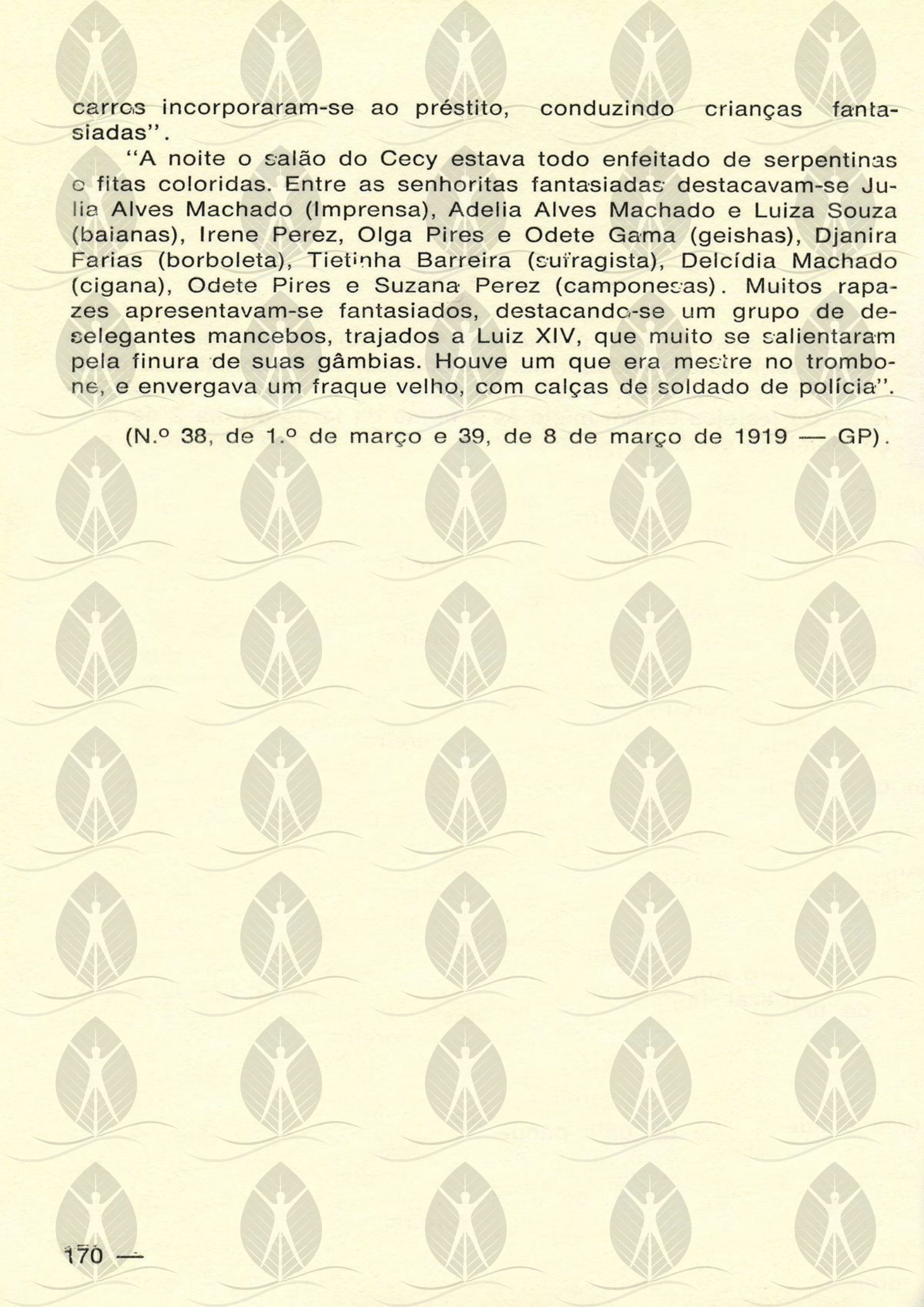
3.º Pandeirita — imitação de uma pandeirita, com diversas crianças fantasiadas.

4.º Crítica — constituído por um grupo de rapazes.

5.º e 6.º — carros de música e Zé Pereira.

O corso era guiado por dois clarins montados a cavalo, que, de tempos em tempos, tocavam seus instrumentos. Vários outros





carros incorporaram-se ao préstito, conduzindo crianças fantasiadas”.

“A noite o salão do Cecy estava todo enfeitado de serpentinas e fitas coloridas. Entre as senhoritas fantasiadas destacavam-se Julia Alves Machado (Imprensa), Adelia Alves Machado e Luiza Souza (baianas), Irene Perez, Olga Pires e Odete Gama (geishas), Djanira Farias (borboleta), Tietinha Barreira (sufragista), Delcídia Machado (cigana), Odete Pires e Suzana Perez (camponesas). Muitos rapazes apresentavam-se fantasiados, destacando-se um grupo de desleigantes mancebos, trajados a Luiz XIV, que muito se salientaram pela finura de suas gâmbias. Houve um que era mestre no trombone, e envergava um fraque velho, com calças de soldado de polícia”.

(N.º 38, de 1.º de março e 39, de 8 de março de 1919 — GP).





**A INTALAÇÃO DA VILA CASTELO**







O lugar Castelo já existia no rio Purus, ali funcionando o 2.º Termo Judiciário. Em 1922, era juiz municipal do lugarejo o doutor Eurico Paixão, que deixou o cargo para assumir a 1.ª Vara de Juízo de Direito de Sena Madureira, ficando em seu lugar, a partir de 1.º de maio, o dentista Mário Pinheiro.

Havia grande expectativa na transformação do povoado em vila, com a inauguração do Theatro Apolo, a 18 de março de 1922, por um grupo de amadores do grêmio Arthur Azevedo, e com a criação da escola pública Eurico Paixão. Animado por estes sintomas de progresso, o intendente Areal Souto, pela Lei n.º 24, de 20 de abril do mesmo ano, resolveu estabelecer, no local, uma vila, acatando os anseios gerais.

A lei previa a desapropriação de uma área de 1000 metros de frente, por 1500 de fundo, destinada à instalação definitiva do Termo, e à construção de prédios públicos. O ato atingia apenas os terrenos, não afetando prédios construídos, cujos donos teriam preferência nos aforamentos, sendo aberto um crédito de 2.500\$000 para o pagamento das indenizações.

A 15 de maio, Areal Souto embarcava para Castelo, com a finalidade de instalar a vila, acompanhado pelo doutor Eurico Paixão, juiz da Comarca; Liberalino Gadelha, inspetor agrícola; Rubens Nelson Alves, agrimensor e outros.

Os irmãos Jacinto e Valentim Ferreira Lima, proprietários de Castelo, receberam as autoridades, e concordaram com a desapropriação do terreno, logo demarcado pelo agrimensor que acompanhava os visitantes.

O ato de instalação da vila foi realizado a 18 de maio de 1922, presentes a comitiva, os habitantes locais e o juiz municipal do 2.º Termo. Seguiram-se vários festejos, um espetáculo no Theatro Apolo, e um baile na casa de Valentim Ferreira Lima.

Ao regressarem a Sena Madureira, havia confiança quanto ao futuro do lugar, que pela sua situação geográfica, controlando o Alto Purus, estava fadado ao progresso.

Fontes: "Gazeta do Purus" — n.ºs 106, de 9 de abril, 109, de 21 de maio; 111, de 9 de julho e 112, de 8 de agosto de 1922.









**OS 15 ANOS DE FUNDAÇÃO**







Em 1919, a cidade completava 15 anos de fundação, e a data de 25 de setembro foi comemorada com um intenso programa de festividades, iniciado pela madrugada.

As 5 horas da manhã, dado o toque de alvorada pelos corneteiros da Companhia Regional, seguiu-se um desfile militar, pelas principais ruas, despertando a população, “com os alegres dobrados de sua banda de música”.

No Jardim Público, às 6 horas da manhã, com a presença das autoridades, foi hasteada a Bandeira Nacional, aos acordes do Hino Nacional, pelo intendente Cesarino Doce e pelo prefeito Pires Ferreira. A comitiva governamental embarcou em dois bondes especiais, a fim de colocarem a pedra fundamental do novo curro, como estava previsto no programa.

Finalizado aquele ato, foi rezada missa campal na Praça Bernardo Pôrto, pelo monsenhor José Tito, com a presença do povo, e de escolares, “caprichosamente uniformizados”.

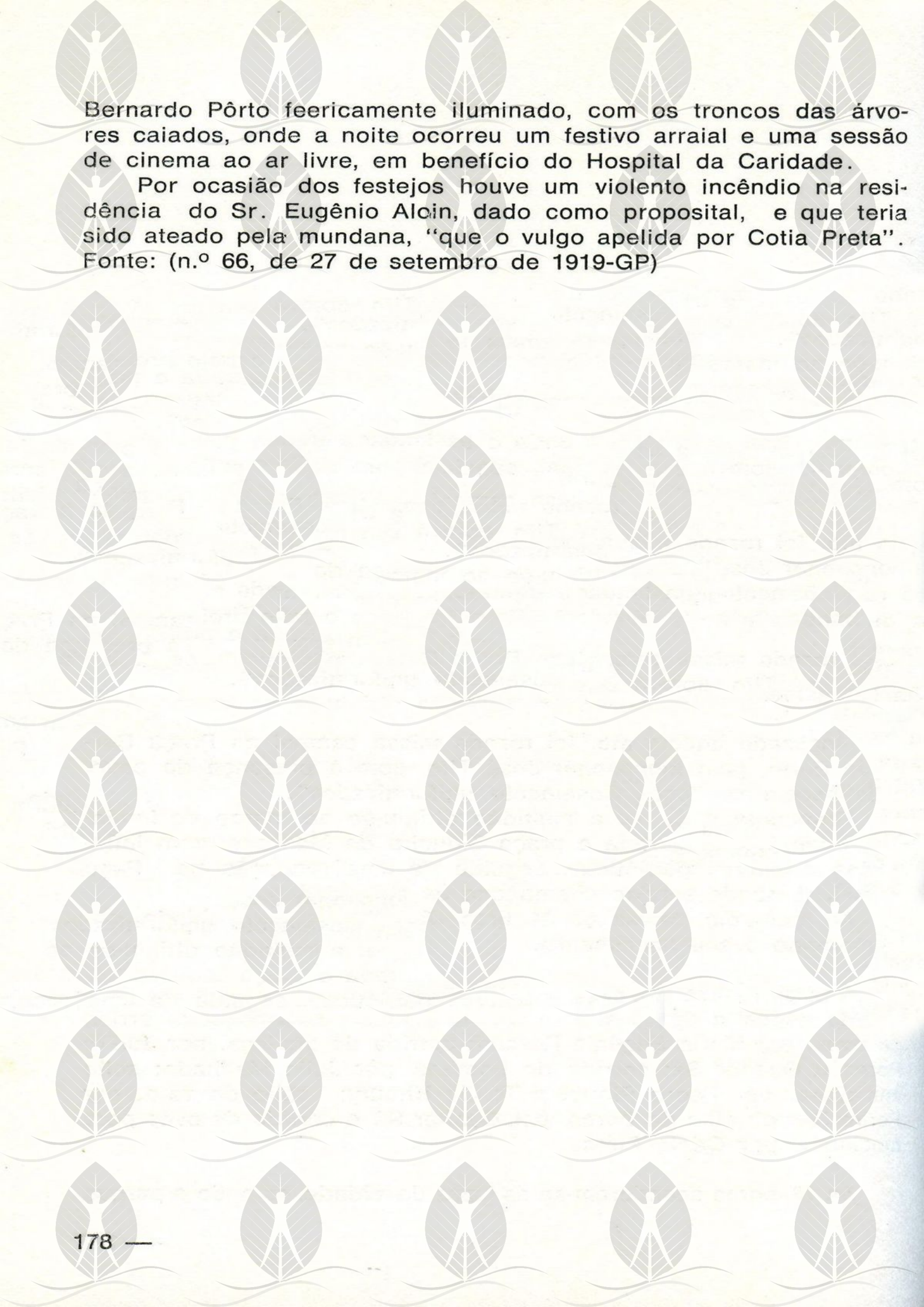
Terminada a missa, a multidão dirigiu-se ao marco de fundação, onde foi inaugurada a praça Siqueira de Menezes, com inflamados discursos patrióticos, seguida de uma recepção no Paço Municipal, sendo servido champagne às autoridades.

Ao meio dia, salvas de 21 tiros ribombaram pela cidade, comemorando o seu nascimento.

A tarde realizaram-se jogos esportivos com as seguintes provas: corrida pedestre de 300 metros, vencida por Pedro Riquet; corrida de ovos, por Maria Efigênia Pessoa; corrida de agulhas, por Judite Peres e Gualter Sá; corrida de pombos, por Julia Machado; salto em altura, por Pedro Riquet e Toufic Khoury; salto de vara, por Pedro Riquet; olho de porco, por Gualter Sá e corrida de ovos para mocinhas, por Odete Pires.

As 18 horas acenderam-se as luzes da cidade, estando o parque





Bernardo Pôrto feericamente iluminado, com os troncos das árvores caiados, onde a noite ocorreu um festivo arraial e uma sessão de cinema ao ar livre, em benefício do Hospital da Caridade.

Por ocasião dos festejos houve um violento incêndio na residência do Sr. Eugênio Aloin, dado como proposital, e que teria sido ateadado pela mundana, “que o vulgo apelida por Cotia Preta”.

Fonte: (n.º 66, de 27 de setembro de 1919-GP)





**INDICADOR COMERCIAL**







Pelos anúncios publicados na "Gazeta", organizamos este pequeno indicador, pelo qual tomamos contacto com o ativo comércio do período enfocado nesta obra.

#### ADVOGADOS

Areal Souto — Pode ser encontrado em sua residência à rua Amazonas, das 8 às 9 da manhã e das 4 às 5 da tarde.

Aristides Lemos — Promotor Público da Comarca. Aceita o patrocínio de causas cíveis e comerciais, cobranças e liquidações, compatíveis com o exercício de seu cargo. Residência à avenida Brasil

#### AGRIMENSOR

Rubens Nelson Alves — Com bastante prática de serviços de agrimensura, encarregando-se de demarcações, alinhamentos, nivelamentos, levantamentos, plantas topográficas e de arquitetos, etc. e todos os serviços concernentes a esta profissão.

#### ARMAZENS

Armazens Rodrigues de Almeida — Rua Amazonas  
Armazem de estivas, bebidas, ferragens, tintas, miudezas, chapéus, calçados e perfumaria.

Artigos de livraria, objetos para escritório, livros em branco envelopes, produtos farmacêuticos e material de construção.

Armazens Nanan — de Francisco Barreira Nanan — Rua Amazonas  
Bebidas, ferragens, gasolina, kerozene, fazendas, chapéus, calçados, perfumaria, roupas brancas para senhora, arreios para montarias, cangalhas e esteiras do Ceará.

Objetos para escritório, livros em branco, envelopes, papel em bloco, contas correntes, contas de venda, talões, tintas.



## BAZAR

Bazar Seringueiro — de Antonio Alvares Pereira — Rua Amazonas, 27

Papelaria e livraria. Fazendas, miudezas e estivas. Métodos para piano, violino, bandolim, cavaquinho, violão e encordoamento.

Recebeu pela última chata, postais e cromos.

## CALÇADOS

Casa Fayad — Rua Amazonas

Ferragens e calçados.

Grande sortimento de fazendas, miudezas e armarinhos.

## CIGARROS E BOMBONS DE CHOCOLATE

Casa Franckfort — de Ladeira & Dias

Recebeu cigarros Caporal e bombons de chocolate.

## COMPRA DE PRODUTOS

Casa Braga Maia — de M. A. Souza — Rua Amazonas

“Stock” de estivas de primeira necessidade. Adianta dinheiro sobre borracha, cobrando módica comissão.

Executa pedidos, quando acompanhados de fundos.

José Jacob Chama

Casa fundada em 1907 — Rua Amazonas, 30

Adianta dinheiro, mediante borracha, com 4% de comissão.

Venda de fazendas, armarinhos, estivas, ferragens, etc.

Compra de produtos regionais

## DENTISTA

Alfredo Távora — Rua Purus

Gabinete Dentário — Faz tratamento barato.

## FOTÓGRAFO

Aviso — Pretendendo retirar-me desta cidade, aviso aos meus amáveis fregueses para virem liquidar as suas contas até o fim do mês, sob pena de verem o seu retrato exposto, no portão do mercado, em posição de cabeça para baixo.

Senna Madureira, 20 de dezembro de 1919.

*Pedro Rodrigues*



## GUARDA LIVROS

A. V. Coelho — Guarda Livros com mais de 25 anos de prática, encarrega-se da elaboração de escritas comerciais por partidas dobradas, levantamento de balanços, contratos, distritos, registro de firmas, moratórias, concordatas, falências, registro de marcas (borracha).

## HOTEIS

Hotel América — de Merched Jorge, situado à rua Purus. Oferece uma excelente cozinha, com pratos à capricho e gosto do freguês. Salão com ventiladores elétricos. Bebidas de boa qualidade. Preços sem competência. Pensões com pagamento adiantado a 120\$000 a mensalidade; 30\$000 por semana e 2\$500 avulso.

Hotel Brasil — de B. Rodrigues, à rua Amazonas. Cozinha de primeira ordem. Prontidão e asseio. Menu variado. Chá. Café. Leite. Chocolate. Em frente à Matriz. Quem quiser passar bem é dar um pulo no Hotel Brasil.

Hotel Cairo — de Nagib Tapel, à rua Purus. Dispõe de vinhos finos, boa cozinha com pratos a capricho. A divisa do hotel é asseio e servir bem.

## INJEÇÕES

A Pharmácia Iracema, de Rocha & Cia, recebeu da Europa, pela chata Curityba, um pedido de injeções 914. Aplica-se este precioso medicamento ao preço de 40\$000, sem outras despesas.

## LIQUIDAÇÃO

Casa Marie, de M. Macklouf, rua Purus  
Grande liquidação — tecidos finos, brim, perfumaria, rendas, roupas feitas para homens e mulheres, fazendas grossas.

## LIVRARIA E BARBEARIA

Livraria Ferreira, de Ferreira & Ferreira, à rua Purus  
Instrumentos e cordas. Papelaria, livros em branco, tintas, cartões de visita. Pela última chata recebeu grande sortimento de folhinhas e almanacks para 1919.



## MERCEARIA

Mercearia Castro Lima — de Castro & Cia — à rua Amazonas  
Completo sortimento de gêneros alimentícios, novos e bons  
vinhos especiais verde e colares, tintas de cores, cal vir-  
gem, ferragens e louças; sortimento de cigarros das me-  
lhores marcas importados de Belém e Manaus.

## MODAS E CONFECÇÕES

A Pauliceia — Rua Amazonas

O proprietário deste bem montado estabelecimento, com prá-  
tica de varejista na Capital da República, possuidor do mais apura-  
do gosto, bem conhecido de sua numerosa freguesia, acaba de  
chegar da praça do Pará, com escolhido e grande sortimento de  
fazendas, armarinhos, perfumarias, calçados, louças e ferragens.  
Preços sem competência.

## PHARMÁCIA

Pharmácia Iracema — à rua Purus (junto aos bilhares)

Consultório médico dos doutores Araújo Jorge e Victoriano  
Freire.

Tratamento de sífilis, leichmeniose (feridas brabas), botão de  
Biskra (ferida do nariz) e impaludismo crônico, pelas injeções in-  
travenosas de salvarsan (606), neosalvarsan (914), protasonato de  
sódio do Instituto Manguinhos, tártaro emético, fórmula do Dr. Gas-  
par Viana, e serum quinado.

A venda:

Remédio contra embriaguês.

Específico contra asma do Dr. Reyngate.

Malarina, Apyrol e Quino Caferana, para impaludismo.

Opilacina contra anquilostomíase.

Gôtas de Nican para gripe e coqueluche.

Lecithina Roblot, Dioradin, Paratoxina, Gayacol e iodofórmio,  
contra tuberculose.

Sôro Antiofídico Butantan.

Pituitrina para abreviar trabalho de parto

Sôro antigonocócico.

Sôro Hirsch n.º 1, 2 e 3, para sífilis

Stheno sôro n.º 1, 2 e 3, para tuberculose

Pantopon Roche para moléstias do sistema nervoso



Soros fisiológicos isotônicos e glicosados de Fleig  
Solução de iodureto de sódio para injeções intravenosas.  
Água do mar em pipetas e empolas.

Mater indolor contra as dores do parto

Arreno Ferrol, arsênico, citrato de ferro e metarsinato de ferro.

Oleos esterilizados de amêndoas doces, lavado; capivara, ginocardia iodurata, olivas lavado, olivas canforado e vaselina para uso hipodérmico.

Fontes: — N.ºs 3, 4, 13, 20, 24 e 26, de 1918  
31, 32, 53, 54, 64, 71, 75 e 79, de 1919  
104, de 1922  
119, de 1923

“Gazeta do Purus”









**DUAS FESTAS INGLESAS NO ACRE**







Um garden party, o primeiro que se fazia em Sena Madureira, foi realizado a 1.º de março de 1919, em homenagem ao Juiz Jayme Mendonça por sua ação independente e íntegra, no exercício de suas funções.

“A hora designada foram dando entrada no Jardim Público as primeiras famílias e cavalheiros convidados. As 4 horas, num dos ângulos da praça apontou a carruagem que conduzia o homenageado e esposa, que foram saudados pela senhorita Maria Antonieta Barreira, sendo oferecida uma corbeille à senhora Luiza Mendonça.

Seguiu-se a parte artística, observando-se o programa seguinte:

- 1.º — A Conflagração, interessante cançoneta desempenhada, com muita graça, pela menina Nice Souza.
- 2.º — Chô Pra Lá, cançoneta gaiata confiada à menina Didi Souto de Souza.
- 3.º — A Vida de Soldado, canção entoada pela menina Nice de Souza
- 4.º — Vira, cançoneta portuguesa, levada pelas mimosas senhoritas Antonieta Barreira e Odette Pires, número que foi bisado, pois as intérpretes o executaram com chiquismo e arte.

As 7 horas foi servido, no pavilhão central, um esplêndido serviço de buffet constituído de chá, schandwichs, bolos, sorvetes, refrescos, cerveja e vinhos finos. Vinte mesas fartas daquelas iguarias circundavam o pavilhão, onde desde as 6 horas haviam começado as danças.

O povo da cidade compartilhou do festival, com uma sessão de cinema ao ar livre, que se prolongou até as 11 horas.

As 10 e meia o homenageado retirou-se, sendo acompanhado por todos até o portão do jardim”. (n.º 39, de 8 de março de 1919-GP).



A outra festa de sabor inglês fez parte das comemorações do aniversário de Areal Souto, a 29 de janeiro de 1920, distintamente homenageado pelas famílias locais.

As festividades começaram com a alvorada, foguetório e visita ao aniversariante, às 5 horas da manhã. Após o almoço, oferecido pela família de Victoriano Freire, e de um lunch, pela família Silveira Pessoa, veio o Five O'Clock Tea, na residência de Aristides Lemos.

“Iniciou-se às 17 horas, quando os convidados foram levados ao salão principal do palacete, onde foi servido o delicioso chá. Ao centro havia uma mesa em forma de I, circundada de outras menores, ornamentadas de cristais, pratarias e flores, que realçavam a brancura das cambraias das “petites tables”, lembrando as belas tardes do Alvear, do Assírio e do Hotel Central, pontos chics da sociedade carioca. O chá era acompanhado de suave música. As 18 horas foi servida champagne, com brindes do anfitrião ao homenageado, seguido de seus agradecimentos”.

“O five o'clock tea foi o especimen das festas elegantes desta cidade”.

As comemorações continuaram com uma sessão de cinema oferecida por Victoriano Freire e J. Martin, sendo projetado o film Iris, e uma fita sobre o tango. Finalmente, houve o baile presenteado por Orlandino Cardoso.

(N.º 83, de 1.º de fevereiro de 1920-GP).





**A RECEPÇÃO AO CORONEL  
AVELINO CHAVES**







O navio Guanabara, trazendo a bordo o festejado político, aproximou-se de Sena Madureira, as 16 horas do dia 31 de janeiro de 1919, momento em que foram ouvidos os seus primeiros apitos. A população, em massa, acorreu ao cais, esperando a atracação, enquanto o barco singrava as barrentas águas do lago. Uma salva de 21 tiros de morteiro saudou a chegada, e o comandante Julião Machado, após hábil manobra, encostou o navio, imediatamente inspecionado pelas autoridades sanitárias e pelo fisco.

Liberado o navio, o coronel Avelino Chaves recebeu, em seu luxuoso camarote, o prefeito Baptista D'Alcântara e o secretário Areal Souto, que lhe apresentaram boas vindas. Em seguida, uma comissão do PRAP, formado pelo Dr. Victoriano Freire, coronel Francisco Riquet e major Rodrigues de Almeida, apresentou-se ao viajante, saudado na qualidade de presidente da executiva do partido, secundada pela representação da Sociedade Sírio Libanesa Francófila, composta pelos senhores José Jacob Chamma, José Fayad, Aziz Gabriel e Akel Fares.

A esta altura, a multidão já invadira o paquete para ver e abraçar o político, que a todos manifestava palavras de agradecimento, visivelmente comovido.

As 18 e meia deu-se o desembarque, com a banda da Companhia Regional executando uma vibrante canção militar, e com a formação de um préstito, que cadenciadamente, acompanhou S. Exa., até a residência do Prefeito, onde foram servidos finos licores às pessoas gradas, sendo saudado pelo doutor Areal Souto, com uma breve e brilhante alocução, destacando os méritos do recém-chegado. Ao término foi delirantemente aplaudido, agradecendo o homenageado as palavras e os atos de boas vindas. Seguiu-se um jantar, no qual tomou parte um reduzido número de pessoas.

Após o jantar S. Exa. acertou que só assumiria o Governo, na volta da visita que ia fazer ao seringal Guanabara, aonde o levavam os negócios desta sua rica e vasta propriedade.

A mais atraente homenagem foi o banquete oferecido no dia 1.º de fevereiro, no Theatro Cecy, pelos correligionários do PRAP, iniciado às 20 horas.



O Salão do teatro estava magnificamente decorado. “Ao centro achava-se a mesa tapizada de flores, de onde emergiam, exalando um odor suave, que atraía o apetite, as mais diversas qualidades de pudins e confeitos”. Deu-se começo à solenidade, “sendo os convivas distribuídos à mesa, na ordem seguinte: coronel Avelino Freire, coronel Romariz Bittencourt, capitão Decleciano de Souza, major Rodrigues de Almeida, doutor Araújo Jorge, Maximino Ladeira, H. Saunders, coronel Francisco Barreira Nanam, major Francisco Figueiredo, José Valentim de Menezes, coronel João Fragoso Monteiro, coronel Raimundo Magalhães, Pedro Riquet, professor Souza Leão e José Jacob Chamma”.

Foi servido o seguinte:

#### MENU

Potages aux asperges  
Poisson au gratin  
Filet Piquet a la Française  
Poulet Roti et Tallarin a Italienne  
Cochon Roti aux Petit Pois  
Dindon a Brasileira Garnie au Jambon

#### DESSERT

Gatteaux a la Reine  
Patisserie Variée  
Crème a la Maitre d'Hotel

#### BEBIDAS

Champagne Moët Chandon  
Licores de cacau e Chartreuse  
Vermouth Française  
Vermouth Itallien  
Cognac Henessy  
Rum  
Vinhos e Aguas Minerais

“Ao toast, enquanto reurejava nas taças a champgne, loira e efervescente, ergueu-se solene, o doutor Victoriano Freire, que fez



o oferecimento do banquete, agradecendo o homenageado, em seguida”.

A porta do teatro tocava a banda de música da Companhia Regional, e, durante o ágape, uma orquestra dirigida pelo maestro José Belarmino.

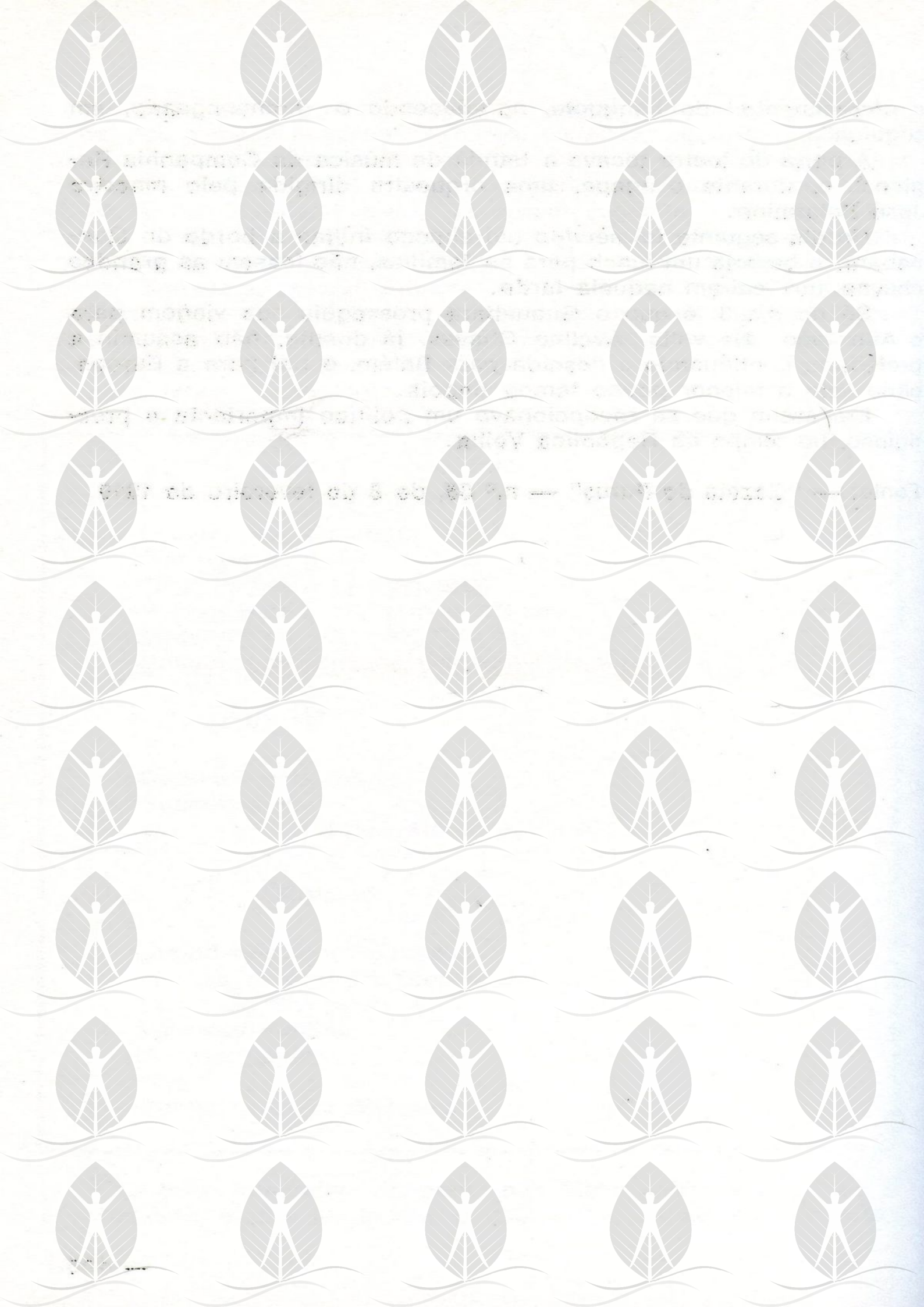
No dia seguinte foi servido um almoço íntimo a bordo do Guanabara, e haveria um lunch para as famílias, não fossem as grandes chuvas, que caíram naquela tarde.

Só no dia 3, é que o Guanabara prosseguiu sua viagem para o Alto Iaco. Na volta, Avelino Chaves, já doente, não assumiu a prefeitura, continuando a descida para Belém, e daí para a Europa, onde veio a falecer pouco tempo depois.

Era assim que se recepcionava um político importante e prestigioso, no tempo da República Velha.

Fonte: — “Gazeta do Purus” — n.º 35, de 8 de fevereiro de 1919









**O CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA**







Os preparativos para a festa do Centenário, que ocorreram em todo o Brasil, estavam, em Sena Madureira, sendo organizados desde de agosto, com a limpeza de vias públicas, a instalação de cinquenta postes de iluminação, a reforma do Theatro Cecy, e a abertura de duas avenidas diagonais, partindo da praça 25 de setembro, compactadas com areia tirada do lago. Particulares limpavam os seus terrenos e pintavam os seus prédios.

No dia 1.º de setembro, o prefeito Areal Souto mandou distribuir, na cidade e nos arredores, a programação comemorativa, organizada e confiada à uma comissão especial.

Com um dia ensolarado de verão, as festividades tiveram início às 5 horas da manhã, com a alvorada no Quartel do Destacamento Policial. Logo depois, às 6 horas, houve o hasteamento da bandeira, em tôdas as repartições, presentes os seus funcionários, ouvindo-se a salva de 21 tiros convencionais.

Na praça 25 de Setembro, em altar preparado no coreto, ladeado e enfeitado por plantas, denominadas independência, iniciou-se, as sete e meia, a missa campal, rezada por Dom Próspero Bernardi, o prelado. Terminado o ato religioso, colegiais cantaram os Hinos da Independência e Nacional, demoradamente aplaudidos pelos presentes.

A parte seguinte do programa foi a conferência do doutor Aristides Lemos, no Theatro Cecy, alusiva à data, e a recepção oficial, na Intendência, às 9 e meia, onde foi servida, com um brinde feito pelo intendente, uma taça de champgne.

As 10 horas procedeu-se a inauguração do Colégio Santa Juliana, a cargo das Irmãs Servas de Maria, conseguida graças à colaboração de tôda a cidade e, especialmente, do doutor João Virgolino de Alencar, que cedera o prédio, do Grupo Teatral Arthur Azevedo, que levantara fundos com suas representações, do doutor Areal Souto e de Victoriano Freire. Foi aberta ao tráfego a avenida Centenário.

As comemorações da tarde começaram às 16 horas, com um cortejo civico, saindo da praça 25 de Setembro, ao qual se incorporaram alunos de tôdas as escolas. A saída do préstito foram



distribuídos sacos de fantasia, cheios de doces, às crianças, e ouviu-se um entusiástico discurso do doutor Martins de Freitas. A passeata, seguindo um trajeto, previamente estabelecido, dirigiu-se ao Palácio da Prelazia, onde falou o bispo; à sede da Comissão de Limites Brasil-Peru, então demarcando a fronteira, ouvindo-se a palavra do almirante Ferreira da Silva, chefe da Comissão; e daí a diversas repartições, saudada pelos titulares.

Terminado o percurso, a multidão, de mais de 1.000 pessoas, voltou à praça 25 de Setembro, onde ouviu o doutor Bernardo Porto, dissolvendo-se às 18 e meia, com a cidade já feericamente iluminada.

Por volta das 19,30 iniciou-se a retreta da banda do Destacamento, que executou um programa variado, complementado por uma sessão de cinema ao ar livre.

Ao mesmo tempo, as 20 e meia horas, no Theatro Cecy, o Grupo Dramático Arthur Azevedo levava à cena a peça "Independência", de Areal Souto, especialmente escrita para o evento, alcançando retumbante sucesso.

No dia seguinte, por falta de tempo para a execução completa da programação, foram realizados jogos ao ar livre, com a participação de crianças, disputando-se as seguintes provas: gamão vivo, corda dupla, corridas de surpresas, de velocidade, de obstáculos e de resistência, saltos à distância e em altura, corridas de três pernas e de ovos. A noite teve lugar uma reprise da peça "Independência".

No interior a data foi comemorada em Santa Clara, no Iaco e na vila Castelo, no Purus.

Fonte: — n.º 114, de 1.º de outubro de 1922 — "Gazeta do Purus".





**A ESCOLA NORMAL**







A idéia da criação desta escola, visando a formação de professores primários, de que o Acre era carente, nasceu de um grupo de intelectuais, nos fins de 1923, que se reuniu no grupo escolar Cunha Vasconcelos, constituído por Areal Souto, João Virgolino de Alencar, Victoriano Freire, Jaime Mendonça, Rafael Correia e Liberalino Gadelha, logo iniciando a elaboração de seus estatutos, publicados com a data de 29 de novembro de 1923.

A 23 de dezembro do mesmo ano, dava-se a instalação solene da Escola Normal Carneiro Ribeiro, realizada no Theatro Cecy, com a presença do grupo organizador.

A instituição começou a funcionar no prédio onde estivera a aula de prendas do Aprendizado Cunha Vasconcelos, no horário de 13 às 17 horas, e com a frequência de 13 alunos, sendo seus professores Jaime Mendonça (Geografia e Corografia), Bráulio Rocha (Francês), Rosa Hoyos (Desenho e Música) e Victoriano Freire (Aritmética e Português). Foram eleitos, por votação do grupo organizador, a 2 de abril de 1924, Victoriano Freire, diretor e Areal Souto, vice diretor.

O discurso de Areal Souto proferido na sessão de instalação, por ser uma peça de esperança, vontade e fé, encerrando profundos conceitos filosóficos, merece transcrição, o que fazemos parcialmente, destacando seus pontos principais:

“Exmo. Sr. Presidente  
Exmas. Senhoras  
Meus Senhores

Houve numa alta antiguidade, vinda dos lados da Ásia Menor, passando pela Grécia e chegando até a velha Roma dos césares, uma interessantíssima escola filosófica, cuja máxima dominante aconselhava que o homem deve resignar-se com tudo que é inevitável.

Não vejo nada de velho na velha máxima, pois todos os dias nos encontramos em situações de que não temos outro remédio senão apelar para a sabedoria da vetusta filosofia, exigindo de nós essa antiga resignação, que é, em verdade, a mesma resignação de hoje.

Eu confesso, que tomado de um certo desânimo, já havia predito, que nesta terra mui dificilmente surgiriam hoje motivos para dis-



curso, em solenidades como esta. Errei, estou vendo, no meu vaticínio, e para castigo de tão leviana predição, vingame esta atitude, da qual só me dá saída o velho preceito estoico. O caso é inevitável e eu me confesso resignado.

Antes, porém, de dar começo a esta árdua tarefa, devo invocar a complacência do auditório, por duas razões: a primeira pelo embotamento natural do meu espírito, castigado pela monotonia desta terra sem acidentes e sem tumultos; a segunda, por me ser dado falar em uma solenidade de caráter, pode-se dizer, científico, coisa também sem atualidade, nestes dias profundamente céticos, cheios de angústias, de incertezas e revoltas, onde tudo parece falho de emoções e de arte, tão agudas, tão eriçadas são as arestas, por onde estugamos os nossos passos, neste estádio de vida, ferozmente prático, estupidamente útil.

.....  
.....  
"Portadores da mais alta missão social, peregrinos de ideais indefinidos, sonhadores talvez, se o quizerem, mas sonhadores sem austeridades inúteis, nem tormentos voluntários, porque não sonham bemaventuranças, mas realizam deveres fundamentais, digam o que disserem, a reunião que aqui assistis, senhores, é na sua essência o requerimento inescusável com que saldamos as dívidas das gerações, dentro dessa virtualidade de querer, que achamos dentro de nós mesmos, e fora de nós, no perpétuo viver da grande família humana, virtualidade tão íntima, tão radical, tão viva, tão manifesta, que sugeriu ao grande Pascal observar, que a humanidade não é mais do que um só homem, que caminha e evolui.

E nem se pergunte a razão, o motivo, o canon severo, que nos prende a este compromisso misterioso, a essa subordinação fortuita, porque tudo isto está formulado dentro do determinismo das propriedades essenciais, com os mesmo segredos, que abatem e põem de joelhos as ciências, para que não se indague ao biologista a causa da vida, ao físico a causa do calor, ao químico a razão das afinidades, ao astrônomo os mistérios da gravitação.

Essa fatalidade social, esse imperativo desconhecido, semelhante à nossa vida moral, e que nos impele a não repousarmos, que nos escravisa a fazer aquilo que não é para nós, que nos faz plantar carvalhos ao envez de couves, como que praticando tudo por uma intimação das gerações que nos precederam, ou das gerações que ainda vêm, peticionando o caminho por onde têm de passar — é a determinante estupenda desta obra, que todos nós realizamos, como intermediários obrigados, entre os que se foram e os que ainda vêm, entre o pensamento que contempla o passado, e o braço que prepara o futuro.



Ou seja uma, ou seja outra coisa, o que é fato é que, em todos os tempos existiu, existirá sempre, esta patrulha avançada, que faz a ronda do mundo, pelas ameias desta imensa fortaleza humana, assistente dos séculos que desfilam, caindo como vítimas ou como heróis aos embates deste formidável conflito da vida.

Ninguém recusa a luta e todos aceitam a sua posição e se lançam ao sacrifício a mercê de deveres inelutáveis; e, só assim, senhores, é que se explicam essas dedicações impessoais, como no momento se me afigura esta, que ainda no debuxo de uma esperança, num recorte de horizonte, num clarão de alvorada, tanto impressiona, tanto agita a nossa vida mental.

Tal é, senhores, na expressiva modelação de seus estatutos, no sereno desinteresse dos seus propósitos, na modesta concepção de suas utilidades; na coragem pacífica de sua energia, nos assentos vigorosos da sua realidade, na consciência prática dos seus êxitos, na ética formosa de seus princípios — a Escola Normal de Sena Madureira

Não sei, senhores, se esta obra é nossa, ou se do ambiente onde ela germinou, nós somos apenas os seus sistematizadores, acompanhando a sua produção natural e lenta como uma necessidade, que se desdobra por si mesma, sem esforço, e sem luta”.

.....

.....

“Agora, voltando ao fio da minha oração, que devo eu dizer dos semeadores desta boa semente, que devo eu dizer deste círculo visível de vontades equilibradas, que formam o embasamento deste instituto; que devo eu dizer da sua necessidade de ser, da sua realização, da sua finalidade.

Devo dizer muito, devo dizer tanto quanto na minha idealização, na minha fé, nos meus sonhos consoladores, eu aspiro e tenho aspirado para esta terra, que não cessa de fecundar iniciativas, na cabeça de seus homens — iniciativas que tem servido a ela própria de padrão de trabalho, de honestidade, de patriotismo e de cultura.

Não vai nisso prurido de regionalismo, ou lisonja a este recanto do Território, que escolhi para oficina de minhas energias e ninho pequenas glórias, queira eu diminuir valores estranhos.

Mas quem quer que lance um olhar nesta história, que ainda paira no doce sincretismo das tradições orais; quem quer que procure acompanhar as tendências egressas dos povoadores da região, verá que o Purus apresenta-se na vida acreana, como a fonte inspiradora de suas grandes causas; modelando no afã de um gênio altamente progressivo, as conquistas benfazejas das nossas melhores franquias. Como intérprete dos sentimentos humanos, foi aqui onde brotou primeiro no Território, essa flor de misericórdia, que



se chamou Hospital da Caridade, no ano de 1908; foi aqui onde a família se fortaleceu primeiro, na formação de uma sociedade, arquetipo de moralidade e austeros costumes; foi aqui onde a arte levantou o primeiro teatro, na doce tertúlia de amadores, até sua integração no Centro Arthur Azevedo; foi aqui onde se fez editar a primeira revista literária, onde cintilaram as penas de Carlos Vasconcelos, Nilo Guerra, Matias Olímpio, Jesuino Albuquerque e outros; foi aqui onde a instrução sob o impulso do prefeito Samuel Barreira, atingiu a supremacia de um instituto altamente modelar, e, agora, finalmente, é aqui que essa tendência de operar, de fazer, de criar, chega à ousadia de tomar sobre si a responsabilidade de uma Escola Normal.

.....

.....

“Foi pois, senhores, para antemurar as altas virtudes do ensino, para garantir mais tarde a sua eficácia, que se formou em torno dessa brilhante idéia, a plêiade valente e generosa, que é hoje o quadro dos fundadores da Escola Carneiro Ribeiro, em Sena Madureira.

Aí vereis os nomes de Virgolino Alencar — a expansão por excelência dessa natureza intertropical, prodigalizando o gênio e a atividade do seu formoso talento, por esse Território afora, deixando no Juruá uma cidade; em Rio Branco, um partido; e no Purus, a inspiração de suas melhores causas trabalhadas no seu espírito, sempre benéfico, sempre generoso, sempre forte — Jaime Mendonça — a energia da vontade servida por uma cultura luminosa, tangendo aspirações ativas para engrandecer a terra que elegeu para círculo de suas ações — Victoriano Freire — o arrojo das realizações na fórmula do querer é poder, dinamizado sob a feição “eu não mando, eu faço”. Benevenuto Figueiredo — a dignidade profissional, a competência sem rótulo, só conhecida na indiscrição dos íntimos; Bráulio Rocha — o rijo conceito do homem raciocínio, com sabedoria a guisa de ouro velho, sem cintilações, mas com o valor intrínseco e irredutível de suas bases; Rafael Gondim — o vulto sereno e bom, denunciando alma grande e límpida, no reconhecimento exato das boas causas; Rafael Correia — artista vigoroso da palavra, na elegância dos modelos e na finura dos pensamentos; Liberalino Gadelha — o filho destas florestas reconduzido para evangelizador de suas riquezas — e eu, senhores, rude e áspera aplicação de um conceito, a mim mesmo poder-me-eis chamar o assombroso iludido, que fazendo a penetração desses sertões, nesta ascensão de treze anos de sacrifícios e tormentos, ainda não descobriu o segredo de ser indiferente a estas cousas.



São esses nomes, os penhores de segurança desse novo edificio, aos quais devo juntar, como perfeitamente ajustado, com essas idéias, o de Aristides Lemcs, ausente, e em quem é força reconhecer um poderoso elemento de êxito para a Escola.

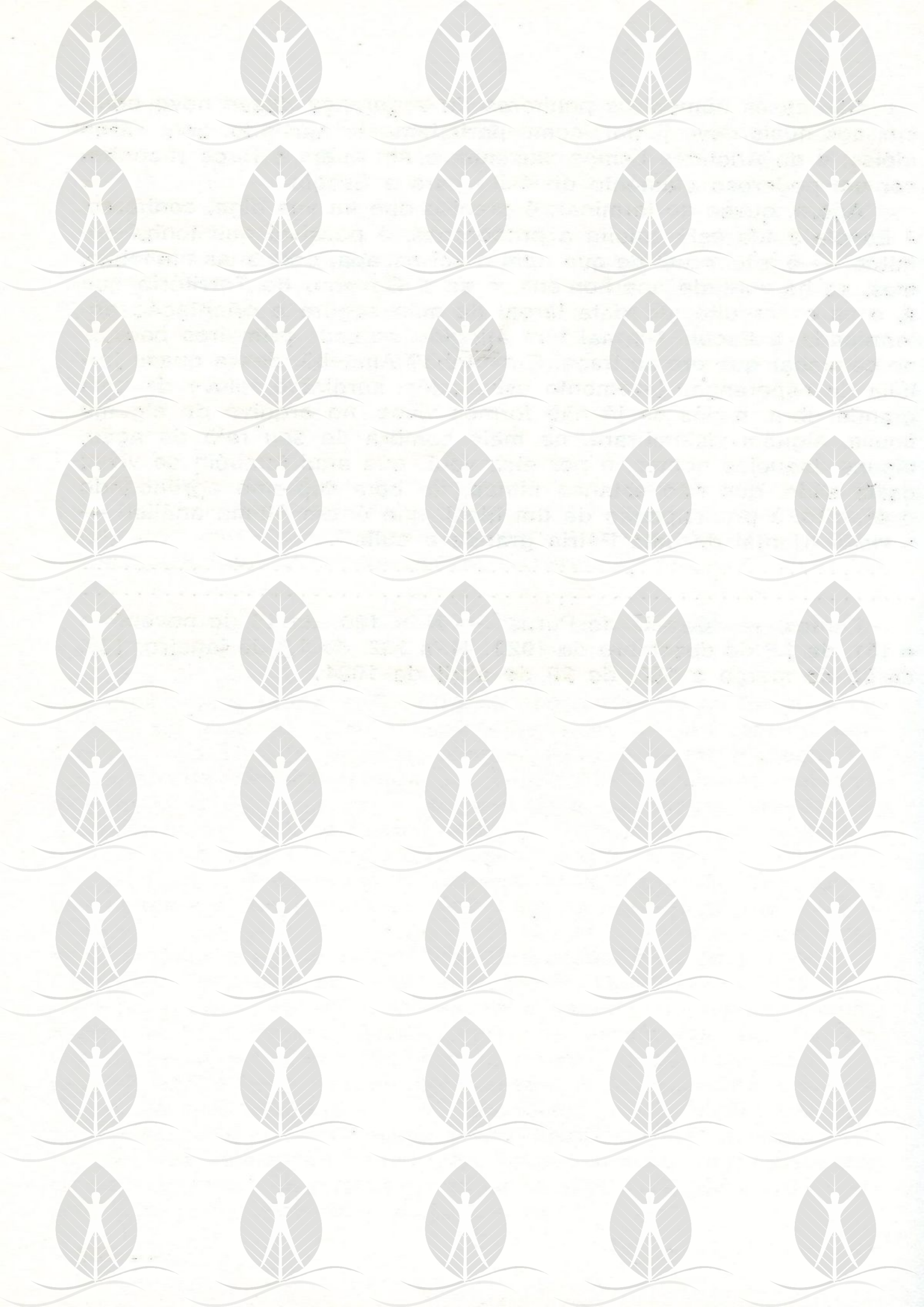
Agora, quase ao terminar, é preciso que eu vos diga, senhores, a Escola ainda está sujeita a proporções, é possível que tenha defeitos, — é a lei cruel de que nem o sol escapa, com suas manchas, mas, se há vontade nos homens, e se o Governo do Território que é, e eu o acredito, de vista larga, de mão segura e orientação determinada, a Escola Normal terá atingido os seus primeiros passos, no caminhar que ora se traça. E amanhã? Amanhã, dessa quase tertúlia de esperanças levemente esboçadas, surgirá o relevo de uma grande obra, e nós se já não formos vivos, no arquivo de alguma coisa, alguém vislumbrará, na meia sombra de seu raio de ação, alguns daqueles nomes, e por eles verá, que aqui também se viveu desta sêde, que não estanca nunca, do bem supremo agrilhoando o espírito, à preocupação de um ideal, que é, em última análise — a visão triunfal de uma Pátria grande e culta”.

.....

.....

Fontes: — “Gazeta do Purus” — N.ºs 130, de 15 de novembro e 131, de 1.º de dezembro de 1923. N.ºs 132, de 1.º de janeiro, 135, de 23 de março e 136, de 20 de abril de 1924.









**AREAL SOUTO**







Antonio Pinto do Areal Souto nasceu em Independência, no sertão de Crateús, no Ceará, a 29 de janeiro de 1886. Criou-se em Tamboril e São Francisco de Uruburetama, de onde, ainda menino, veio para os seringais da Amazônia, acompanhando sua numerosa família, desalojada pelas secas.

Graças a um bafejo da sorte, pôde voltar à sua terra natal, onde fez os preparatórios, e entrou na Faculdade de Direito.

Tomando parte ativa nos movimentos estudantis, contra a oligarquia aciolina, foi obrigado, como tantos outros, a refugiar-se em Pernambuco, onde concluiu seus estudos, bacharelando-se em Direito, pela Faculdade de Recife.

Voltou à Amazônia, em 1911, para Sena Madureira, onde adquiriu grande prestígio moral, intelectual, profissional e político.

Foi Governador Geral do Acre, Prefeito do Departamento do Alto Purus, Intendente de Sena Madureira, Secretário Geral do Departamento, advogado de reputação ilibada, Promotor Federal, Delegado do Grande Oriente do Brasil, e antes de tudo, um idealista.

Esteve na liderança de todos os movimentos progressistas de Sena Madureira, dos quais era sempre um dos inspiradores e incentivadores.

Participou da Junta Governativa que dirigiu o efêmero Estado Livre do Acre, em 1912, após a deposição do coronel Tristão Arapele.

Incentivou o teatro, o cinema e a música, naquela cidade, ajudando a criar o Grupo Dramático Musical Arthur Azevedo, animador da cidade, com os seus espetáculos e retretas.

Político sério, combativo e inimigo implacável da corrupção, era um dos chefes do Partido Republicano do Alto Purus, graças ao seu espírito equilibrado e aberto.

Como jornalista iniciou suas atividades em Fortaleza, e no Acre dirigiu os jornais "Brasil Acreano" e "Gazeta do Purus", órgãos vibrantes, numa época em que a imprensa estava disseminada e desenvolvida em todos os recantos da Amazônia, o que hoje não ocorre.



Grande orador, destacou-se desde a mocidade, com seus discursos inflamados, precisos, em linguagem escorreita. Sua palavra solta e sonora era presença constante em todos os atos públicos e privados da cidade puruense, e a sua fama de modelador do vernáculo extravazou o Acre, sendo chamado a conferências em outras cidades brasileiras.

Profissional competente, labutou por longo tempo nos Tribunais do Território, sempre revelando uma personalidade forte, um caráter íntegro e um espírito paternalista, na defesa de seus constituintes, ou do bem público, no magistério da sua atividade de Promotor Federal.

Literato formado nas rodas intelectuais de Fortaleza e de Recife, desenvolveu grande atividade no campo das letras, sendo autor de considerável número de poesias, principalmente sonetos, espalhados ou perdidos, com o correr dos tempos.

Propugnava pela idéia da libertação do homem através da instrução, idealizando a criação de escolas, e estabelecendo os seus primeiros alicerces materiais, como a fundação da Escola Normal Carneiro Ribeiro.

Instalou a Vila Castelo, hoje Manuel Urbano.

Amava o Acre e, particularmente, Sena Madureira, que vira crescer, progredir e fenecer, como filhos queridos, ali vivendo por quarenta longos anos, dedicados a servir a região. Nem mesmo o deslocamento de sua família, para Manaus, Belém e Rio de Janeiro, em busca da instrução e da evolução, conseguiram arrancá-lo das barrancas do Purus, onde bem desejaria estar até hoje, descansando.

Uma doença cardíaca evolutiva levou-o, contra sua vontade, ao Rio de Janeiro, em 1950, onde veio a falecer a 26 de outubro de 1961, jamais tendo esquecido da terra que lhe serviu de segundo berço e onde pôde desenvolver seus ideais.

A ele dedicamos essa obra, que é sua.





**OS MORADORES DE SENA MADUREIRA**







Graças ao edital da Intendência Municipal de Sena Madureira, publicado no número 105, de 26 de março de 1922, da “Gazeta do Purus” relativo à cobrança do imposto predial e da taxa sanitária, ficamos conhecedores dos proprietários de imóveis da cidade, conforme a transcrição seguinte:

### RUA AMAZONAS

N.º		N.º	
2	Ana Gracinda de Medeiros Chaves	1	Geraldo Barboza Lima
4	Magalhães & Cia	3	O mesmo
8	Pinho Certo	5	Almeida Abdon
10	J. G. Araujo	7	Maria Fernandes Vianna
12	Geraldo Barbosa Lima	9	Isaac & Irmão
14	O mesmo	11	Antonio Joaquim Dias
16	O mesmo	13	O mesmo
18	O mesmo	15	Jorge Jacob Chamma
20	O mesmo	17	O mesmo
22	Yenna Aloin	19	Antonio José & Filhos
24	José Atanásio Rebouças	21	Jorge David
26	O mesmo	23	Manoel Xavier de Lima
28	O mesmo	25	O mesmo
30	José Jacob Chamma	27	Antonio Alvares Pereira
32	Aucar Irmãos	29	Manoel Gonçalves Cruz
34	O mesmo	31	O mesmo
36	O mesmo	33	O mesmo
38	José Jorge & Irmãos	35	Rage Tobias
40	O mesmo	37	Jacob El-Kik
42	Checri Rage	39	Governo Geral
44	O mesmo	41	Umbelino Pires Freitas
46	Laudelino Benigno	43	Francisco Bento do Monte
50	Andrelina Pereira da Silva Rodrigues de Almeida	47	Antonio Pinto do Areal Souto
52	O mesmo	51	Miguel Francisco de Souza
54	Francisco Miguel	61	Antonio Avelino



## RUA AMAZONAS

56	Antonio Miguel	80	Geraldo Barboza Lima
58	João Baptista D'Alcântara	82	João Vicente
60	O mesmo	84	O mesmo
62	Moisés Alvino de Souza	86	Attila Galvão
64	O mesmo	88	Francisco Martins de Azevedo
66	Francisco Barreira Nanan	92	Herondina Bezerra de Siqueira
68	Assen Ganon	96	Antonio Correia de Barros
70	O mesmo	102	Joaquim Nunes de Souza
72	Toufic Tomás	104	Marcelino Antonio Saraiva
74	Manuel Gonçalves		
76	Alexandre Assuhni		
78	Antonio Pereira da Silva		

## RUA IACO

N.º		N.º	
1	Maria Efigênia e Laura Pessoa	2	Francisco Lopes Sant'Ana Lima
3	Laudelino Benigno	4	Firmina e Laura Libânio
5	Godofredo Maciel	8	Eugênio Aloin
7	Luz del Carmen Carranza	10	J. G. Araujo
9	Maria Ferreira Braga	12	Ambrosina Souza
11	Sarah Chamma	14	Antonio Carvalho
13	Godofredo Maciel	16	O mesmo
15	Ana Deau Zarif	18	O mesmo
17	O mesmo	22	Pedro Paschoal Duarte Pinheiro
19	José Jacob Chamma	24	Laudelino Benigno
21	O mesmo	28	Maria Efigênia e Laura Pessoa
25	Ana Maria Correia	30	Herdeiros de Agostinho E. Vieira
27	Mario Pinheiro	32	O mesmo
31	Antonio Pinto do Areal Souto	34	Luiza Silveira
35	Almeia Assef	36	O mesmo
37	O mesmo	38	O mesmo
39	O mesmo	42	Laudelino Benigno
43	Hélio Abreu	44	Raimundo Rodrigues de Almeida
59	Almeida Assef	46	Antonio dos Santos Pires
61	João Bernardo de Miranda	48	O mesmo
		52	Samuel Barreira
		54	Ruy Alencar Mattos
		58	Almeida Assef
		60	O mesmo



## RUA PURUS

N.º

- 1 J. G. Araujo
- 3 O mesmo
- 5 O mesmo
- 7 Maria Olímpia de Campos  
Silva
- 9 O mesmo
- 11 José Jacob Chamma
- 13 O mesmo
- 15 Samuel Laredo
- 17 O mesmo
- 19 Faridee Garan
- 21 Miguel Azulay
- 23 José Cesário de Farias
- 25 O mesmo
- 29 Rosa Pereira de Lima
- 33 Miguel Azulay
- 35 Loja Fraternidade e  
Trabalho
- 37 Miguel Azulay
- 39 O mesmo
- 41 O mesmo
- 43 Francisco Fernandes  
de Melo
- 45 Serafim Pereira dos Reis
- 47 O mesmo
- 53 Miguel Azulay
- 55 Eugênio Aloin
- 57 O mesmo

N.º

- 2 Geraldo Barboza Lima
- 4 O mesmo
- 6 O mesmo
- 8 O mesmo
- 10 O mesmo
- 12 O mesmo
- 14 O mesmo
- 16 O mesmo
- 18 O mesmo
- 20 O mesmo
- 24 Miguel Azulay
- 26 Luiz Fernandes Barboza  
Cordeiro
- 28 O mesmo
- 30 O mesmo
- 34 Herdeiros de Ariistófanés  
Barboza Lima
- 38 Geraldo Barboza Lima
- 40 Maria Clotilde do Cano
- 42 O mesmo
- 44 O mesmo
- 46 O mesmo
- 48 Alfredo Zaire
- 50 O mesmo
- 52 O mesmo
- 56 Maria Maklouf
- 58 Antonio Sobral
- 62 José Colares da Penha
- 64 Antonia Joaquina Dias
- 66 Maria Joana da Conceição

## RUA CHANDLESS

N.º

- 3 Barquet José
- 5 O mesmo
- 7 Governo Geral
- 9 Pedro Paschoal Duarte  
Pinheiro
- 11 Jorge Jacob El-Kik
- 13 O mesmo

N.º

- 2 Toufic Thomaz
- 4 Rachid Dau & Irmão
- 6 Abdon Mamede
- 12 José Jacob Chamma
- 16 Mansour Chediak



## RUA CHANDLESS

- |    |                        |    |                          |
|----|------------------------|----|--------------------------|
| 17 | Geraldo Barboza Lima   | 23 | Raimundo Custódio Freire |
| 19 | José de Alencar Mattos | 27 | Maria Assumpção          |

## RUA MACAPÁ

N.º

N.º

- |    |                              |    |                               |
|----|------------------------------|----|-------------------------------|
| 1  | Francisco José de Siqueira   | 2  | Antonio Alvares Pereira       |
| 3  | Intendencia Municipal        | 8  | José Ribeiro                  |
| 5  | Antonio Alvares Pereira      | 10 | O mesmo                       |
| 7  | Antonio Pinto do Areal Souto | 12 | O mesmo                       |
| 9  | Joaquim Sansão G. Machado    | 14 | O mesmo                       |
| 13 | Hospital da Caridade         | 24 | Antonio Ciz Alves             |
| 17 | Miguel Pedro                 | 28 | Felipe Pedro                  |
| 19 | Julio d'Azincourt            | 30 | Antonio Carlos de Moraes      |
| 21 | Josefa Cunha de Siqueira     | 34 | José Benevenuto de Figueiredo |

## RUA XAPURY

N.º

N.º

- |    |                                    |   |                       |
|----|------------------------------------|---|-----------------------|
| 1  | Childerico José Fernandes          | 2 | Governo do Território |
| 3  | Governo da União                   | 4 | Geraldo Barbosa Lima  |
| 7  | José Martins de Freitas            |   |                       |
| 9  | Francisco Augusto de Alencar Matos |   |                       |
| 11 | Toufic Thomaz                      |   |                       |
| 13 | Francisco Bento do Monte           |   |                       |
| 15 | Angela Alexandre                   |   |                       |

## RUA CANAMARY

N.º

N.º

- |    |                      |    |                                                |
|----|----------------------|----|------------------------------------------------|
| 1  | Antonio Brígido      | 2  | Victoriano Freire                              |
| 5  | Geraldo Barboza Lima | 8  | Herdeiros de Antonio Fernandes da Silva Távora |
| 11 | Godofredo Maciel     | 12 | Miguel Azulay                                  |
| 15 | Almeida Assef        | 14 | Herdeiros de Astolfo Margarido                 |
| 19 | Maria de Assumpção   | 16 | Os mesmos                                      |
| 23 | Antonio Chomat       | 18 | Os mesmos                                      |
| 27 | Ludgero Lima         |    |                                                |



PRAÇA CEARENSE

N.º

- 1 José Cipriano Villela
- 3 Maria Leopoldina

N.º

- 4 União Evangélica
- 6 Herdeiros de Antonio Fernandes da Silva Távora

RUA PARÁ

N.º

- 3 João Bernardo de Miranda

RUA MINAS GERAIS

N.º

- 4 Francisco Mariano da Silva
- 27 Francisco de Alencar Mattos
- Antonio Monteiro Maia

AVENIDA BRASIL

N.º

- 10 Prelasia do Alto Purus
- 12 Domingos Américo de Carvalho

RUA JAPURÁ

N.º

- 3 Maximino Ladeira
- 5 Ester Gadelha
- 7 O mesmo
- 9 Herdeiros de Agnello E. dos Anjos
- 13 Francisco José de Siqueira
- 17 Geraldo Barbosa Lima

N.º

- 4 Raimundo Magalhães
- 14 Antonio Augusto de Amorim
- 30 Francisco José de Siqueira
- 34 Antonio Abrantes
- 38 Vicente Pinto de Almeida
- 40 Maria Barboza de Gouveia
- 42 João de Abreu
- 44 Emília Alcantarino Alves
- 48 Carlos Cavalcante
- 54 Maria Cardoso da Silva



## RUA MACAUHÃ

N.º

1 Iracema Freire  
5 Miguel Azulay  
9, 11, 13, 15, 21 — O mesmo  
27 Maria Vicência  
31 Jacob El-Kik  
33 Isaac & Irmão  
35 José Cursino Leite  
41 Pantaleão Rocha  
43 Carolino Ferreira da Silva

N.º

2 Julio Leite  
4 Maria José Maia  
6 Raimundo Magalhães  
8 Adolfo Naulier  
10 Maria Soares da Silva  
46 Feliciano Blanco  
48 Maria Joaquina  
50 Nogueira & Cia  
52 O mesmo  
54 O mesmo

## RUA ACRE

N.º

2 João Virgolino de Alencar  
4 Governo Territorial  
6 Antonio Brígido  
8 Antonio Brígido  
14 Miguel Azulay  
20 Francisco Bento do Monte

## RUA CAYATÉ

Antonio Branco  
Miguel Seixas de Barros  
Francisco Siqueira Sapo  
Herdeiros de Elizário da S. Tavares  
Arthur Gadelha  
Ana Chaves  
Rodrigues de Almeida  
José Ruana  
Maria Noemia de Freitas  
Lela Chediack  
Rui Mattos  
Severino Constancio  
Rui Mattos  
João Siqueira da Cunha  
João Baptista D'Alcantara  
Antonio Siqueira da Cunha  
Eliza Ferreira Vianna  
Virgilio Vieira dos Santos  
Miguel Feitoza



Por outro edital, publicado na "Gazeta do Purus" n.º 104, de 12 de março de 1922, a Prefeitura Municipal convocava as seguintes pessoas jurídicas, para o pagamento do Imposto de Industrias e Profissões:

F. Lopes, F. Caran, Chumaet & Cia, Ienna Aloin, José Jacob Chamma, José Jorge & Irmãos, Habib Francis, Rodrigues de Almeida, Francisco Miguel, Antonio Miguel, Francisco Barreira Nanan, Samuel Laredo, Rocha & Cia, Cordeiro & Cia, Ruy Mattos, José Fares & Irmão, M. Macklouf, Ladeira & Dias (botequim), Isaac & Irmão (Kiosque), Angela Alexandre Hawate (Kiosque), Lima, Castro & Cia, Almeida Abdon, Felipe Hawate, João Vicente, Jorge Jacob, Izaias Farias, Antonio José & Filho, Mamede Batiche, Manuel Xavier de Lima, Antonio Alvares Pereira, Almeida Derze, Felipe Pedro, Habib Calif, Rage Tobias, David Aded, Adolfo Naulier, Dr. Helio Abreu, Dr. Victoriano Freire, Mario Pinho, Dr. José Martins de Freitas, Luciano da Cunha Fiuza, Abelardo Salazar, Julio D'Azincourt, Dr. Aristides de Souza Lemos. Dr. Antonio Pinto do Areal Souto, João Tiburcio de Araújo, Antonio Gomes, José Serafim de Araújo, José Colares da Penha, José Pedro Nafack, Aurelio Ferreira, Manuel Pereira dos Reis, Atala Chalala, Milet Atala, Simplicio Coelho do Nascimento, Alexandre Hasny, Toufic Jorge, Rodrigues de Almeida (fábrica de cigarros), Antonio Camilo da Silva, Domingos José de Barros, Angelo Alexandre Hawate (cacimba), Balbino Rodrigues (despachante), Balbino Rodrigues (restaurante), João Galebe, Ibrahim Jorge, Antonio Firmino, Izidro Campos de Araújo, Artur Moreno, José Ferreira de Paula, Nagib Tapel, Mariano José Gonçalves, Pedro Rodrigues de Miranda, José Damasceno Vieira, Pereira & Marques, José de Castro Lasera, João Lomba, Manuel Alexandrino dos Santos, João Taumaturgo Sobrinho, Euclides Ferraz Viana, Justiniano dos Santos, José Batista de Lima, Avelino Lins, Mansour Chediack, Magalhães & Cia., Manuel Justino Ferreira, Eufrásio Pedrosa, Antonio Dias Ferreira, Antonio José da Silva, Francisco Galduino da Rocha (tipografia), Domingos José de Barros (tipografia).

Pelo imposto taxado as maiores firmas eram José Jacob Chamma, Rodrigues de Almeida, Francisco Barreira Nanan, Samuel Laredo e José Fares & Irmão, que deveriam pagar 800\$000 cada, equivalente a 50 a 10 contos de capital, F. Caran e Chumaet & Cia, pagariam 350\$000, correspondendo a um capital entre 15 e 20 contos. Todas as demais firmas não atingiam estes valores.









**SELETA LITERÁRIA**







A “Gazeta do Purus” publicava, frequentemente, a produção literária dos poetas da terra, quase sempre constituída de sonetos. Foram excessões as “Notas Sôbre uma Viagem ao Iaco”, de Riquet Nogueira (n.º 71 e 72); os “Subsídios para a História do Departamento do Alto Purus”, de Soares Bulcão (n.ºs 21 e 22), e o drama “Independência”, de Areal Souto, em versos rimados, para os festejos comemorativos do Centenário da Independência, estampado no n.º 113, de 7 de setembro de 1922. Transcrevemos, a seguir, parte destas manifestações culturais, seguindo a ordem de publicação, nas páginas da “Gazeta”.

### A FLORESTA

De qualquer eminência assemelha-se a um braço  
De mar — o verde mar de contorno revesso,  
A floresta viçosa, o verde extenso e baço,  
O vasto germinal deste sertão recesso

Rasga-lhe o dorso o rio, a clareira de um traço,  
Fora dêste, o cerrado, o bárbaro arremesso,  
E na vasta alpendrada, entre sombra e mormaço,  
Ferve a respiração de um minotauro espesso.

Eis em face a floresta, a sensação, a veia,  
O tálamo, o conúbio, onde a terra semeia,  
Piena de seiva e viço, a prole extensa e vária.

Floresta virginal, de farto seio ingente,  
Ultima conceição de flora pubescente,  
No leito nupcial da várzea quaternária.

Areal Souto

(n.º 24, de 23 de novembro de 1918-GP)



## A FORMIGA

Na luta pela vida a formiga é uma moura  
No seu trabalho assíduo, operosa e prudente,  
Recolhe dia e noite a fartura vindoura,  
Antes que chegue o inverno, antes que venha a enchente.

Pela estreita vereda, em dias de sol quente,  
Não lhe fatiga o afã, nem o fardo a desdoura  
Em fragmento de folha, um renovo virente,  
Com avaro cuidado em celeiro entesoura

O homem, em que lhe vale esta prosápia antiga?  
Sendo raça tão forte e casta tão subida,  
Não tem a concepção de uma pobre formiga

Tanto assim, que a lutar, nos encontros fatais,  
Somente há destinado aos invernos da vida,  
Ao envez de celeiros — asilos e hospitais.

Areal Souto

(n.º 51, de 12 de junho de 1919-GP)

## O REPIQUETE

Beijando o corpo nu das praias descobertas  
E mordidas de um sol causticante de estio,  
Espumando a correr, entre ribas desertas,  
Desce turvo e veloz, num repiquete, o rio.

Desce, e as vagas se vão como fauces abertas  
De um felino, que sofre os agulhões do cio,  
A rugir e a tragar as searas entreabertas,  
Que o pobre cultivou tiritando de frio.

Benfazejo, também, ele é a vaga esperança  
Da nave que encalhou nas praias alvadias  
E volve, no seu dorso, ao porto em segurança.

E fator singular, de dores e alegrias,  
Peregrino ele espalha a procela e a bonança,  
Envoltas no lençol das águas erradias.

J. Maranhão

Santa Rosa — 7 — 1919  
(n.º 73, de 16 de novembro de 1919-GP)



## AS GARÇAS

(para J. B. Figueiredo)

Branças, o porte altivo desenhando,  
Pelas margens do rio caudaloso,  
Vê-se, das garças o formoso bando,  
Nestes dias de inverno e de repouso...

Quêdas, os tenros peixes espreitando,  
Reflete o rio seus perfis, vaidoso,  
E enamorado de si mesmo o bando  
Parece cheio de um secreto gôzo.

Da tarde ao vir as indecisas brumas,  
Emergindo da flôr dessas espumas  
Pardas, que as águas formam nos salões,

Calmas, movendo as águas sonolentas,  
Elas se esbatem no horizonte, lentas,  
Da luz do ocaso, dos últimos clarões.

J. Maranhão  
(Do livro Paisagens)

Santa Rosa 19-11-1919  
(N.º 77, de 14 de dezembro de 1919-GP)

1919 — 1920

Ano Bom! Ano Bom! Eis o canto desperto  
De antigas tradições, de crenças e de preito,  
Alvorada a sorrir por um nascente aberto  
De esperanças enchendo o coração e o peito

Ano Bom! Ano Bom! novo sol que vem perto  
Fazendo reflorir algum rosal desfeito  
Primavera a bordar esse velho deserto,  
Onde nunca renasce o sonho satisfeito

Ano Bom! quem dirá que o seja bom ou mau  
Mas se a vida há de ser o rumo incerto e vário  
O que importa saber? Aventure-se a nau...

Viver é viajar pelos tempos afora  
Na gloriosa ascensão de um berço ou de um calvário  
Entre a Esperança que ri e a Saudade que chora

Areal Souto

(N.º 79, de 28 de dezembro de 1919-GP)



## DESERTO VERDE

Após ter sido a terra do El-Dorado,  
Dos sonhos fabulosos de Quimera!  
Ei-lo ainda na sua primavera  
Já quase num deserto transformado

De alento, de recursos esgotado,  
Moribundo a gemer que desespera. ...  
Tesouro de riqueza doutra era,  
Dos tesoureiros hoje despresado

Qual Canaan que se tornando agreste  
Tugúrio de miséria, fome e peste!  
Que pouco a pouco os habitantes perde

O Acre escuso, tão querido outrora,  
Co'a sempre verde exuberante flora  
Vai se tornando num deserto verde.

Luiz Gonzaga de Salles

Santa Clara, 20 de março de 1922  
(N.º 107, de 23 de abril de 1922-GP)

## SILÊNCIO

Toda vida é paisagem cuja tinta  
Tem a cor que lhe empresta cada idade  
Ontem, que manso azul, que cor distinta  
Dizia bem da minha mocidade.

Hoje... por mais que a natureza minta,  
Por mais que tente ocultar a verdade,  
O tempo passa — e sem que eu mesmo sinta,  
Tudo se muda em névoas e saudade.

Parabens a meus anos, quando a vida  
Já começa a nevar-me a escarpa aguda,  
Por onde marcho na fatal descida

Só dão motivos a desgostos francos.  
Por isso, amigos meus, alto! caluda!  
Deixai tranquilos meus cabelos brancos.

Areal Souto

(N.º 134, de 29 de janeiro de 1924-GP)



## TERRA ACREANA

Um crivo ao solo — é o rio, um só plano — a floresta,  
Ao fundo — o seringal, mais adiante — a fronteira  
Eis a terra onde outrora, a lutar testa a testa  
Um povo audaz repele a cobiça estrangeira.

Vê Plácido de Castro... é uma sombra que resta  
Saudosa tradição dessa estirpe guerreira  
Que inda traz a cantar, nalgum de festa,  
O Hino da Conquista — o infeliz Mangabeira.

Terra de sacrificios e de lutas mortais,  
Vale de Josafá, fonte de tantos ais...  
Tebas, Palmira, Assur, desmoronadas portas!

Como devem te olhar estes gênios de escombros  
Como deve ser triste apertar em teus ombros  
O sudário fatal de outras cidades mortas

Areal Souto

(N.º 137, de 25 de setembro de 1924-GP)









**RELAÇÃO DE ELEITORES**







No n.º 131, de 9 de dezembro de 1923, da Gazeta do Purus, foi publicado um edital do Juiz da Comarca João Virgolino de Alencar, convocando os eleitores do Município de Sena Madureira, para as eleições de vogal, a serem realizadas no dia 25 de dezembro de 1923, cuja relação transcrevemos:

**1.ª Seção — Cidade — 136 eleitores**

Alexandre Hassny Alatrach, Alfredo Figueiredo Seda, Alfredo Alves Figueiredo, Alfredo Guedes Monteiro, Alfredo Lopes de Souza, Alfeu Eurídice de Souza, Almir Normando Ferreira, Alvaro de Almeida Cavalcante, Antonio José da Silva, Altino Aristides Pereira, Américo de Almeida Cavalcante, Antonio Augusto de Amorim, Antonio Alvares Pereira, Antonio Camilo da Silva, Antonio Casimiro Pereira, Antonio Firmino, Antonio Carlos de Moraes, Antonio da Costa Gadelha, Antonio de Carvalho, Antonio Cesário de Farias Alvim Filho, Antonio Correia de Barros, Antonio Dionísio Ferreira, Augusto Lopes Braga, Aristides de Souza Lemos, Aristides Correa Nobre, Atila Galvão, Bernardo Magalhães da Silva Porto, Bernardo Abílio de Oliveira, Bráulio Rocha, Carlos de Alencastro Guimarães, Cesar Soderó, Cândido Fenelon de Souza, Cândido de Souza Brasil, Francisco Ferreira Lima, Francisco de Paula Assis de Vasconcelos, Francisco Alfredo de Castro, Francisco Fernandes de Melo, Francisco Pereira de Souza, Francisco Figueiredo Seda, Francisco Bezerra de Menezes, Francisco Pereira Sant'Anna, Francisco Martins de Azevedo, Francisco Xavier da Mata, Francisco Bento do Monte, Francisco Xavier dos Santos, Francisco Mariano da Silva, Francisco Lemos Sobrinho, Francisco Paulino de Andrade, Francisco Galdino da Rocha, Francisco dos Santos Lessa, Francisco Lopes Filho, Francisco Chagas Martins, Francisco Felinto de Almeida, Francisco Ferreira de Amorim, Franklin Pereira Passos Fontenelle, Fernando Pires Ferreira, Gabriel Getulio da Gama, Geraldo Mendes Pinheiro, Gilberto de Almeida Guimarães, Glicério Pires de Freitas, Heliodoro da Silva Maia, Henock Cândido de Oliveira, Herculano Magno de Oliveira, Horácio Costa Souza, Humberto Santos, Hipólito Estevam de Castro,



Irineu Sampaio Pinguinho, Ismael Benigno, Isaac Bezerra de Menezes, Izaias Farias, Izidro Campos de Araujo, João Virgolino de Alencar, João Tibúrcio de Araujo, José Pedro Soares Bulcão, José Libânio Ferreira, José de Sampaio Barros, José Serafim de Araujo, José de Alencar Matos, José Cardoso da Silva, José de Inojosa Varejão, José Colares da Penha, José Cursino Machado, José Ramos, José Belarmino Barbosa, José Valentim de Menezes, José Marcolino Alves, José Francisco Pereira, José Balbino da Costa, José Sanches Bregense, José Francisco Ferreira, José Ferraz de Oliveira, Jesuino José da Silva, Julio D'Azincourt, Julio Bezerra de Farias, Julião José dos Santos, Leontino Lemos, Leandro Gonçalves de Oliveira Coutinho, Liberalino Sales Gadelha, Luiz Fernandes Barbosa Cordeiro, Miguel Libânio Ferreira, Miguel Francisco de Souza, Minervino Bezerra de Farias, Napoleão Pereira de Souza, Natalício Libânio Ferreira, Nilo Vervier, Orlando Domingos Regadas, Pedro Paschoal Duarte Pinheiro, Pedro Riquet Nogueira, Pedro Moreira de Almeida, Péricles Martins Sodero, Raimundo Baltazar, Raimundo Fernandes de Melo, Raimundo Fernandes de Queiroz, Raimundo Magalhães, Raimundo Pedro da Costa, Raimundo Rodrigues do Monte, Raimundo Soares Magalhães, Rodrigo de Araújo Jorge Filho, Saturnino Marinho Correia, Sebastião Soares de Oliveira, Sérgio Gonçalves da Silva, Solon Alves Alcantarino, Solon Ferreira Cumarú, Trajano Rodrigues de Carvalho, Tobias Barbosa Gadelha, Vicente Pereira de Santana, Vicente Pinto de Almeida, Victoriano da Silva Freire, Vital Nunes Cavalcante, Virgílio Cardoso Porto, Virgílio Vieira dos Santos, Vicente Ferreira de Amorim, Vulpiano José dos Santos, Zenon Loureiro.

## 2.<sup>a</sup> Seção — Cidade — 140 eleitores

Abelardo Salazar Rodrigues, Antonio Iberê Ferreira, Antonio de Sá Cavalcante, Antonio Joaquim Vieira, Antonio Fernandes, Antonio Fernandes Borges, Antonio Pinto do Areal Souto, Antonio José de Almeida, Antonio José Saraiva, Antonio de Oliveira e Sá, Antonio Pinto de Vasconcelos, Antonio Bernardo da Silva, Antonio Sobrinho, Antonio Virgílio Pereira Coelho, Antonio Siqueira Cunha, Antonio Ladislau Ribeiro, Ananias Januário da Mota, Ananias Gadelha, Aristóteles da Silva Freire, Armando Augusto da Silveira Varela, Artur Gadelha, Artur Moreno da Silva, Benevenuto de Figueiredo, Cândido Benigno, Carlos Flaviano da Cunha, Carlos Henriques da Rocha, Carlos Alves de Souza, Carlos de Oliveira Lopes, Celso Caetano dos Santos, Celso de Oliveira Correia, Cicinato Fontes da Silva, Cirilo Borges de Paula, Deocleciano Xavier de Souza, Domingos José de Barros, Domingos Fernandes de Lima, Dorvalino Lautert, Edgar Au-



gusto da Silveira Varela, Eneas Ferreira, Epaminondas de Souza Lima, Eufrásio Martins Pedrosa, Euclides Ferraz Viana, Eugênio de Oliveira Viana, Érico Gambeta Pereira de Almeida, Fabricio de Aruda Wanderley, Fellipe Rebez, Filadelfo Maia, Fiel Salvador de Freitas, Flávio Flaviano Baptista, Francisco de Assis Gondim, Francisco Passos, Francisco Barreira Nanan, Francisco Santiago, Francisco Barreira, Francisco Souza, Francisco Sales Filho, Francisco Riquet, Francisco Figueiredo Filho, Francisco Lopes de Santana Lima, Jayme Mendonça, João Taumaturgo Sobrinho, João Veridiano, João Fragoso Monteiro, João Severiano da Silveira, João Gonçalves Viana, João de Abreu Pereira, João Nepomuceno Gomes, João Aprígio de Avelar, João Siqueira da Cunha, João de Souza Sobral, João Cosmo da Silva, João Machado, João Nepomuceno, Joaquim Gomes da Silveira Ramalho, Joaquim da Silva Leal, Joaquim José de Matos, Joaquim Meireles de Andrade, Joaquim Leite de Carvalho, Joaquim Alves dos Santos, José Amâncio Pereira, José Avelino Filho, José Tavares Feitosa, José Freire do Prado, José Gomes da Silveira, José Ferreira de Amorim, José Cândido de Oliveira, José Alfredo Leão Martins, José Carlos de Oliveira Sampaio, José Lucas dos Santos, José Inácio, José Ferreira de Paula, José Benevenuto de Figueiredo, Justino de Queiroz Costa, Julio de Vasconcelos,, Luiz Soares Barbosa, Luiz Fonseca Milanez, Luiz Almeida Cavalcante, Luiz Cerqueira de Carvalho, Luiz Frederico da Silva Bana, Luiz Aleixo, Luciano da Cunha Fiuza, Lourival Cavalcante, Manuel Luiz de Meireiros Filho, Manuel Quirino de Souza, Manuel Alexandrino dos Santos, Manuel Simeão de Lima, Manuel Feitosa de Albuquerque, Manuel Carlos de Moraes, Manuel Simões, Manuel Alexandre da Silva, Manuel Pereira dos Reis, Manuel Sebastião de Lacerda, Manuel Monteiro de Moraes, Manuel Justino de Fontes, Manuel Xavier de Lima, Mario Pinheiro, Marcos Gomes dos Santos, Martins Acácio de Oliveira, Matias Bastos e Silva, Miguel Feitosa, Orlandino Hermano Cardoso, Olinto Cavalcante, Oscar Rocha, Otávio Soares de Pinho, Ovídio Carneiro, Pedro Amâncio Pereira, Pedro de Alcântara Rodrigues de Almeida, Pedro Francisco de Souza, Pedro José dos Santos, Pedro Maciel Pinheiro, Raimundo Neves de Mendonça, Romariz M. de M. Bittencourt, Rozendo José da Silva, Rubens Nelson Alves, Ruy de Alencar Mattos, Salvador Desiré Ponain, Sebastião Bezerra de Lima, Samuel Jeremias da Silva, Vicente Balbino da Costa, Vicente de Brito, Zacarias Gondim de Lima.

3.<sup>a</sup> Seção — Castelo — 33 eleitores

Anfrísio Valamiro Fernandes, Antonio Marinho Falcão, Antonio Nembri Vezani de Brito, Bertoldo Nunes dos Santos, Domingos Ri-




beiro de Magalhães, Emídio Batista Chaves, Euclides Gomes de Moura, Francisco Teófilo da Mota, Hipólito Vaz da Cruz, Inocêncio Batista Chaves, Jacob Abtibol, Joaquim Pereira Guimarães, Joaquim Ludugero Garcia, Joaquim Lopes Teixeira, João Sabino de Paula, João Veneraldo de Assis, João Firmo Cunha, João Ribeiro Souza, João Paulo de Carvalho Tolentino, José Torres da Rocha, José Joaquim Leite, José Alípio Nobre, José Facundo de Magalhães, José Fialho, Luiz Ribeiro do Nascimento, Manuel Lins Cavalcante de Albuquerque, Manuel Firmino de Carvalho, Manuel Leite de Melo, Manuel Meireles de Queiroz, Manuel Martins Nobre, Manuel Virgínio de Lima, Odilon Batista da Fonseca, Pedro Joaquim de Santana.

4.<sup>a</sup> Seção — Florescência — 24 eleitores

Alfredo Martins da Silveira, Alfredo Vieira Lima, Ernesto Borges Filho, Ezequiel de Souza Moura, Fabriciano Hoyos, Felismino da Costa Rego, Francisco Bernardo da Cunha, Francisco Castelo Branco Brasil, José Antonio Cavalcante, Francisco Gomes de Souza, Herculano Cabral de Lira, João Baptista D'Alcântara, José Cesário de Farias, José da Costa Gadelha, Lúcio Teles de Carvalho, Manuel Messias da Costa, Manuel Nogueira Borges, Moisés Alvino de Souza, Neutel Fernandes Pinheiro, Raimundo Martins D'Almeida, Raimundo Nonato Brasil, Raimundo Fernandes Ribeiro, Tito Carlos Machado, Vitor José Dias.





Composto e Impresso  
na  
**IMPRENSA OFICIAL**  
Rua Leonardo Malcher, 1189  
Manaus-Amazonas







## ERRATA

Página

Onde se lê

Leia-se

7

Seringais e Barrocha

Seringais e Borracha

68

27 de setembro de 1904

21 de setembro de 1904

118

o Souto

o Soure

## ACRÉSCIMO

194

Após a 5.<sup>a</sup> linha acrescentar os seguintes nomes próprios omitidos: Avelino Chaves, major João Baptista d'Alcantara, doutor Cesarino Doce, doutor Jaime Mendonça, doutor Aristides Lemos, doutor Bernardo Porto, coronel José Matos, doutor Areal Souto, doutor Victoriano Freire.

## ERRATA

PAGINA 171

ONDE SE LÊ: Intalação  
Leia-se  
Instalação





















Este livro retrata fatos vividos no interior do Acre, em Sena Madureira, hoje já transformados em páginas de história, e mostram a pujança da "civilização da borracha", já numa fase de declínio.



# Gazeta do Purús

NOVA PHASE

ANNO IV—N. 94

SENNA MADUREIRA, 27 DE JULHO DE 1921

Município do Purús  
TERRITÓRIO DO ACRE

## As eleições do dia 28

O Partido Republicano do Alto Purús apresenta ao voto dos seus correligionarios, na eleição do dia 28, para vogaes do Conselho Municipal, os seguintes nomes:

MAJOR PEDRO DE ALCANTARA RODRIGUES DE ALMEIDA  
Commerciante, residente nesta cidade.  
ANTONIO AUGUSTO DE AMORIM  
Pharmaceutico, residente nesta cidade.  
MIGUEL FRANCISCO DE SOUZA  
Commerciante, residente nesta cidade.  
JOSÉ COLLARES DA PENHA  
Artista e proprietario, residente nesta cidade.  
LUCIANO DA CUNHA FIUZA  
Guarda-livros, residente nesta cidade.

Fiscalizarão as eleições, pelo partido—na 1.ª secção:  
DR. VICTORIANO DA SILVA FREIRE.

Na 2.ª secção:

CEL. FRANCISCO APRIGIO RIQUET NOGUEIRA.

## O PLEITO DE 28

E' profundamente consolador para nós a animação e o movimento que se notam em torno da proxima eleição municipal.

Esse estremecimento de vontade e de prazer por parte da nossa população era de esperar, e diante disso só podemos ter satisfações sinceras, vendo como essa alta aspiração de soberania, consubstanciada no direito do voto, é recebida agora, na sua realidade, como um verdadeiro acontecimento.

O eleitorado se anima, as idéas se convocam, cruzam-se as opiniões, as apreciações se firmam, em summa, qualquer cousa de sensacional sacode os nossos nervos, indicando calor, actividade, vida.

O prestigio dos nossos homeres vae-se integrando em correntes de sympathia e apoio, harmonizando juizos isolados numa só idéa collectiva e espontanea, annunciando partidos vigorosos e organizados.

Realmente a eleição proxima está nos dando já o albor de uma vida nova, em imprevisos e coisas nunca sentidas em nosso meio.

Entretanto devemos confessar: A esse prazer innocente que traz o nosso eleitor a votar pela primeira vez sem a menor paixão politica, já espiritos perversos vão inoculando o vicio que aniquila os livres impulsos da vontade e da consciencia.

O sonho das maiorias desperta as ambições do triumpho e os escrupulos de alguns chefetes excedem em desrespeito á honestidade dos eleitores.

Temos visto como trabalham alguns delles em opposição ao P. R. A. P., a unica organização partidaria que entre nós tem proporções de voto.

Andam em verdadeira caçada de consciencias pelos arredores da cidade, como sempre utilisam-

do o chavão assás conhecido da promessa; illudindo aqui e ali, num verdadeiro afan de pouca vergonha e dislate.

Só mesmo espiritos muito infantís se deixarão engodar por promessas feitas em vespéras de eleição.

A cabala exercida pela promessa de recompensa é um pessimo signal de fraqueza partidaria.

A boa politica não se insinúa, attrahe; não suborna, respeita.

E' imprudente a precipitação desses caçadores de votos.

Confessamos, vemos factos dessa ordem com bastante desgosto, mas estamos certos que o eleitorado do Purús saberá cumprir o seu dever, repellindo os intuitos dessa campanha mesquinha, que procura levantar frouxos prestigios sobre a ruina do proprio eleitor que se deixa vencer.

O voto hypothecado a um interesse qualquer, passada a eleição, só serve de opprobrio ao eleitor que o deu, no proprio juizo de quem o pedio.

Só o P. R. A. P. tem o animo largo e despreoccupado para garantir aos seus filiados a victoria da eleição proxima sem illudir, sem prometter.

Firmado na opinião de seus correligionarios o seu valor está na fé robusta que distingue a grandeza de seus ideaes.

O P. R. A. P., sufragando a chapa publicada, levanta a sua victoria com o que é seu por sentimento e vontade.

A cabala é a fraqueza; é o recurso das facções vacillantes de prestigio.

Abaixo a cabala dos hefetes!

O P. R. A. P. é a victoria eleitoral, porque nelle está concentrada a população inteira do Município através dos seus quatro rios.

O Partido Republicano do Alto Purús é o bloco dos elementos radicados, dos que representam a nossa fortuna a nossa prosperidade, dos que dão vida e alento ao Município.

## O YRAPURU'

*Visto por muita gente é corrente e vulgar  
Contar-se e se dizer o quanto significa,  
Em verdade, cruel, o acto singular,  
Que só o Yrapuru' nessas mattas pratica.*

*Não è factó commum, trazer-se, conservar.  
Um passarinho preso a uma gaiola rica  
Com portas ao nascente, um optimo logar,  
Parecendo que tudo a bel prazer lhe fica?*

*O melro não consente; ao filho escravo, a sorte,  
Prefere, a uma prisão, dar-lhe o veneno, a morte.  
Diverso o Yrapuru', toda pena presente*

*No orgulho do seu canto, e ao filho preso avança  
O bico contra o bico, e entre dôr e vingança,  
Tira-lhe a lingua fóra e vôa, triumphalmente.*

Em 18—19—7—1921.

Ivan

## O ALVO DEVE SER OUTRO

Na chapa apresentada pelo partido Republicano do Alto Purús, para vogaes deste Município, figura o nome do conceituado guarda-livros desta praça, sr. Luciano da Cunha Fiuzza.

Com intuito de afastar do distincto moço o suffragio dos nossos eleitores, alguns individuos procuram fazer acreditar que o sr. Luciano Fiuzza é de nacionalidade portugueza, não estando por isso em condições de ser vogal.

Só a espiritos infantís poderia colher a balela, pois quem quer de mediano senso não admitirá que o Partido, ao tomar o nome do sr. Fiuzza á indicação do cargo que se vae pleitear, não tivesse a consciencia exacta e provas precisas da sua nacionalidade.

O sr. Luciano Fiuzza é brasileiro, nascido em Santo Antonio, Rio Madeira, no Estado do Amazonas, tendo apenas recebido a sua educação na Europa, de onde regressou ao seu paiz, procurando a Amazonia, a mesma terra onde nasceu, para exercicio de sua actividade.

O sr. Fiuzza, pois, alem de brasileiro legitimo, é um combatente desta região, pertencendo á *velha guarda* dos que aqui teem lutado e ainda lutam sem desanimo e sem vacillações.

Que os caçadores de voto mudem a portaria, que o alvo deve ser outro.

*Estrangeiros* parecem, sim, os que usam de pretextos tão tôlos, julgando com isso enganar brasileiros.

Quando isso não bastasse a destruir essa campanha insensata, o sr. Fiuzza é eleitor e, para o ser, já o processo de alistamento teve em si as provas ligadas da sua qualidade de brasileiro, não sendo de pôr-se em duvida ante o dito de um Zé-ninguém qualquer, a inteireza do juiz que apurou a sua habilitação.

Todavia, e para desmoralizar os

pescadores de aguas turvas, está no Cartorio do Registro Civil no Forum, a certidão de baptismo do sr. Fiuzza, firmada pelo Conego Francisco da Fonseca Coutinho, em Santo Antonio do Madeira, aos vinte de setembro de 1892, firma devidamente reconhecida; igualmente qualquer curioso encontrará naquelle cartorio o diploma de guarda-livros, stenographo e dactylographo, conferido ao sr. Fiuzza pela Escola Practica Commercial do Porto, e ainda nesse titulo se verá que aquelle candidato não renunciava sua patria quando a estudos no estrangeiro.

## Agricultura

Registro de Lavradores

Devem os nossos lavradores comparecer á Inspectoria Agricola para registrarem as suas culturas, afim de que possam gozar dos favores concedidos pelo governo. Transcrevemos as vantagens dos inscriptos no registro:

Art. 1.º—O Registro de Lavradores, Criadores e Profissionais de Industrias Connexas, estabelecido no Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, de accordo com a portaria de 21 de Setembro de 1909, tem por objecto a estatística dos profissionais de agricultura, criação e industrias ruraes existentes no paiz, mediante o disposto na citada portaria e nas presentes instruções.

Art. 2.º—Os lavradores, criadores e profissionais de industrias connexas, que se inscreverem no referido registro, gozarão das seguintes vantagens:

a)—preferencia na distribuição de sementes, plantas e publicações que fizer o Ministerio;  
b)—dispensa de attestado profissional, quando requererem ao Ministerio sobre o assumpto em que seja exigido tal documento;  
c)—preferencia na obtenção



dos favores contidos no decreto n. 7.737, de 16 de Dezembro de 1909, (2) relativo a importação de animaes reproductores;

d)—preferencia em caso de requisição de veterinarios do Ministerio e no fornecimento de medicamentos, serums, vaccinas, etc., quando verificar-se qualquer epizootia em animaes de sua propriedade;

e)—preferencia nos auxilios prestados á agricultura pela Directoria de Inspeção, Estatística e Defesa Agricolas (1) e por outras dependencias do Ministerio.

(a) Hoje decreto n. 11.579, de 12 de Maio de 1915.

(1) Hoje 2.ª Secção da D. G. de Agricultura.

## Dr. Areal Souto

Do *O Futuro*, do Rio Branco, edição de 12 de junho, transcrevemos as seguintes palavras de justiça aos meritos do nosso preclaro amigo dr. Areal Souto, digno Intendente Municipal:

*Tudo cumprido a sua missão de confiança no desempenho do cargo com que fôra distinguido pelo dr. Governador Geral do Acre, durante a ausencia de S. Exc., o sr. dr. Antonio Pinto do Areal Souto solitou a sua exoneração, para melhor attender aos multiplos e imberiosos misteres da sua profissão de caudillo de renome no vizinho municipio do Alto Purús.*

*O illustre funcionario que se demitte,—não ha negar—desempenhou a contento geral dos acreanos, desde o momento difficil e algo sombrio em que assumiu o cargo de alto relevo na administração do Territorio até a chegada do dr. Epaminondas Jacome, as funções que não bem soube honrar com as luzes da sua cultura juridica e as ponderações do seu criterio de burocrata, a que se aliam, num rolletario inconfundível e de inestimavel valia, os seus predicados de cavalheiro e de cidadão.*

*É do dominio publico a sua orientação no momento agitado do tempo a dar ás levadas dos nossos emigrantes descoroados pela crise, e tentados pela concessão de passagens mal comprehendida.*

*Nesse momento, e noutros de apprehensões e que, de recentes, dissemular maior referencia, vimos e aquilantamos da firmeza e serenidade do timoneiro que respondia pelo expediente official.*

*O dr. Areal Souto tem agora harmonizado os seus interesses com os da administração publica a que se habituou a servir, desde muito, com a nomeação de chefe de Contabilidade e de Instrução da Secretaria de Palácio.*

*O FUTURO, fazendo justiça aos meritos do fulgurante confrade acreano, saída-o nestas linhas."*

## Agradecimento

A GAZETA DO PURUS, pela noticia do meu anniversario, e a todos os que me presentearam e cumprimentaram por cartas, cartões e telegrammas, pelo mesmo motivo, mando o meu sincero agradecimento.

Senna Madureira, 24 de Julho de 1921.

Victoriano Freire.

## O CAMBIO

O sr. Agente do Correio recebeu, em data de 19, o seguinte radio expedido a 18 de Manãos: "Taxa cambial Franca 1.800.

Yen 4.690.— (a) Antonio Krichanã, Contador."

ATÉ certo ponto não se pode negar que a cabala é um recurso legitimo do candidato a votos, quando elle expõe ao eleitorado o seu programma e as suas idéas. Nisto mesmo está a substancia do nosso regimen republicano, em que se entrebatem principios e não pessoas. O suffragio, entre nós, não é senão a sagração da collectividade ao desempenho que o candidato se propõe dar ao cargo que aspira. O passado, a vida do candidato também influem na decisão do eleitor, mas apenas como a garantia do programma a executar.

Ora, o que está pondo em pratica um certo grupo aqui, que pretende eleger vogaes, é tudo o que ha de menos digno e honroso.

Já não queremos fallar no grotesco das cavalhadas espantosas em que perambulam pelos arredores da cidade os chefes daquelle grupo, num cerco apertado aos agricultores das zonas suburbana e rural. Também não nos aprez uma referencia a um candidato que, com uma caixa de ampoulas, andou varando Secca e Mecca, injectando a saúde nos impaludados e realizando por esta forma o milagre da prophylaxia, que era o X. do problema acreano.

Tudo isto seria apenas risivel se elles não andassem prometendo mundos e fundos a cada eleitor, roupas calçados, rancho, e desta maneira tentando subornar os nossos agricultores. Ora, isto é uma treina de immoralidade, e mais do que isso, um crime severamente punido pelo Cod. Penal. É a compra do voto, e no fiado, que, afinal de contas, teria de resultar no mais completo callo.

Não acreditamos absolutamente que haja em Senna Madureira um eleitor, ao menos, que se deixe comprar, perdendo sua honra em troca de um prato de lentilhas que elle não comerá nunca. É um insulto aos nossos homens de trabalho, que repellindo, como têm feito, as propostas deshonestas a que nos referimos, defendem a sua dignidade e o seu brio.

Outro facto grave é estarem se servindo aquelles chefes do nome do dr. Epaminondas Jacome, Governador Geral, para coroar essa campanha de tentativa de compra ao eleitorado.

Na tarefa da caça aos votos espalharam que S. Ex. os prestigio, dando-lhes um apoio secreto que muito breve virá a furo, no fim do mez, com a demissão do dr. Areal Souto do cargo de Intendente Municipal e a nomeação para esse lugar do dr. Assis de Vasconcellos, adepto do grupo.

Ora, o dr. Governador faz timbre em manter a sua neutralidade de nas luctas politicas do territorio. E, pois, uma torpe desconsideração a S. Ex. da-lo como bandeira das pretensões, embora só eleitores, que elles alimentam.

Havemos de ver no dia 28 se alguem se deixou embahir por esses tristes processos que delatam a mais completa falta de prestigio no eleitorado e alguma cousa mais

## O VOTO LIVRE

Do Gabinete do Sr. Intendente recebemos para dar publicidade, o radio abaixo:

RIO BRANCO, 26.—Intendente Municipal.—Senna.—Governador determina tornar publico deseja todos funcionarios sua administração compareçam urnas dando plena absoluta liberdade escolha candidatos.

Francisco Conde,  
Secretario Geral.

### Todos podem ser politicos

Tivemos conhecimento, que, em radio para aqui dirigido, o Sr. Governador do Territorio prohibio terminantemente que qualquer autoridade do Governo Geral se utilize de suas funções e poderes inherentes para coagir a livre manifestação do voto aos funcionarios dependentes da repartição que administrar.

Entretanto S. Ex. faz bem patente e claro no mesmo radio que nos foi dado a conhecer, que qualquer funcionario de seu Governo póde ser abertamente partidario, tomando parte em qualquer directorio politico, assignando as circulares que entendam, conforme aos interesses de sua aggrimação.

Está, pois, nesta recommendação de S. Ex., um gesto severo de elevada comprehensão dos direitos do cidadão, reprovando o excesso e o abuso do poder, mas resguardando como suprema garantia das formulas republicanas a função politica de cada um nas manifestações da soberania nacional.

ULTIMA.—A incrível e criminoso oppressão que um agrupamento sem prestigio está exercendo no eleitorado, servindo se de ampla derrama de promessas, como se alguem se deixasse peitar no momento em que o cidadão é chamado a cumprir um dever civico da mais alta relevancia, encontrou agora um derivativo francamente humoristico.

Talhados no ultimo modelo do bom-tom, alinhavam-se e costumam-se ás pressas dez fatos electoraes, que irão vestir a carcassa dos que elles suppõem definitivamente adquiridos pelo preço mais ignominioso da compra.

Nada mais surprehende agora nesta materia de exploração dos electores, que terão acolhido a nova com o sorriso mofento do maximo desprezo, merecido pelos que acreditam dispor assim, e por tão pouco, da consciencia de homens honestos.

Onde estará esse que por um fato de brio seja capaz de prevaticar á sua honra?

Mais engraçada ainda é a pan-dega versão, espalhada entre lavradores, de ter sido nomeado um thuriferario delles para chefe politico de Senna Madureira.

Esta é a tromba como pilheria, e nem ao diabo lembraria.

Aguardemos o pleito e veremos a derrota do grupo, sem embargo das mystificações com que só visam ludibriar os electores, offendendo-lhes o decôro proprio.

## AGENCIA DOS CORREIOS

PORTARIA N. 34 de 18 de Julho de 1921.—Estando designado o dia-28 do corrente, para a eleição dos cargos de vogaes deste Municipio, cumpre-me de clarar aos funcionarios desta Repartição, que no referido dia 28, de accordo com a regra 2.ª paragrapho 8.º do artigo 498 do Regulamento Postal que baixou com o Dec. n. 14.722, de 16 de Março do corrente anno, o ponto é facultativo para aquelles que votarem.

Recomendo que cada um dos funcionarios exerça a nobre função de voto com toda liberdade, sufragando os nomes que de convicção julgar capazes e idoneos para esses cargos, guardando toda isenção de animo no referido pleito.—Cumpra-se. (a) Celso Caetano dos Santos, Agente.

## A festa do Papa

As demonstrações de affecto filial para com o Summo Pontifice, as quaes em aspectos multiformes se repetem por toda a parte nas populações catholicas, juntou-se este anno pela primeira vez a nossa freguezia, regida pelos frades da ordem dos Servos de Maria.

Por iniciativa da Irmandade de N. S. das Dores, no dia de S. Pedro, a festa teve na igreja desta cidade o seguinte programma: de manhã, missa cantada e participação dos fieis nos Santos Sacramentos; á tarde, benção publica e solemne dos Irmãos com a presença das autoridades civis e militares.

A photographia do actual Summo Pontifice Bento XV e a bandeira papal, expostas publicamente, davam á festa um caracter de novidade.

O Presidente da Irmandade, o Cel Francisco Barreira Nanan, expoz os trabalhos da Irmandade nos seus poucos mezes de vida.

O Sr. Cincinato Fontes, socio da Irmandade, leu uma oportuna demonstração da obra grandiosa dos Summos Pontifices e especialmente de Bento XV em beneficio da sociedade, e por ultimo D. Frei Prospero Gustavo M Bernardi, O. S. M., illustrou o fim da festa, que é de exaltar o prestigio da autoridade, quem quer que a exercite, do pae de familia ás mais altas magistraturas, espelhando-se todos nos Vigarios de J. C., cuja serie de 260 Pontifices apresenta 33 martyres e mais de 100 Santos e Bemaventurados.

Compareceram á igreja todas as autoridades de Senna Madureira.

## CONCURSO DE CARTEIROS

O sr. Celso Caetano dos Santos recebeu o seguinte radio:

MANAOS, 19.—Agente Correio Senna—Communico-vos foi aberta inscripção concurso carteiro podendo concorrer estafetas conductores a quem deveis scientificar. Concurso consta quatro operações fundamentaes arithmetica leitura dictado e analyse de um trecho portuguez. Praso inscripção 40 dias contar vinte corrente.—(a) Rual Azevedo, administrador.



# Martellando

O douto e muito celebre Victor Hugo, que durante toda sua brilhante carreira litteraria já mais representou o papel ridiculo de conselheiro Accacio, afirmou de certa vez, com a autoridade do seu proprio prestigio, que dizer a verdade era tambem amar.

O acerto desta phrase do profundo poeta e prosador, salta aos olhos dos menos intelligentes, embora nem todas as verdades se possam dizer á vista de uns tantos olhos.

Comtudo, outro não tem sido o nosso procedimento nos ligeiros alinhavos das linhas deste "Martellando," senão o de dizer a verdade sem a preocupação de agradar a esta ou aquella pessoa, mesmo porque amamos indistinctamente a todos, sendo bem sabido que pancadas de amôr não doem.

Resta-nos, porem, indagar, se quando o grande genio francez escreveu aquella phrase, talhava carapuças para alguém.

Cremos que sim, e nestas condições, pesa-nos bastante a nossa falta de originalidade nas que costuramos, sem adornos e sem esmero, simples obras de carregação, ao alcance das cabeças a que melhor se ajustam, adquiríveis a titulo gratuito, sem preço previo nem pagamento á vista.

Está bem claro que não conllecionamos carapuças por encomendas, porque então seriam rotuladas, e de feito mais atrahente.

Em todo caso, sempre nos é agradável e util o uso que se faça dellas, sejam embora apañhadas ao léo das encurruadas, por quem dá mostras de lhes pertencerem as mesmas, que um desleixo qualquer abandonou na sargeta da primeira rua.

Queu assim procede ama a seu modo as coisas que lhes são curas.

Não o censuramos por isto; cada qual como Deus o fez.

Mas por quem é, não nos queira esfriar a scena e deixe-nos continuar a falar dos malandros, e dos vagabundos, dos mexeriqueiros e dos intrigantes, para felicidade de todos e da terra que não amam, tanto quanto nós amamos.

Aqui está uma verdade que ninguém nos poderá contestar de boa fé, á qual faremos seguir outras, no correr destas pobres linhas, como provas robustas de nosso amôr aos homens e á terra estremecida que habitamos: Muita gente queixa-se, neste antigo Departamento, da carestia da vida actual, em que tudo se compra pela hora da morte, no que têm carradas de razão.

Ignoram, no entanto, que lá por baixo as coisas estão muito mais feias e carrancudas do que á primeira vista parece. No Sul, quem é pobre é pobre mesmo, ao passo que aqui só é pobre o rico de preguiza!

No Ceará, Rio Grande, Parahyba etc., o pobre tudo sabe fazer e aproveitar, auxiliando-lhe nos encargos domesticos a propria mulher e filhos.

Lá, plantam mamona e algodão, fazem azeite, fiam, e tecem desolham e moem milho para o mungunzá e o xerem, comem angú e bebem quibebe de maxixes, caçam-se nas quatro festas do anno, as mulheres e creanças, sapatos de marroquin, os homens, botinas ordinarrissimas de pelle de carneiro, empregando-se

estes muitas vezes com o fazendeiro em cujas terras moram, por uma novilha de vacca, pelo espaço de doze mezes.

Innumeros são os que deixam de se cobrir á falta de lenções ou cobertores, e é grande o numero dos que não possuem uma rede ou ao menos uma cama!

Não conhecem o que sejam pasta Lubin ou Colgat's, nem Houbigant ou Fleurs d'Amour, mas carvão ou telha pilados, patcholi ou orisa. Porventura será isto o que vemos entre nós? Porque é então que ainda não comprehendem a sua situação os nossos patricios aqui residentes?

Si o homem trabalhasse aqui metade ou menos do que trabalham naquelles Estados, certamente todos estariam ricos ou nada lhes faltaria, na peor das hypotheses.

Comecemos por abolir o ke-rozene que compramos a \$1500 a garrafa, substituindo-o pela andiroba, pela copahyba ou pela m-mona. Plantemos algodão, pilemos o milho, "batamos rijos na bigorna" tenhamos vergonha, trabalhemos emfim.

Figulus

# Pelo Macauhan

Constando-nos que os aviados da casa Pinho Certo, no alto Macauhan, e extractores de gomma elastica dos seringas Riozinho e Oriente, da mesma firma, se tinham tornado hostis áquella casa, procuramos o sr. Adolpho Bastos, digno auxiliar da dita casa Pinho Certo, que se acha entre nós, afim de nos elucidar a respeito.

O sr. Bastos, que nos attendeu com a solicitude que lhe é peculiar, disse nos que tal boato era completamente infundado, porquanto, logo que chegou áquelles seringas, de volta de sua ultima viagem a esta cidade, foi visitado por todo o pessoal extractor e bem assim pelos srs. cel. José Procopio Nogueira, grande proprietario n'aquelle rio, e Francisco Nunes de Castro, commerciante em Soledade e sub delegado de policia, os quaes offereceram toda a sua solidariedade á casa Pinho Certo.

Aclarado como fica o caso, resta-nos agradecer ao sr. Bastos o ensejo que nos proporcionou de bem informarmos os nossos leitores a respeito.

# SOCIAES

Fizeram annos:

Completo annos no dia 13, a prendada senhorita Mariinha Thaumaturgo, gentilissima filha do nosso amigo sr. João Thaumaturgo Sobrinho, operoso commerciante de nossa praça.

Festou no dia 13 seu anniversario natalicio, a Exma. Sra. D. Herodina Bezerra Siqueira, esposa do sr. João Siqueira, funcionario da Mesa de Rendas Federaes.

No dia 14 completou mais um anno a galante menina Carmen Dinahir, filha do sr. Orlandino Cardoso, digno secretario da Intendencia Municipal.

Transcorreu no dia 15 o anniversario natalicio da prendada senhorita Julia Machado dilecta filha do nosso amigo sr. Joaquim Sansão Gonçalves Machado.

Tambem no mesmo dia festou seu anniversario natalicio, a Exma. Sra. D. Maria José Bezerra de Farias, esposa do nosso amigo Sr. Miuervino Bezerra de Farias.

Fessou no dia 23 do corrente o anniversario de casamento do nosso bono amigo Alexandrino José dos Santos, ar-

tista e empreiteiro de obras nesta cidade. Todos os que foram levar cumprimentos ao distincto casal, receberam as mais captivas gentilezas, notando-se, entre outras, muitas pessoas de destaque em nosso meio social, o que prova o grau de estima dos festejados.

Hospedes e viajantes:

Após alguns dias de permanencia entre nós seguiu para Manãos no dia 6 do corrente o distincto moço Demetrio Paschilla, filho do nosso amigo e grande industrial no Cayeté, sr. Demetrio Paschilla. Boa viagem.

Acha-se nesta cidade o sr. Adolpho Bastos, digno auxiliar da casa Pinho Certo, em Riozinho, no Macauhan.

Major João Baptista d'Alcantara

Volveu a 11 do corrente para o alto Yaco este nosso prestimoso amigo, a quem desejamos boa viagem.

Cel. José Demetrio Pacheco

Vindo do seringal S. Pedro do Igo, acha-se entre nós, de passagem para Belém, este distincto amigo, a quem tivemos o prazer de abraçar

Cel. Raymundo Nonato Brasil

Esteve alguns dias nesta cidade, a negocios de sua casa commercial, o importante industrial do rio Yaco Sr. Raymundo Nonato Brasil.

Vindo do alto Yaco acha-se nesta cidade o Sr. João Cancio Fernandes.

A negocio de sua conceituada firma esteve alguns dias entre nós o pharmaceutico Sr. Francisco Castello Branco Brasil, de Santa Clara, no rio Yaco.

Volveu do Pará o Sr. Francisco Rodrigues, activo auxiliar da casa Pinho Certo.

Acha-se nesta cidade o agronomo Sr. José Anchieta Siqueira Torres, ajudante da Inspectoria Agricola do 2º Distrito (Acre), com séde nesta cidade.

Esteve alguns dias entre nós, vindo de novo ao alto Yaco, o nosso amigo Sr. Roberto de Figueiredo, digno representante da casa Ferreira Costa & C., do Pará.

Missa-Convite

D. Raymunda de V. Fernandes

No dia 5 de agosto passará o primeiro anniversario do fallecimento, no Rio de Janeiro, da Exma. Sra. D. Raymunda de Vasconcellos Fernandes, pranteada esposa do nosso digno amigo Major João Cancio Fernandes, commerciante do rio Yaco.

O viuvo da virtuosa senhora fará celebrar na igreja desta cidade uma missa, naquella dia, ás 8 horas, e para assistila convidá por nosso intermedio os parentes e amigos que queiram prestar á alma inesquecivel da moria essa homenagem de piedade christã.

OBITO

A 6 do corrente falleceu em Belém, no rio Yaco, a senherita Maria Ascenção d'Avila, filha do Sr. Lourenço Manoel d'Avila e dona Jovina Marques d'Avila. Nossos pesames á familia enlutada.

ALDEMAR ALVES MACHADO

Falleceu hontem nesta cidade, á rua Macapá, depois de atroz enfermidade que em poucos dias o prostrou, o jovem Aldemar Alves Machado, filho do nosso velho e leal amigo Joaquim Sansão Gonçalves Machado, ex-funcionario da Prefeitura, dispensado em virtude da ultima reforma do Territorio.

Aldemar, era um dedicado ao trabalho, apesar de ter apenas 14 annos, e constitua um arrimo de sua digna familia.

Levamos as nossas condolencias aos inconsolaveis paes, irmãos e parentes do desventurado Aldemar.

O enterramento se effectuará hoje, ás 8 1/2, sahindo da casa em que se deu o obito.

# INTENDENCIA MUNICIPAL

Administração do Exmo. Cel.

FRANCISCO A. RIQUET-NOGUEIRA

ACTOS OFFICIAES

Gabinete do Intendente

RADIOS EXPEDIDOS

Mez de Março

SENNA MADUREIRA, 1. N. 81 - Dr. Director Saúde - Rio Branco. - Informa Delegado Saúde, reina epidemia bovinos malchires, Hontem quatro victimas

fulminante. Redobrada fiscalisação gado abatido consumo, vacas leiteiras melhor exame mas vacas solicito essa Directoria tuberculina Kock, apparatus injeções. Francisco Riquet, intendente municipal.

SENNA MADUREIRA, 7. N. 82. - Exmo. Sr. Dr. Acrisio Bezerr, Intendente Juruá-Agradeco V. Exc. comunicação visita esse Municipio Exmo. Sr. Dr. Governador. Apresento V. Exc. povo Juruá expressão sinceração auspicio acontecimento. Saudações. - Francisco Riquet, intendente municipal.

SENNA MADUREIRA, 9. N. 83. - Exmo. Sr. Dr. Epaminondas Jacome, Governador Territorio-Juruá-Chatá Olinda viagem Acre, foi saqueada dia 6 seringal Redempção cerca 200 homens apoderando 173 volumes carga, rancho, inclusive 19 volumes remetidos V. Exc. Entre assaltantes figurava Francisco Gonçalves Dias homem povo que ao apoderar-se carga Governador dizia preferir pessoa V. Exc. Cordeas saudações. - Francisco Riquet, intendente.

SENNA MADUREIRA, 9. N. 84. - Dr. Secretario Geral Territorio-Rio Branco. - Chatá Olinda viagem Acre foi saqueada dia 6 seringal Redempção cerca 200 homens apoderando 173 volumes carga, rancho, inclusive 19 volumes remetidos Governador. Entre assaltantes figurava Francisco Gonçalves Dias homem povo que ao apoderar-se carga Governador dizia preferir pessoa Governador. Saudações. - Francisco Riquet, intendente.

REQUERIMENTOS

DESPACHADOS

Mez de Março

Olyntho Cavalcanti, pedindo relevancia da reprehensão constante da portaria do Exmo. Sr. Cel. Intendente Municipal de 25 de fevereiro p. findo. - Havendo insufficiencia de sellos, revahida e volte, querendo.

- Rocha & C., requerendo pagamento de 1980\$, de 165 carradas de lenha fornecidas a Usina Electrica nos mezes de janeiro e fevereiro findos. - Pague-se.

- Pedro José dos Santos, solicitando sua exoneração do cargo de foguista - electricista da Usina de Electricidade. - Como requer.

- Rago Tobias, requerendo licença para construir um kiosque no Mercado Publico desta cidade. - Como requer, expõe-se o alvará de licença, cumprindo o requerente a informação da Directoria de Terras.

- Rubens Nelson Alves, pedindo isenção do pagamento de luz electrica em sua casa offerecendo por esse motivo os seus serviços a Intendencia. - Como requer, lavre-se portaria de nomeação de accordo com as propostas abaixo.

- José Jacob Chamma, pedindo visita sanitaria em sua casa do fote 28, afim de poder alugar-a. - Ao Dr. Delegado de Saúde.

- Francisco de Alencar Mattos, pedindo para tornar sem effeito a sua petição que transferencia para o sr. Rubens Nelson Alves a quantia de 2:406\$540, de seu saldo nesta Intendencia. - Não tendo sido transferido o mencionado credito, como requer.



—Euclides Agasilau de Sousa, requerendo em aforamento um lote de terras, á margem esquerda da Estrada do Acre, no qual já possui benfeitorias.— Como requer, ficando o requerente obrigado a cumprir o determinado na letra B da Lei n. 6, de 20 de maio de 1913.

—Francisco Martins de Azevedo, requerendo licença para reparar sua casa, á rua Amazonas.—Como requer, pago o alvará de licença.

—João Eurico Cavalcanti, requerendo pagamento de 78\$400 pelo fornecimento de 392 kilos de milho para a Intendencia.—Pague-se.

—Francisco José de Siqueira, pedindo visita sanitaria em sua casa no lote 146, afim de poder alugar-a.—Ao Dr. Delegado de Saúde.

—Magalhães & C., comunicando haver fechado seu esta- belecimento commercial de Padaria, á rua Macauhá.—De accordo com a informação, cobre-se apenas o primeiro trimestre.

—Os mesmos, requerendo pagamento de 60\$000, de uma balança que venderam a Intendencia.—Pague-se.

—Almeida Asséf, pedindo designação de um profissional para medir e demarcar o lote de terras rural, á margem do rio Cayaté.—Designo o sr. Rubens Nelson Alves, Director de Terras, para medir e demarcar o lote de terras referido.

—Bartholomeu José Areal, requerendo transerencia da quantia de 140\$000, do seu credito de exercicios findos para o sr. José Belarmino Barbosa.— Como requer,

### Despedida

Tendo de partir em visita Pastoral ao Rio Purús e desejando despedir-me particularmente de todos, na impossibilidade de fazel o pessoalmente, sirvo-me deste meio, embora a ausencia seja temporaria.

Senna Madureira, 30 de junho de 1921.

Fr. P. G. Bernardi,  
Bispo-Prelado.

### DECLARAÇÃO

O abaixo assignado declara ao commercio e ás repartições publicas deste Territorio e das praças de Manáos e Belém do Pará, que, por escriptura particular desta data, fez cessão e transferencia ao Dr. Geraldo Barbosa Lima, de todos os direitos que tinha na sociedade commercial de Lima, Castro & C<sup>a</sup> em liquidação, desta cidade, da qual se retira desonerado de quaesquer responsabilidades e sem direito a reclamação alguma futura, contra o cessionario ou mesmo contra a referida firma.

Senna Madureira, 4 de julho de 1921.

Hyppolito Estevam de Castro.  
Confirmo a declaração supra.  
Senna Madureira, 4 de julho de 1921.

pp. Geraldo Barbosa Lima  
Alexandre Silveira

### AG COMMERCIO E AO PUBLICO

O abaixo assignado previne o commercio e o publico em geral que modificou a sua firma commercial, que era Francisco Rage, para Chiere Rage, com a qual, desde 15 de junho p. p. responde

pelas tranzações da firma anterior, continuando com o mesmo ramo de negocio, á rua Amazonas.

Senna Madureira 1 de julho de 1921.

Chiere Rage.

## EDITAES

### JUIZO DE DIREITO

DE CONVOCAÇÃO DE MESARIOS

O Doutor Antonio Cesario de Faria Alvim Filho, Juiz de Direito, presidente da mesa eleitoral da 1.<sup>a</sup> secção desta Comarca:

Convoca pelo presente os mesarios doutores Bráulio Rocha e Liberalino Salles Gadelha, e, em sua falta, os supplentes cidadãos Attila Galvão e Raymundo Magalhães, para comparecerem na sala das audiencias no edificio do Forum, nesta cidade, no dia 28 do corrente ás 9 horas, afim de se constituir a mesa que ha de presidir a eleição para vogaes do Conselho Municipal que terá logar no referido dia.

E para sciencia dos mesmos, mandou lavrar este que, assignado, será affixado á porta do Forum, deste Termo, em que deverá funcionar a referida mesa, e reproduzido na imprensa. Senna Madureira, aos dezoito dias do mez de julho de mil novecentos e vinte e um. Eu, Julio d'Anzicourt, escrivão servindo de secretario, o escrevi. (a) Antonio Cesario de Faria Alvim Filho. Está conforme o original. — O Escrivão Julio d'Anzicourt.

### Juizo Substituto Federal

DE CONVOCAÇÃO DE MESARIOS

O cidadão João Thaumaturgo Sobrinho, 3.<sup>o</sup> supplente, em exercicio, do Juiz Substituto Federal, presidente da mesa eleitoral da 2.<sup>a</sup> secção desta Comarca:

Convoca pelo presente os mesarios cidadãos Francisco Salles Filho e Francisco Lopes de Sant'Anna Lima, e em sua falta, os supplentes cidadãos Aristoteles da Silva Freire e Mathias de Bastos e Silva, para comparecerem na sala do edificio onde funciona a Intendencia Municipal, nesta cidade, no dia vinte e oito do corrente, ás 9 horas, a fim de se constituir a mesa que ha de presidir a eleição para vogaes do Conselho Municipal que terá logar no referido dia.

E para sciencia dos mesmos, mandou lavrar este que, assignado, será affixado á porta do edificio da Intendencia Municipal, nesta cidade, em que deverá funcionar a referida mesa e reproduzido na imprensa. Senna Madureira, aos dezoito dias do mez de julho de mil novecentos e vinte e um. Eu, Joaquim Meirelles de Andrade, escrivão, servindo de secretario, o escrevi. (a) João Thaumaturgo Sobrinho. Está conforme o original. — O Escrivão Joaquim Meirelles de Andrade.

### Juizo Municipal do 1.º Termo

De proclamas de casamento com o prazo de 15 dias

O Escrivão de casamentos e Offi- cial do Registro Civil do 1.<sup>o</sup> Termo da Comarca de Senna Madureira, etc.

Faz saber que pelo seu cartorio se estão habilitando para casar: Olyntho Cavalcanti e Carlota Alves Gadelha. Quem souber de algum impedimento accuse-o para fins de direito. Senna Madureira, 12 de julho de 1921. — O Escrivão Julio d'Anzicourt.

### Juizo Municipal do 2.º Termo

O Doutor Eurico Rodolpho Paixão, Juiz Municipal do Segundo Termo Judiciario da Comarca de Senna Madureira, Territorio do Acre, por nomeação legal:

Faz saber aos que o presente edital chamando herdeiros virem, ou delle noticia tiverem, que por este Juizo foram arrecadados os bens pertencentes ao espolio do finado Francisco Chagas, os quaes foram postos sob a guarda e administração do Doutor Antonio Nembri Visani de Brito, Curador Geral de Ausentes, de conformidade com o disposto no regulamento de 15 de junho de 1859, e de accordo com o Decreto de 2 de maio de 1899, por este Juizo são chamados os herdeiros necessarios do dito finado e todos aquellos que tenham direito aos ditos bens a virem habilitar-se no prazo de 90 dias, e requererem o que for a bem de seus direitos. É para que chegue ao conhecimento de todos, mandou passar o presente edital, que será affixado no logar do costume, do que o portero dos auditorios dará certidão de o haver cumprido, e outro de igual teor para ser publicado na imprensa de maior circulação, ficando traslado nos autos para constar. Dado e passado neste logar Castello, aos trinta dias do mez de maio de mil novecentos e vinte um. Eu, Francisco Alfredo de Castro, escrivão interino, o subscrevi. (a) Eurico Rodolpho Paixão. Está conforme o original. — O Escrivão Francisco Alfredo de Castro.

O Doutor Eurico Rodolpho Paixão, Juiz Municipal do Segundo Termo Judiciario da Comarca de Senna Madureira, Territorio do Acre, por nomeação legal:

Faz saber aos que o presente edital de citação, com o prazo de vinte dias virem que, pelo accusado Manoel Nunes Filho, por intermedio do seu advogado, legalmente constituído, lhe foi dirigida a petição do theór seguinte: "Exmo. Sr. Dr. Juiz Municipal do Segundo Termo Judiciario da Comarca de Senna Madureira. Afim de deporem no processo-crime que responde o senhor Manoel Nunes Filho, requerido que sejam intimados os senhores José Garcia de Sousa, Francisco José de Sant'Anna, Daniel Pereira Agostinho, José de Amorim que sabem de factos exteriores ao delicto, e Messias de Oliveira, que chegou no logar onde dava-se o crime, no momento da lucta. Para os devidos fins, scientifico a V. Excia. de que todos são resideates no logar "Porto Central." Nestes termos p. deferimento. Santa Cruz, 7 de março de 1921. P.P. Moysés de Britto Lima. Estavam inutilizadas devidamente duas estampilhas de cercao no valor de seiscentos réis." Nessa petição foi exarado o seguinte despacho: "Intimem-se as testemunhas da presente petição para virem depôr na audiencia crime deste Juizo, a realizar-se no dia dezoito do proximo mez de ju-

no, ás 10 horas, com sciencia das partes. Castello, primeiro de maio de mil novecentos e vinte um. Eurico Rodolpho Paixão. E havendo-se expedido o mandado de intimação ás testemunhas e ao réo, nos termos do mesmo despacho, não foi mais o réo encontrado, pelo que, a requerimento do Ministerio publico local, ordenou fosse o mesmo citado por edital, com o prazo da Lei para, na audiencia-crime, a realizar-se no dia treze de agosto do corrente anno, comparecer a este Juizo, afim de assirtir á inquirição de suas testemunhas. Em virtude disso se passou o presente edital, que será publicado pela imprensa e affixado no logar do costume, pelo qual cita e chama Manoel Nunes Filho para comparecer a este Juizo, no dia neste designado, afim de assistir á alludida inquirição, sob as penas da Lei. Castello dezoito de junho de mil novecentos e vinte um. Eu, Francisco Alfredo de Castro, escrivão, o escrevi. (a) Eurico Rodolpho Paixão. Está conforme o original. — Francisco Alfredo de Castro.

### Mesa de Rendas Federaes do Alto Purús

#### EDITAL N. 7

#### IMPOSTO SOBRE A RENDA

Prazos para apresentação de balanço e pagamento do imposto

De ordem do Sr. Administrador desta repartição, se faz publico, para conhecimento dos interessados, que, conforme se vê da circular-telegraphica da Directoria da Receita Publica do Thesouro Nacional, de 29 de Abril ultimo, transmittida a esta Mesa de Rendas pela Delegacia Fiscal do mesmo Thesouro, no Amazonas, o Exmo. Sr. Ministro da Fazenda resolveu, por despacho daquela data, que os estabelecimentos commerciaes e fabris do interior do Amazonas e Territorio do Acre, (comprehendidos os desta cidade e interior deste Municipio), ficam obrigados a pedirem a respectiva matricula na repartição fiscal, local, até 20 de Julho proximo vindouro, na forma prescripta no Regulamento do imposto sobre a renda, (Dec. 14.729, de 16 de Março de 1921), e bem assim, a apresentarem os respectivos balanços á mesma repartição até o dia 30 do dito mez de julho deste anno e a pagarem o referido imposto no dia seguinte (31 do mesmo mez).

Mesa de Rendas do Alto Purús, em Senna Madureira, 27 de Junho de 1921.—O Escrivão, José B. de Figueiredo.

## LEILÃO

### DE MOVEIS E UMA CASA

á rua Cayaté, com varanda, quartos, sala de visita, corredor, dispensa, cosinha, banheiro, quintal e outros compartimentos.

### 30--SABBADO--30

ÀS 9 HORAS

O proprietario, sr. Hyppolito Estevam de Castro, tendo de seguir brevemente para o sul da Republica, resolveu fazer leilão da casa e de todos os moveis e utensilios.





## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA